

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO e MONTEIRO LOBATO.

REDACITOR-SECRETARIO: JULIO CESAR DA SILVA.

SUMMARIO

0 MOMENTO	P. P	193
"REVISTA DO BRASIL".		197
RUY BARBOSA	Julio Mesquita	199
REDEMPÇk^ l'versos)	Luis Murat	206
DUAS CAVALGADURAS	Monteiro Lobato.	211
O TESTAMENTO DO BANDEI- RANTE	Alcantara Machado	217
0 PRAZER DE AMAR.	J. Ramos	230
NOTAS A LAPIS SOBRE UM PINTOR INDEPENDENTE.	Gilberto Freyre	236
A NOVA GAZETA DA TERRA DO BRASIL	Clemente Brandenburger .	239
NOTAS SCIENTIFICAS	Arthur Neiva	243
CRÓNICA DE ARTE	Mario de Andrade	247

BIBLIOGRAPHIA — NOTAS DO EXTERIOR

RESENHA DO MEZ — DEBATES E

PESQUISAS — AS CARI-

CATURAS DO MEZ

S. PAULO

MONTEIRO LOBATO & Co. — EDITORES

RUA DOS GUSMOES, 70 — CAIXA, 2-B



REVISTA DO BRASIL — RUA DOS GUSMÕES, 70 — CAIXA, 2. B — SÃO PAULO
ASSIGNATURAS: — ANNO 20\$000 EXTRANJEIRO — 25\$000 NUMERO AVULSO — 1\$800
Toda a correspondência deve ser dirigida ao Redactor Secretario: Snr. JULIO CESAR DA SILVA

Teleph.

Cidade,

6278

BIOTONICO

FONTOURA

Fortificante poderoso

EFFICAZ EM AMBOS OS SEXOS

E EM TODAS AS EDADES

PREMIADO COM MEDALHA DE OURO
NA EXPOSIÇÃO DE HYGIENE DO CON-
GRESSO MEDICO BRASILEIRO

Fabricado exclusivamente nos grandes laboratorios do

Instituto "Medicamenta"

FONTOURA, SERPE (S L C. - S. Paulo

Byington & Cia.

Engenheiros, Electricistas, Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS, LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEOS

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENCOMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Eléctricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

ÚNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Téléphoné, 745 -Central --- S. PAULO

LARGO DA MISERICÓRDIA No. 4

OPINIÃO DE TRES GRANDES SCIENTISTAS

Prof. E. "Bertarelli

Prof. Rubião Meira

Prof. Miguel Couto

sobre o valor e a superioridade incontestável do

Guaraná Espumante m

Diz o Prof. E. Bertarelli:

O GUARANA' ESPUMANTE é uma deliciosa bebida sem álcool, sobretudo recommendavel para a conservação da saúde, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes e absoluta pureza dos respectivos ingredientes.

A ausência absoluta de FORMIATOS, de matérias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausência completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o GUARANA' ESPUMANTE preferido ás bebidas que contém aquellas substancias prejudiciaes.

São Paulo, 1.º de Outubro de 1921.

PROF. E. BERTARELLI

Diz o Prof. Rubião Meira j

"Attesto que o GUARANA' ESPUMANTE é bebida de valor altamente therapeutico, agradavel ao gosto, sem álcool, e deve ser utilisado por TODOS OS DEBILITADOS NERVOSOS, sem inconvenientes.

São Paulo, 19 de Setembro de 1921.

RUBIAO MEIRA

Diz o Prof. Miguel Couto:

O GUARANA' ESPUMANTE, formula do meu sábio collega dr. Luis Pereira Barreto, é uma excellente bebida, — doce, isenta de álcool, agradavel ao paladar, aperitíva e tônica; aconselhável, pois, por estas qualidades.

MIGUEL COUTO



DOE? GELOU!

CORA qualquer DOR
1 „NEVRALGICA ou
k^RHEÛMATICA
em pouco fempo.

TUBO 2\$500

INFLUENZA
CONSTIPACAD E GRIPPE

Abaria 5E E cura se com D

SALKIFIOL

Tendo tosse, use o nS 2
dão tendo, use o n^1

RHEUMATOL
FORMULA DO DOUTOR DR. SOUZA
Específico de
RHEUMATISMO
sob qualquer forma que
se apresente.

SABONETE PACAEMBÚ

Hiudliôd com o
melljor de qualquer
procedencia.

•«•Acondicionado em
cloijijnfeio caixas—
mefallicae
jllj de (rés jllj
sabonereo.

ÀS SENHORAS

Durante e depois da GRAVI-
DEZ devem usar
a

GRAVIDINA

FORMULA

DE ALFREDO ZUQUIM

Previne e evita os acciden-
tes da GRAVIDEZ.

VIDRO 3\$000





Auto Geral



Accessorios em ge-
ral para toda clas-
se de automóveis.

Attende-se pedidos do interior com a
: : maxima promptidão *Hf* : :

AUTO - GERAL

R. Barão de Itapetininga, 17

CAIXA POSTAL- N. 284

TELEPHOISTE 4906 e 5769 Cidade

ENDEREÇO TELEGRAPHICO : "AUTO - GERAL"

S. PAULO



REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

REDACTOR

SECRETARIO:

JULIO CESAR D A SILVA.

O MOMENTO

“**T** I M Caracas, capital venezuelana, re-
t-
m i paz e ordem. Extranjeros des-
embarcam e visitam a maravilho-
sa cidade, sem nenhum risco e sem o perigo
tão commum nestas terras siã-americanas de
algum balaço perdido ou revolucionário.
Agradecido e seduzido por essa tranquilidade
mantida com firmeza, o paiz inteiro abdicou
todas as liberdades e entregou-se de corpo e
alma nas mãos do dictador. As eleições são
uma simples ficção; os membros do Congres-
so são designados, em familia, pelo proprio
governo, e os ministros, timidos e apagados,
vivem suspensos aos aparelhos telephonicos
do palacio presidencial: sabem que podem ser
despedidos em vinte e quatro horas, por um
simples recado. A imprensa, cortezan e pru-
dente, narra com abundantes pormenores to-
dos os acontecimentos do mundanismo; faz

a critica literaria dos livros que apparecem, e discute livremente as partidas de football, as corridas de cavallos ou os graves assumptos acadêmicos da economia politica ou os encantos da agricultura. Abstem-se, porém, de qualquer allusão á politica, interna ou externa, do governo omnipotente: é que não ignora por amarga experiencia que uma simples nota de reportagem ou uma pilhéria de noticiarista, pode mandar toda a redacção para a famosa "Rotunda", geladeira sinistra, em que, por dias intermináveis e em absoluto segredo, se resfriam os mais ardorosos e revoltados entusiasmados. Assim, são os jornalistas méros funcionarios, que trabalham burocraticamente, com pingues ordenados, nesses ministérios, um pouco bohemios, que são as redacções dos jornaes.

Soberanamente, paternalmente, o presidente, dentro da Constituição, que é um arremedo do decálogo washingtoniatiô — reina, governa, e dispõe de tudo e de todos.

Pelo interior do paiz, as olygarcliias e os chefetes locaes repetem com o mesmo ceremonial esse uso e abuso do poder, em eirados concêntricos, desde o humilde juiz de paz até o fôco solar que é o chefe da nação. O grupo que se assenhoreou das posições de mando sabe empregar, em doses efficazes, o que os franceses chamam — la manière forte. A's vezes com a celebre mão de veludo já tão gasta pela rhetorica das velhas opposições; outras, sem mais explicações, pelos esbirros da policia, ou pelos também estafados bacamartes da capangagem sertaneja.



Antes do governo actual, era presidente da republica o general Castro. Findo o seu reinado, em plena apotheose, embarcou ás pressas para o estrangeiro — enriquecido, megalomaniaco, dissipador do thesouro nacional, mas hábil administrador da sua fortuna particular. Homem que banalisou a expressão de "vaidade mórbida", caricato Pricópolo da satyra rabelaisiana, foi desfructar na Europa decadente e dissoluta os proventos do seu governo perdiário.

Fóra da politica, o pais diverte-se e luta, com ardor selvagem, pelos dois deuses da sua especial devoção: o Dinheiro e o Prazer. A arte não teve tempo para medrar e desenvolver-se em terra em que o esforço dos homens se orientou e converge, não para a belleza, mas para a riqueza.

Nesta atmospha de tragi-comedia tropical, não imaginem que o aspecto do paiz é triste e soturno. Ha na claridade sonora dos seus dias luminosíssimos, uma irreprimível alegria de viver, uma ancia tumultuosa de creança irrequieta, que dá ao estrangeiro que passa a perfeita illusão de um povo feliz numa terra de paraíso. Em meio de tanto sol, somente as prisões fazem largas manchas de sombra. .."

Eis o que diz de Caracas, e de Venezuela, o escriptor Louis Chadourne, em livro publicado recentemente, com o titulo de Le Pot aii noir.

Ha um ar de parentesco entre todas as republicas das Américas latinas, desde o perfil voluntarioso e altivo da virgem azteca até a silhueta ultra-moderna, e um tanto



"nova rica", da nossa vizinha do Sul. Não as teria confundido a frivolidade boulevardeira do francez que viaja? Esteve elle em Caracas, Maracaibo, e Ciudad Bolivar — ou nessa longínqua região, mas nossa conhecida, que os mappas quinhentistas denominavam pittorescamente — a Terra dos Papagaios?

P. P.





"RMsta do "Brasil"

A "Revista do Brasil", ao entrar em seu oitavo ano de existência, olha para trás e exulta. Revê satisfeita os obstáculos inúmeros que venceu e prevê os que se lhe antolham, confiante na vitória que a tenacidade jamais deixa de conquistar. Venceu até aqui, há de vencer para o deante, e desmentirá de descarte a teoria de que o ciclo de publicações como esta, no Brasil, não pôde ir além de três ou quatro anos. Sempre se apoiou no público, nunca esteve alliciada a governos, gosou e deu aos seus colaboradores a mais ampla liberdade de opiniões. Nesse interregno, numerosos foram os seus condutores. Ao nascer, e nos primeiros anos, teve na direção os vultos proeminentes de Luis Pereira Barreto, Alfredo Pujol e Julio Mesquita. Ao leme estavam Plinio Barreto e Pinheiro Júnior, a cuja competência e operosidade deveu ella a posição forte de prestigio com que se solidificou no periodismo nacional. Em seguida veio Monteiro Lobato que teve a seu lado Lourenço Filho, a brilhante mentalidade que hoje dirige a reorganização do ensino no Estado do Ceará. Também Léo Vaz, antes de revelar-se com o Professor Jeremias, por uns meses cooperou, philosophicamente, na tarefa commum. A Lourenço substituíram Amadeu Amaral e Afrânio Peixoto, dois nomes tuicionaes que citar é encarecer. A elles se seguiu Moacyr Dcabrcu, um representante da literatura de amanhã, que por meses rejuveneceu a caturrice da casa com a frescura do seu hálito juvenil. E finalmente, na phase ultima que



findou com o anno de 1922, teve ella como timoneiros a Brenno Ferraz e Ronald de Carvalho. Brenno Ferraz imprimiu-lhe o cunho da sua personalidade austera, por vezes rispida, e a conduziu com extremo carinho durante longos meses. Sua contribuição na critica bibliographica foi copiosa e das mais sérias que se fizeram em São Paulo. Honestíssimo, incapaz de transigir com a consciência, nunca torceu o seu juizo levado por amizade, pedido ou colleguismo, e alem de critico penetrante revelou-se sociologo de amplo descortino. Ronald de Carvalho, fulgurante espirito onde a modernidade brilha engastada em ouro clássico, também cooperou para o lustre dessa phase, permitindo que seu nome illuminasse o cabeçalho da Revista. Se mais não fez é que o impediu o extremado esforço a que o obriga sua posição de "leader" da modern acción literaria no Rio.

Hoje, que a direcção novamente mudou, é com gratidão e saudade que w "Revista do Brasil" olha para traz, enternecida, e roide todas as homenagens aos obreiros honestos que souberam, succedendo-se, conservar ininterrupta a linha recta que é a sua directriz.





RUY BARBOSA

REMINISCÊNCIAS

MORREU, em Petropolis, no primeiro dia deste mez, Ruy Barbosa. Morreu de surpresa, salvo para sua familia e para os Íntimos de sua casa. O paiz não chegou a saber que elle estava doente. Ao contrario: cada dia nos diziam as noticias dos jornaes que, na actual crise da nossa politica, o glorioso bahiano, sempre fiel e dedicado á bella terra do seu nascimento, cuidava com ardor de arrancar a sua querida Bahia ao dominio de um partido, que não lhe merecia sympathias. Ardor juvenil, como jamais deixou de ser o d'aquelle velho de mais de setenta annos, nos trabalhos e nas lutas em que se empenhava. E foi isto o que o matou. Abriu-se ensejo, a um ataque decisivo contra a situação bahiana, num periodo em que uma arterio-esclerose antiga havia reduzido ao minimo as resistências de um organismo débil, /já abandonado pela extraordinaria energia de nervos, que por longos e longos annos o sustentara, com espanto geral, porque, na realidade, não era fácil descobrir o segredo de tamanha, tão continuada e tão fecunda actividade intellectual, de tanta canceira no corpo, em homem tão pequenino e tão franzino. Veiu de repente uma paralyisia do bulbo, que o levou. Vinte e quatro horas antes, numa reunião de correigionários, que obedeciam á sua direcção, fôra elle quem mais fallara e discutira. Teve esta morte, no paiz que não a esperava, repercussão proporcional ao valor do morto? Não sei, e parece-me improprio o momento para similhante indagação. O que sei é que nunca, na vida, soffri maior abalo. Em S. Paulo, eu poderia dispensar-me de lembrar que me



coube a alta honra de ter sido, neste Estado, o mais humilde, mas, ao mesmo tempo, o mais sincero representante do pensamento politico d'aquelle chefe incomparável. E também me orgulho de ter encontrado nelle, desde que nos conhecemos, invariavel amizade pessoal e confiança sobre a qual não parou, um instante sequer, a sombra da mais leve suspeita.

Já eu o admirava com enthusiasmo quando pela primeira vez o vi. Foi em 1890, poucos mezes depois da quéda do Império, sendo Prudente de Moraes governador do Estado e eu seu secretario. Ruy Barbosa, ministro da Fazenda do Governo Provisorio, e vice-chefe da Nação (o chefe era Deodoro) resolvera vir á terra paulista. Deu-se por motivo d'aquella viagem a necessidade de uma visita de inspecção á alfandega de Santos. Prudente de Moraes e eu, se me não engano também Bernardino de Campos, chefe de policia, recebemos em Taubaté o eminente hospede de S. Paulo. Como de razão, os primeiros cumprimentos dirigiram-se a Prudente de Moraes e a Bernardino de Campos. Eu, porém, notei, e com que intenso desvanecimento intimo! que em mim se cravou um olhar de aguda curiosidade, logo que Prudente de Moraes pronunciou o meu nome na formalidade da apresentação. D'ahi a minutos, o vice-chefe da Nação, naquella época em pleno gozo de uma immensa e justa popularidade, perguntava-me ao ouvido, de maneira que ninguém o percebesse:

— Ao partir o senhor de S. Paulo, meu collega de imprensa, ao seu jornal ainda não tinha chegado a noticia da demissão do Aristides Lobo?...

Aristides Lobo era ministro do Interior e, arrebatado, commettera a imprudência de jogar as peras com o predilecto do dictador. Ruy Barbosa exercia então uma influencia decisiva no animo de Deodoro, e tomara como pretexto uma inspecção á alfandega de Santos para assistir de longe ao estoiro da bomba, cujo estopim acceendera. Mas, o interesse de quem me lê não está, provavelmente, na chronica da intriga do Governo Provisorio, de dolorosa e desalentadora impressão na alma dos que, como eu, com pouco mais de vinte annos, na manhan de um regimen de promettida fraternidade, ainda defendiam a todo o transe as illusões da propaganda, todas, uma a uma, definhando tristemente na contemplação d'aquelle fragoroso combate de egoísmos á solta e de ambições immoderadas.

Na interrogação de Ruy Barbosa só havia, a pedir attenção, a anciedade com que elle a formulou. Entretanto, não recordo coisa alguma deste mundo de que mais se tenha contentado a minha innocente vaidade de moço. Incluirei-me eu afinal no numero dos privilegiados, que se podiam aproximar d'aquelle homem celebre, tão distante, na sua imponente altura, da minha pobre obscuridade!



Já em 1890 se desprendia no nome de Ruy Barbosa a irradiação de uma lenda, que começara a formar-se, nesta nossa capital, nas *republicas* dos estudantes de 1868-1870 e que, no correr da tempo, na Bahia e no Rio de Janeiro, não cessara de crescer. Não faltavam fanatisados capazes de perigosas aggressões, se alguém, em presença d'elles, se atrevesse a marcar com uma simples observação de critica razoavel algum ponto de uma carreira publica, que, por bem ou por mal, tinha de ser uniforme, por seu brilho excepcional e sem desmaios, em toda a sua extensão — desde um famoso e remoto discurso de saudação a voluntários da patria em marcha para o Paraguay, discurso verdadeiramente electrificante, do qual, entretanto, não restava em memoria humana uma só palavra, até á deslumbrante, estonteadora e catapultuosa campanha jornalística do *Diário de Noticias*, cujo effeito arrazador, esse sim, alli estava patente, no montão das ruinas do Império, ainda fumegantes. No meio, quantas façanhas de um talento sem par e quantos rasgos de um civismo sem fraquezas, sem hesitações : a bellissima defesa do ministério Dantas ; a seguir, o decisivo, fulminante esforço tribunicio pela causa sagrada da abolição immediata e incondicional ; depois, a tenaz e honesta tentativa de salvação das instituições monarchicas mediante a substituição inadiavel da centralisação por um regimen de federalismo, que applicaria a opposição das provincias em preparo de franca rebeldia ; e, por fim, o heroísmo da recusa da pasta do Império no ministério do Visconde de Ouro Preto ! Não eram raras então as apostasias por amor do poder, e o ministério de Ouro-Preto organisava-se com grandes probabilidades de êxito triumphal para o seu programma de abafar, a golpes de opportuna e intelligente energia, e ao jorro de refórmias profundas, mas prudentes, o incêndio assustador do doutrinamento e da acção dos republicanos. A impetuosa maré do terremoto inevitável refluiu. Inaugurava-se a enorme banca allucinante do jogo da bolsa, que attrahia e distrahia... Vive enganado quem não sabe que, naquelle transe, os republicanos desanimaram.

Mas, fôsse como fôsse, succedeu d'ahi a pouco o que fatalmente tinha de succeder um dia. O Império cahiu. Não ignoro as circumstancias em que Ruy Barbosa de subito appareceu, no governo da Republica, entre revolucionários com os quaes só nas derradeiras combinações da conspiração intimamente pactuara. Alguém, mais tarde, talvez tudo conte minuciosamente. Por enquanto, se eu disser, de sciencia propria, que, naquelle passo, Ruy Barbosa não peccou contra as leis da mais escrupulosa e exigente dignidade — como em todos os passos de uma existencia de tumulto e attribuições, que teimosamente se desviou da orientação que elle premeditara imprimir-lhe — terei dito o sufficiente para.



ficar em paz com a minha consciência e para que outros se esclareçam, se realmente procuram e lhes convém esclarecimento. Basta frisar cjué, até ás derradeiras combinações da conspiração, os conspiradores, a que Ruy Barbosa se alliou, tremiam, de covardia não, mas de receio pelo desfecho da temeraria empreza em que se tinham mettido. E o intrépido demolidor do *Diário de Noticias* — de uma intrepidez serena e calada, que nunca o atraçou — não deixou de ser fielmente informado dos riscos a que se ia expôr. Ao demais, isto, que eu rapidamente estou traçando, não é o estudo de um período da nossa historia, nem simplesmente uma biographia. Ponho no papel, ás pressas, reminiscências avivadas por uma morte recente, que me commoveu.

Etn S. Paulo, antes de descer a Santos para inspeccionar a alfandega, o ministro da Fazenda do Governo Provisorio desejou percorrer a cidade num passeio de matar saudades. Acompanhei-o nessa excursão sentimental, que, desde logo, me revelou a occulta preponderância de elementos affectivos naquelle abrazado temperamento de lidador. Resalta deste facto a explicação de muitos enigmas da sua vida, até hoje incompreendidos e mal interpretados, não raro com injustiça que revoltaria, se valesse a pena a gente revoltar-se contra o que está irrevogavelmente preestabelecido pela vontade mysteriosa e inflexível, que dispoz as coisas deste mundo da maneira sem concerto em que ellas se acham, desde que o cáos se organisou. Ruy Barbosa, de uma sensibilidade feminina e de uma bondade de criança, não poderia ter sido, e não foi, um athleta perfeito. Só o conseguem ser os que não têm coração, e elle tinha-o demais, para manter-se irreprehensível na arena de refregas inclementes a que o destino adverso o arremessou. Ha pouco, debruçado de uma das janellas de uma casa de fazenda no interior do nosso Estado, eis a phrase ingênua, que lhe accudiu para traduzir a suavidade envolvente da paizagem de ao redor: céo de um azul desbotado, recurvando-se mansamente sobre uma agglomeração de collinas de tenue elevação, cobertas de matta, onde, de espaço a espaço, se destacavam em côr de rosa as copas florescidas das paineiras de Fevereiro:

— Era num lugar tranquillo e risonho como este que eu quereria que Deus me fechasse os olhos para sempre.

O passeio a que me venho referindo, foi Ruy Barbosa quem o guiou. Caminhava em silencio e de vagar. Passou pelo largo de S. Francisco, lamentando que as portas da Academia estivessem fechadas. Deteve-se um momento na esquina da rua do Senador Feijó. Depois, pela do Riachuelo, chegámos até ao principio da calçada da Gloria. D'alli á Tabatinguera, rua da Bôa Morte e esplanada do Carmo. Em baixo, a varzea do Tamanduatehy e, ao longe, a linha azul da Cantareira. O aggressivo e famigerado pala-



dino de tantas pejeas chorava, e não se envergonhava das lagrimas, que lhe desciam pelas faces ainda lisas. Era aquelle o panorama em que, nos tempos académicos, costumava repousar, á tarde, os olhos fatigados e doídos das leituras do dia. Tomámos então um carro e partimos para o Campo da Luz, onde uma chusma de derrubadores inconscientes ainda não tinha destruido, a machado e a serrote, por infeliz deliberação de uma municipalidade barbara, a alameda de frondosas figueiras seculares, que bordava o muro do Passeio Publico, em frente ao Seminário, até á beira do palacete do Marquez de Três Rios, hoje Escola Polytechnica. Não nos esquecemos, como era obrigatorio, de uma visita á Ponte Grande. Na volta, Ruy Barbosa, todo entregue á emoção das suas saudades attenuadas, só abriu a bôcca para consagrar uma enternecidade recordação á esposa e aos filhos ausentes.

No começo da rua de S. Bento, pouco antes do largo do Rosario, um commerciante expunha na sua loja, á admiração embasbacada dos que passavam, a ultima maravilha do engenho inventivo, dos norte-americanos: um phonographo. Ruy Barbosa entrou, e o commerciante, ao reconhecê-lo, encarecidamente lhe rogou o obsequio de deixar alli, "gravada numa lamina, a sua voz eloquentissima." Minutos depois, o maravilhoso invento, ainda muito diffêrente da sua actual, relativa perfeição, gritava para as portas tomadas de gente curiosa, em som horripilante, a um tempo fanhoso e estridente, uma saudação improvisada, na verdade de notável eloquencia:

— "S. Paulo é a expressão do génio *yankee*, amenizado e perfumado pelo gosto italiano..."

Convido o leitor a descançar commigo nestas lindas palavras. Ficaram-me ellas tão gravadas na memoria como na lamina do phonographo, e, desde que Ruy Barboza morreu até agora, frequentemente me surprehendo a recital-as, alto, para o auditorio invisivel das minhas lembranças ltuosas. Não é certo que de qualquer modo se enxerga, reflectida alli com vaga exactidão, a imagem que nos perpassa pelo espirito ao pensarmos na prodigiosa individualidade, que acaba de succumbir? O génio *yankee* da concepção de Ruy seria monstruoso, se a amenidade e o perfume do gosto italiano o não conciliassem com o esquivo assentimento dos delicados. Como que assisto a este espectáculo entre todos interessante: o proprio Ruy Barbosa reclamando dos que ahi o julgam com imprudente antecipação, exame mais penetrante da obra vastissima, que foi forçado a produzir. Assumpos áridos: politica e jurisprudência. Mas, reparem na pompa e na graça da linguagem, que os veste. São exclusivamente d'elle. Em Portugal e no Brasil, ninguém jamais escreveu ou fallou com aquella opulência de vocabulário e aquelle impeccavel capricho na fôrma. Suam e tresuam



no afan maldoso de lhe negarem fôros de artista. De outro lado, juram e rejuram que lhe faltou o poder de criar. Com tamanho rigor, a empuchões tão violentos, não ha colosso que não tombe e não se desfaça em cacos. Os rachiticos e retorcidos descendentes de Verlaine dansam sarabandas delirantes de alegria, á volta do cadaver da reputação de Victor Hugo, que não era poeta — mero versificador de habilidade phénoménal e malabarista inexcedível de palavras sonoras e luminosas, sem cadencia significativa que a alma acceite com gratidão ç sem musica que acaricie e subjugue a natural braveza dos instinctos. Para Tolstoi, Shakspeare é uma mystificação. Celebra-se nestes dias, na França, o centenário do nascimento de Renan. Pois, se uns o levantam até ás nuvens — sábio, mestre excelso na prosa, infinitamente poeta sem versos que se conheçam—outros riem-se da estupidez destes louvores. Renan? Renan?... Exegeta myope, philosopho de vôo curto, historiador leviano, prosador mediocre, disfarçando mal, na languidez ondulante de um rythmo de intolerável monotonia, a lamentavel deficiência da inspiração. Eu, de mim, na minha ignorancia e na indomável independencia do meu critério, penso que, na obra vastíssima de Ruy Barbosa, ha recantos d'onde surgem primores, nunca vistos em outro autor da nossa lingua ou de língua extranha. E, quando producção tão volumosa se distingue por tão apurado esmalte litterario, ou ainda ninguém divulgou a verdadeira definição de arte, ou aquillo é soberanamente artístico. Ruy Barbosa foi escriptor e orador torrentoso. As torrentes, em regra, são turvas. Mas a do seu fallar magnifico passa magestosa, rolando lenta em leito largo, purissima na sua clareza e na sua transparência. De vez em quando, cobre-a uma chuva de flôres desfolhadas, que deslizam seduzindo a vista, e, se uma garganta de rochedos a comprime, e, além, outros rochedos tentam detel-a em repreza, ella ergue-se, sobe, salta e espadana, enchendo os ares e borrifando as margens de pérolas e diamantes.

Quanto ao resto, senhores redactores desta *Revista*, quanto ao resto, que é o principal, o espaço deve escassear e o tempo urge. Deixo varias theses sem desenvolvimento e algumas questões sem resposta. Ruy Barbosa, em politica, falhou, porque não exerceu na sua época, no seu paiz e nos partidos em que se alistou, a influencia que merecia e pretendeu exercer. Visceralmente monarchico, teve de fundar a ordem constitucional republicana. Nem na monarchia, nem na republica, lhe foi possível impôr o severo e intransigente respeito á lei que, por si só, faria a felicidade do povo, num ou noutro regimen. Eram os que, como o pretencioso Paul Deschanel, o qualificam de filho espiritual da França. A mãe do seu espirito foi a Inglaterra, e o seu typo ideal de homem e estadista, digo-o a adinhar, teria sido Gladstone, no governo ou na oppo-



sição liberal e tolerante, de fina elegancia na ampla cultura intellectual e nos hábitos sociaes. O que elle conseguiu alcançar, por especial accommodação das circumstancias, foi, em todo o mundo, uma sublimada primasia na sua profissão de advogado. Até em politica elle não fez outra coisa, senão advogar. E que advocacia! Que lucidez na exposição dos factos e da doutrina! Que formidável argumentação! Que subtileza no ferir com acerto o ponto melindroso da couraça do adversario! Que firmeza na investida! Que promptidão e segurança na defesa! Especialmente, que nobreza nos intuitos! Advogou, sem excepção, pelos fracos contra os fortes, pelos opprimidos contra os oppressores: pelos desgraçados negros captivos, pelas provindas sem autonomia, pelos civis desarmados, de Londres por Dreyfus calumniado e perseguido, em Haya pelas nações sem exercito e sem esquadra, em Buenos-Aires pela Bélgica invadida; contra o látego dos feitores no eito, contra os poderes centraes absorventes, contra a dictadura militar, contra o estado-maior da França, contra a soberbia das grandes potencias arrogantes, contra a Allemanha de Guilherme II. Quando regressou de Haya á patria amada, e ás vezes ingrata, vinha promovido, de brasileiro illustre entre os illustres, a cidadão de altissima categoria na dispersa, illimitada e esplendorosa republica da intelligência humana. E assim morreu. Morte invejável!

S. Paulo, 19 de Março de 1923.

JULIO MESQUITA.





REDEMPÇÃO

(Fragmento)

1

*A patria de Amon-Ra que o Nilo rega,
Patria de esfinges e de crocodilos,
Pelos vastos areaes seus idolos carrega,
Eternamente immoveis e tranquilles.*

*Os sacerdotes guardam, friamente,
Os trágicos segredos de Keóps,
E, ao longe, vêm-se m planície ardente
De Sethos os corcéis, em fúlvidos galopes,
Crusarem do horizonte a fimbria escura
Seguirem do Simun o rumo incerto...
Que quer a esfinge? Em summa, que procura
Na agitação do mar, na poeira do deserto?*

*Agua mais claras, deoses mais risonhos,
Em vez do rosto de Typhon, o rosto
JocuiJo de Isis, prelibando em sonhos,
Um goso, embora vão, ou embora supposto?*

*Ceda• cmfim, ao que, embalde a tem seguido
Por florestas e valles e collinas...
Ceda, e, deitando-a no rosal florido,
A orvalhe de canções, a enfeite de boninas...*



*Thebas suspire "Phtá, teu plaustro deixa
Em meus liombros de pedra as cicatrizes
Do incêndio. Ah! muda o rumo á aguda flexa
Que o teu fulvo carcaz me embebeo nas raizesf*

*Que este luar e estas aves carpideiras
Canções de amor a prácebos prefiram,
E, em chusma alegre, pelas ribanceiras,
O soffrego desejo em ternos tons desfiram.
Pisando escombros ou crusatido dalas,
Espreita Knef os éculos soturnos;
E, em plena escuridão, os Pharaós, em alas,
Quedam nos hypogeos hirtos e taciturnos.*

*Do Centauro do Evcno o manto flaminejante
Do Egypto trágico as espadas cobre,
E, como o semi-deus, agonisante,
Sem fúria, sem clamor n'um gesto nobre,
A insidia esquece, a rude prova aceita.
E vae por cardos, duros como alfanges,
De covil em covil, de seita em seita,
As tenebrosas, lugubres phalanges
Em estéreis fragedos convertendo!...*

*Ouvem-se, ainda no obelisco rude,
No flanco lacerado das montanhas,
Rumores surdos, heus que vêm de longe, e, amiúde,
Encher-nos a alma de emoções extranhas!...
Aqui e ali ossadas de gigantes,
Arvores colossaes que nunca mais viçaram,
— Mastodontes, serpentes, rapinantes,
Que pelas aluviões arrastados ficaram
Agarrados ás fendas do granito...
Sulcam rubros relampagos o espaço...
E, á lenta ondulação do areal, em fogo, o Egypto
Da primitiva fé busca encontrar o traço...
O ibis propicio é o batedor da enchente:
Vae adiante annunciando a innundação do Nilo,
Que invadindo o deserto e engrossando a corrente,
Não logra, emtanto, erguer do seu somno tranquillo
Múmias que, ha tres mil annos, a esses vastos
E medonhos sarcophagos desceram...
Das mortas eras vêm-se ainda os rastos
Que o livor desses paços carcomeram.*



*Architectura lugubre! As pesadas
 Pilastras, perpetuando o informe rito!... Phases
 Tragieas, de hieroglyphos decoradas,
 Com seus olhos de esmalte e seus dentes vorazes,
 Mastigam sem rumor, dormem sem sobresalto...
 E, assim, envernizadas e garridas,
 Entre caimans, macacos e serpentes,
 Alumias, embora! Eil-as, por fim, colhidas,
 Pela mesma energia, em formas différentes.
 Milhões de corações, milhões de vidas,
 Com os seus mundos e os seus núcleos incandescentes
 Rolam nessa fornalha, ardem nessas jazidas,
 N'um turbilhão de grés e de basalto!...*

*Pedra, caule, perfume ou pensamento,
 E' tudo turbilhão... Nesse embalsamamento,
 Nada se subverteo, nada ficou parado!...
 O mesmo espírito insubordinado
 Investe contra a pedra, agita o embalsamado!*

*Na estéril rocha o sementeador sublime
 Lança o germen de luz, que tudo anima;
 Pyramides• luctae! Almas de pedra, ouvi-me:
 O que rasteja, embaixo, é o que scintilla, em cima...*

*Luctae, luctae, forças inacessíveis,
 Transforviadas em múmias rutilantes!
 Mãos occultas, obreiros invisíveis,
 Penetrarão na lugubre cidade,
 E esses inertes, rígidos semblantes,
 Disputarão ao tabido negrume,
 Libertando-os, por fim, dessa immobilidade
 Nas prisões de resina e de bitume.
 Truncados socos, reis enfaixados se estendem
 Nos mausoléos, talhados no granito...
 Longos gemidos, fora, os ares turvos, fendem. ..
 Quem, assim, de lamento em lamento, o infínito
 Espaço a taes horas confrange? Acaso,
 Serás tu, ibis, tu, escorpião, tu, medonho
 Hippopotamo? Aqui, o nénuphar, em vaso
 Róseo ou verde• enlevado, ainda, em seu longo sonho...
 Ali, corpos hercúleos de guerreiros,*



*Sinistros, em seus leitos de alabastro...
Morte! Como através desses viveiros
De homens e de animaes mumificados, o astro,
Que aos subterrâneos mais profundos, desce,
O seu calor transmite aos tenebrosos paços!!...
Tildo isso, embora pó, é também messe,
Da vida universal conserva os traços.
Sahi dessas profundas galerias
A'bidos, Thcbas, Mcmphis... Os sudários
Rasgae. As pedras sepulcraes e frias,
Com horror parti, e as portas dos santuarios
Abri, de par em par. A natureza clama
Contra essa usurpação e esse estacionamento.
A despeito, porém, da inércia, a mesma chatma,
A mesma emanação, o mesmo movimento,
Abala os mausoléos. Na ebulição violenta
De todo esse phantastico repouso,
A comedia que a morte representa
Torna mais trágico ainda o palco tenebroso!...*

*Desse Egypto, porém, embalsamado, os sonhos
E as illusões não se petrificaram!...
A' beira dos sarcophagos tristonhos,
Quantos, quantos suspiros não rasgaram
Os lábios das mulheres, coloridos,
Os seios rijos que o alabastro imitam!
Quantos! A cada passo, através os compridos
Corredores que os lémures habitam,
Nota-se que ha um esforço irreprimível, surdo,
De arrasar e destruir essa massa uniforme,
Filha da confusão e do principio absurdo
De perpetuar o estéril e o disforme!*

111

*Não pára nunca, nunca o movimento;
Não deixa o pó nunca de ser fecundo.
Um fluxo^cspiritual percorre esse elemento;
Essa esterilidade encerra um mundo!
Ao bochorno das vagas arenosas,
A Núbia, além, pisa o escalvado arneiro;
E desce pelas fumas tenebrosas
Que o Amenti, em chammas, abrasou, primeiro.
Rangem-lhe os gonzos fúnebres... Um choro*

*Lhe invade as negras e húmidas arcadas...
Entanto, á vista obscura, o vasto sorvedouro,
Onde jazem as múmias empalhadas,
Dir-sc-ia uma cidade immensa, cujo espectro
Mudo, em faixas lusentes, envolvido,
Ha, três mil amos, já, anda de manto e sceptra,
A observar esse cháos, a ouvir esse alarido
Subterrâneo, mordaz, de todas essas ruínas,
A desfazer-se em pó, a trescalar essencias.*

*Aqui, eil-as, deformes concubinas,
— Inúteis corações, inúteis existencias I —
Ali, em meio ás vastas galerias
Um como que estertor funambulesco!... Tudo
Parece levantar-se e protestar nas frias
Tumbas que a arte sagrou nesse mostruário rudo.
Rudo e macabro! Essa immobilidade,
Qu'importa o modo? E' sempre movimento!
E nessa inércia ruga a tempestade,
E nessa noite brilha o pensamento.*

*Dos templos nas abobadas silentes,
Como as almas no inferno flageladas,
Gemem os ventos — nos arcacs dormentes...
São como passos mortos nas estradas...
Andam com precuação pelos outeiros;
Mastigam com cautela os seus ginetes,
E annunciando a estação e abrolhando os lenciros>
Deixa-os ao sol florir, como tapetes,
Em que as palmas rebrilham domirosas,
E as flores enchem de perfume o ambiente...
O' ccos do Hermonth, ó serras magestosas
Que Athor vencera com seu gladio ingente;*

*Serras, que o touro Mítcvio sacudira
Nas guampas, noite em fóra, através da tormenta;
Serras, em baixo, onde a caudal respira,
E o throno augusto da montanha assenta,
Lá, também, contrariando, embora, o entono c a calma
Da gigantesca molle, a mesma idéa medra,
Medra para mostrar que em tudo ha sempre uma alma,
— No tumulo da vaga ou na aridez da pedra!*

LUIS MURAT•



DUAS CAVALGADURAS

UAI grande amigo dos livros, o estudante Baptista, de Ribeiro Couto. N'ja sua dolorosa miséria de rapaz pobre, solto sem padrinhos na voragem carioca, delles se soccorria para allivio da alma crestada aos ventos das decepções.

Falhava-lhe o sonhado emprego? Abria "Dom Carmuro" e logo a malícia de Capitú o empolgava, levando-o para casos bem distantes do seu dorido caso pessoal.

Trahia-o algum amigo? O moço embarcava para Florença no "Lys Rouge", hospedava-se com Miss Bell e, de visita ás igrejas com Duchatre, eil-o embriagado no ardente amor da condessa.

O estomago, porém, é Sancho. Não digere contemplações. Exige pão. E a fome um dia apresentou ao estudante o seu inexorável ultimatum: mata-me ou mato-te.

Um só recurso lhe restava: reduzir a pão duro seus amados livros. Fel-o, mas com que magoa o fez! Como vacillou na escolha da primeira victima! É como lhe doeu o sordido negociismo do belchior, miserável depreciador da "mercadoria" com o fito de obtel-a pelo minimo!

Era este belchior certo judeu mulato, com um "sebo" á rua do Cattete. Mulato de barbicha irônica, própria para coçadelas nos momentos de engatilhar o preço. Tinha um geito irritante de pegar nos livros e de ler o titulo por baixo dos oculos, como se os cheirasse. Typo desagradavel de múmia resurrecta, em perfeita harmonia com a sordidez da casa. Que vitrina! Já alli se lhe annunciava a alma. Livros encardidos, brochuras de cantos surrados, canetas de vintém, lápis "quebra-a-ponta", tinteiros de

refugo, tudo desbotado pelo sol e tamisado pela horrível poeira negra da rua. Dentro, um cheiro de velhice, mixto de mofo e ranço, bafio que provinha metade da múmia, metade das estantes prenhes de brochuras infectas.

Pois foi nas garras de tal aranha barbada que o pobre contemplativo cahiu. Um a um lhe sorvia ella todos os volumes da amada bibliotheca, sempre a ratinhar, a rosnar, a espichar nickeis pelo que valia notas.

Uma vez a miséria do rapaz apertou. Recebeu más noticias de casa e instante pedido de auxilio da linda irmãzinha querida que deixara em Catalão. Era forçoso servil-a, inda que mister fosse vender a alma ao diabo.

O geito era um só: negociar em bloco os livros restantes. Que vá, que vá. Uma grande dor, única, é de preferir-se a mil dorezinhas parcelladas. Que vá tudo!

Contou-os. Trezentos. Pelo preço médio que o judeu lhe pagava por unidade, obteria com aquelle sacrificio derradeiro os duzentos mil réis necessários á irmãzinha, e mais uns bicos. Que vá.

Baptista retezou-se d'alma, amordaçou o coração, metteu na carroça os velhos amigos e foi com elles para a rua do Cattete, como vae para a guilhotina o condemnado.

O judeu examinou os volumes um por um, cheirou-os, sopesou-os e depois de longas manobras, engasgos, meias palavras, coçadelas de barbicha, abriu offerta.

— Dou-lhe quarenta mil reis, moço, por ser para o senhor. E lamba as unhas, hein?

O estudante, tomado de súbita onda de cólera homicida, não lambeu as unhas: lembou-lhe a vida. Estrangulou-o...

Eu havia lido esse conto perfeito e ficára com os typos gravados em alto relevo na memoria, tanta nitidez dera á pintura o autor. O judeu mulato, sobretudo, passara a viver dentro de mim em lugar de honra da "sala de Harpagão."

Somos todos nós uns museus de typos apanhados nas ruas ou tirados de romances. Museus classificados, com salas disto e daquillo.

A minha sala dos usurários encerrava bom numero de shylockezinhos modernos, fígados á porta de cartorios ou directamente nos antros onde se empoleiram como harpias pacientes á espera dos naufragos da vida.

Hombro a hombro conviviam com elles os patriarchas do clan, mestre Harpagão, tio Grandet, o João Antunes, de Camillo Castello Branco.

Lida a novella de Couto, entrou para a sala mais um, o ju-



deu mulato do Cattete, typo de tal vida que uma suspeita breve me tomou:

— Esse diabo existe. Não pode ser ficção. Ha nelle traços que se não inventam. E se existe, hei de vel-o, bem vivinho, porque na novella é ficção unicamente o crime do estudante.

E puz-me a procural-o em certo dia de folga. Subo a rua a pé, reflecti, e se lá mora o meu homem, não me escapará.

Fui feliz. Logo adeante do palacio das aguias certa vitrina attraheu-me a attenção. Acerquei-me delia com cara de Colombo. Aquelles livros desbotados, aquellas canetas... E aquelle coelhinho? Sim, havia a mais na sórdida vitrina um coelhinho de lã, menor que um punho fechado. Encardido, os olhos de vidro já bambos, as longas orelhas roidas, visivelmente brinquedo de creança já muito brincado. Aquelle coelhinho! Uma creança existe de quem o usurário comprou o coelhinho. Mteu Deus! Poderá haver em corpo humano almas assim? Shakespeare, Balzac: que fraca imaginação a vossa! Creastes Shylock, Grandet, mas a potencia do vosso gênio não previu este caso extremo. O judeu mulato rehabilita os vossos heroes e attinge a suprema expressão do sordido. Furtou o coelhinho á creança... Furtou-o com a gazúa d'um nickel... Privou a pobrezinha do seu único brinquedo, brinquedo que era o seu único amigo talvez...

Essa triste creança mora na trapeira das creanças miseráveis. O pae bebe e a mãe definha lentamente nas garras da tísica.

E' negra a miséria da casa — que digo? da mansarda, onde vivem promiscuos, elle a delirar, ella a tossir, a triste creança de olhos espantados a crear-se um mundinho de sonhos, aos cochichos com o grande amigo de todas as horas, o coelhinho. E' preciso ser Dickens para comprehender o papel que os brinquedos únicos assumem na alma das creanças miseráveis.

O commum dos homens nada vê nisso, nada comprehende disso.

Aquelle coelhinho...

O pae desaparecera . Dois dias já sem dar signaes de si. E a tísica a tossir e a fome de dentro, refestelada.

Repetiu-se o caso do estudante Baptista. Luizinho venderia seu thesouro por um pão. O que chorou nessa manhã! Como apertava contra o peito o velho coelhinho amigo, como o beijava... Afinal, consolou-se, por artês d'um conchavo: vendo-te agora, mas, depois, compro-te de novo, e voltas aqui para a nossa vidinha de sempre.



Sahe para a rua. Vae ao belchior. Offerece-lhe o coelhinho. A aranha toma-o, examina-o, cheira-o e dá-lhe em troca o menor nickel da gaveta. Relucta o menino em acceital-o.

Por fim, amedrontado pela cara feia do judeu, beija o amigo e dispara a correr...

E todos os dias vem parar deante da vitrina sórdida. Está alli o coelhinho a olhal-o. Trocam signaes de intelligencia. "Deixa estar que um dia te compro outra vez. Papae escreveu. Volta logo. Mamãe? Coitada! Tossiu tanto esta noite"...

Excellent menino! Anda numa actividade febril a juntar o dinheiro preciso para o resgate do brinquedo.

O judeu pede por elle dez tostões. Dez! Um mez já se passou, o pae já voltou e Luizinho, operando milagres de diligencia, só conseguiu tres nickeis. Como é difficil ganhar dinheiro!

Eu vi toda essa tragedia infantil. Vi, vi com estes olhos o menino de nariz collado ao vidro em dialogo mental com o coelhinho. Sonho? Miragem? Não sei. Vi...

E entrei. Lá estava o judeu mulato, de barbicha de bode, oculos de latão, gorro ensebado. Não morrera, o aranho, e apesar de estrangulado no conto, passava muito bem de saúde. Era elle mesmo. Naquelle momento cheirava o lombo dum livro que novo estudante Baptista lhe offerecia.

Emquanto negociavam puz-me a espreital-o, disfarçadamente. Exactinho! Couto photographara-o com objectiva Zeiss. Até a voz!...

— Hum! hum! fungava, depois de lido o titulo. Oscar Wilde... Isto não se vende, já passou da moda. Tenho ahi caradas. "Dorian Grey..." A peor coisa que elle escreveu...

— Mas quanto offerece? indagou o estudante, desapontado e aborrecido de tantas micagens.

O miserável consultou a barbicha com os dedos sujos.

— Por ser freguez, dou-lhe sete tostões. E lamba as unhas, que hoje me pegou de veia.

O meu estudante Baptista não fez como o de Ribeiro Couto. Não lhe lambeu a vida. Lambeu-lhe os nickeis e sahiu a pegar o bonde, displicentemente.

— E o senhor, que deseja? disse-me o pirata, depois de encafuar o livro na estante.

Eu não desejava coisa nenhuma, além de vel-o, apalpal-o, cheiral-o, talvez estrangulal-o pela segunda vez. Não obstante, fiz-me de tolo.



— Ando a procura de um livro. Um livro de Wilde. Tem qualquer coisa delle?

A physionomia do estrangulado illuminou-se.

— Tenho a melhor coisa que Wilde escreveu, "Dorian Grey", conhece? disse, puxando fora da estante o volume recém-adquirido. Isto é coisa papa-fina!

Tomei o livro, folheei-o. Traducção franceza vulgar. Valeria, novo, quatro mil réis.

— Quanto pede?

— Seis mil réis, por ser para o amiguinho.

Sorri-me por dentro e por fóra. Larguei o volume e accendi o cigarro.

— Não me interessa. E' caro.

— Caro? Um livro destes, nesta encadernação, deste editor, deste autor? Nem me diga isso! E o senhor deve saber que "Dorian Grey" é a obra prima de Oscar Wilde.

Meus dedos se crispam. Que prazer estrangular aquella harpia! Contive-me, porém.

— E aquelle coelhinho, perguntei-lhe, quanto?

— Que coelhinho? exclamou a aranha mudando de cara.

— Um que está na vitrina.

— Ah! Sim... Aquelle coelhinho não vendo.

— Porque o expõe, então?

— Expul-o ao sol. Está aqui sempre, na minha mesa, mas como a casa é húmida, para evitar o bolor, ponho-o ás vezes lá.

Diabo! O homem principiava a desnortear-me. Tinha em casa um objecto que não vendia. Era lá possivel que um judeu daquelles não vendesse até a alma?

Insisti:

— Dou-lhe cinco mil reis pelo coelhinho.

— Já lhe disse que não é de venda. Cinco mil réis... Nem cinco contos!

Revoltei-me Veio-me á imaginação toda a tragedia do Luizinho e tive Ímpetos de insultal-o.

Contive-me e disse apenas:

— No entanto furtou-o a uma pobre criança miserável...

O meu Shylock abriu a mais expressiva cara de espanto que jamais topei na vida. Depois, encarou-me a fito e seus olhos lacrimejaram. Sentou-se, como anniquilado de súbita dor e explicou-me, em voz entrecortada.

— Não sou casado, não tenho filhos, não tenho ninguém no mundo. Mas tinha uma creança. Enjeitaram-na aqui á minha porta e recolhi-a. Criei-a.



Foi durante sete annos a minha única alegria. O Antoninho... Um dia veio a grippe e levou-mò para o céu. Seu ultimo brinqueda foi esse, esse coelhinho de lã. Conservo-o aqui na minha mesa como joia preciosa, pois elle me fala do Antoninho melhor do que um livro aberto. Como quer que lh'o venda? Não ha no mundo dinheiro que para mim valha esse coelhinho.

Foi até á vitrina e recolheu o brinquedo. Pôl-o sobre a mesa, ao lado do tinteiro. E depois de uma pausa exclamou, olhando para mim, a sorrir um sorriso que me pareceu divino:

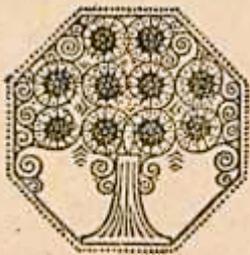
— Tinha um nome. Antoninho chamava-lhe o Labi...

— Labi?

— Sim. Rabi... Quer dizer rabiçó, sem cauda...

Sahi da casa do velho completamente desorientado. Fui ao telegrapho e expedi ao meu amigo o seguinte despacho: "Couto, somos duas cavalgaduras!"

MONTEIRO LOBATO





O TESTAMENTO DO BANDEIRANTE

*O que se vae ler é um capitulo destacado da serie de estudos **Que** o autor está escrevendo sobre os tempos coloniaes, á luc dos inventários dos séculos XVI, XVII e XVIII, divulgados ultimamente pelo Arcliivo do Estado de São Paulo. Os algarismos romanos que seguem no texto o nome de cada inventariado indicam o volume da collecção, em que se encontram os respectivos autos.*

I

ESTRANHIA aos portuguezes, emquanto predominaram na península. a organização da propriedade territorial e as instituições jurídicas de cunho barbaro, só no declinar da idade média a sucessão testamentaria ganhou entre elles popularidade e prestigio. Contribuiu para isso a restauração do direito justiniano, todo elle inspirado no horror que tinham os romanos á morte "ab intestato"; mas o factor primacial foi certamente a influencia da legislação canoqica, empenhada em favorecer os legados "ad pias causas".

Não havia como fugir a semelhantes liberalidades. Se dispunha dos bens sem contemplar a Igreja com esmolas, o individuo arriscava-se á denegação dos sacramentos e á recusa de sepultura sagrada. Na falta de testamento, os herdeiros tinham de pagar á autoridade ecclesiastica uma quota proporcional ao valor do espolio: bem podia ser que, por esquecimento ou ignorancia, o morto houvesse defraudado a parochia de algum dizimo ou oblação... Desse direito, conhecido em terras lusitanas por "quarta fune-



ral", "porção canónica", "mortulhas", ha noticia minudente e critica insuspeita no *Elucidário* de Viterbo.

Ao mesmo tempo dos inventários em estudo as "mortulhas" já se haviam convertido no que então se chamava "ab intestado". A expressão designava a terça da terça, que, na ausência de disposição testamentaria acerca de suffragios religiosos, era entregue ao vigário da freguezia, "para fazer bem pela alma do defunto". Se no proceder ás partilhas o juiz se descurava de abater do monte o que pertencia á parochia, "na fôrma do que mandava Sua Majestade" (João Gomes, V), não tardava a apparecer uma reclamação do parochio por meio de monitoria (Diogo Sanches, I) ou despacho nos autos (Francisco dá Gama, I). Não permittia a lei que as almas ficassem involuntariamente no purgatório: de bom ou de mau grado, haviam de salvar-se. Era a bemaventurança compulsoria.

II

A pratica de testar se incorporara de tal modo aos costumes, que, de 440 inventariados, apenas 121 falleceram sem declarações de ultima vontade. Precisamente o contrario do que succede nos tempos actuaes, em que a proporção dos intestados é muito superior á dos outros. Explica-se facilmente a differença. Reduzido a um acto de simples disposição de bens, o testamento só interessa hoje em dia aos abastados. Outr'ora, longe de ter essa feição puramente economica, era uma solemne demonstração de fé, que respeitava a todos os fieis. Ahi está porque se julgavam obrigados a fazel-o os mais desvalidos e miseráveis, como aquella Maria Leite (XXV), "tão pobre e carregada de filhos", que pedia uma cova, "pelo amor de Deus", no convento de S. Francisco, e implorava " pelo amor de Deus", que a acompanhassem o vigário e tres sacerdotes, e "pelo amor de Deus" supplicava que a levassem a enterrar "na tumba da Misericórdia". Sabem quem era essa desventurada, que em seu mealheiro não tinha o bastante para as despesas de encommendação e covagem? Filha natural de Fernão Dias Paes Leme, o caçador de esmeraldas...

O motivo que decidia a gente de antanho a fazer testamento vem declarado no proemio de todas as cédulas da época: "temendo-me da morte e desejando pôr minha alma no verdadeiro caminho da salvação", ou "em carreira de salvação" (Isabel Soares, VIII), — é assim que geralmente começa o testador. Ha variantes em que o pensamento religioso se manifesta com maior energia: "considerando quão incerta (é a hora da morte) e a estreita conta que tenho de dar ao meu Redemptor e Creator", — escreve Raphael de Oliveira (III).

Confessam alguns, a par da aspiração piedosa de "pôr a alma bem com o Senhor Jesus Christo", a preocupação terrena de "ordenar" ou "dispor de suas cousas" (Leonor de Siqueira, XIII), "para clareza da verdade" (Bernardo Bicudo, XV) ou "clareza com os herdeiros" (Domingos Fernandes, XXVII). Isso mesmo redundo, em ultima analyse, no cumprimento de um dever espiritual. Explica-o Isabel Sobrinha (V): para "concertar suas cousas de maneira que ficassem postas em ordem e maneira que todo o fiel christão tem obrigação fazer".

III

Nem sempre aguarda o testador a aproximação do minuto extremo, para exprimir os seus desejos finaes. Sabe a morte "cousa mui ordinaria"



(Miguel V. Pinto, X), "natural aos homens" (Luiz Lanes, VII), ou na phrase ingênua de Anastacio da Costa (XIII), reconhece que "como humano é mortal e pode morrer"; arreceia-se delia, "porque somos alfim de fraco metal", no dizer saboroso de Antonio da Silva (X); e aparelha-se para o transitio supremo emquanto "são, rijo, valente, de pé" (Lourenço Taques, XVII). Não se esquece de accentuar que está na posse de "todos os cinco sentidos" (Fernão Dias, I), "potencias, memoria" (Paschoal Netto, XI) e "entendimento corporal" (Maria da Silva, V), ou "em todo o siso e entendimento que Nosso Senhor teve por bem de lhe dar, para com elle se reger e governar, como é sua santa vontade" (Gaspar Fernandes, I).

Fal-o muita vez o bandeirante nas vespuras de bater-se contra o desconhecido, em aspera jornada. Assim, Antonio Rodrigues Miranda (III): "por estar de caminho para o sertão buscar meu remedio, e por ser mortal e não saber a hora que hei de dar conta de minha vida". Assim também, Pedro Madeira (XIV): "por não saber da morte nem da vida nesta viagem aos Gaianazes". A idea de testar acode a alguns, já no instante da partida, quando as canoas carregadas, "as toscas naus de borda rastejante", se aprestam a descer as aguas do rio sagrado, em demanda, "do majestoso, largo, infinito sertão".

A 6 de Março de 1607, no "porto de Prapetangi", Francisco Barreto (II) se dispõe a redigir o seu testamento: "sendo Nosso Senhor servido que nesta viagem para (a qual) estou de partida a descer o gentio faça Nosso Senhor de mim (alguma cousa) e meus dias lá feneceram". E' no mesmo "porto de Pirapetingi" que, "estando para embarcar a fazer uma viagem rio abaixo", Pedro Fernandes (XII) se resolve a testar. Manoel Dias (XI) e Lourenço Gomes (II) declaram-se "no porto do rio Anhemby na companhia de Martini Rodrigues, ao acompanhar aonde são os Bilreiros". Ao revês, só depois de internado "neste sertão de Paraupava", é que Pedro de Araujo (V), preador de carijós, dá conta de "andar a risco e aventuras"; e, recolhendo-se um momento, se decide a reduzir a escripto as disposições derradeiras.

Mas, na maioria dos casos, o homem não se lembra da morte, senão quando ella se faz lembrada. "Posto nas mãos de Deus para morrer" (Paulo Bueno, XIX), "preso da mão do Senhor muito mal" (Antonio Rodrigues, XXI), "indisposta de uma enfermidade que Deus lhe deu" (Guiomar Rodrigues, III), "com grandes dores" (Diogo Coutinho 4e Mfello, XV), — é nessa conjunctura que faz a "manda e testamento" (Anna Tenoria, XI) ou "lembrança de apontamento" (Martini do Prado, V), "para nella descarregar sua ultima e posthumeira vontade" (Beatriz Moraes, XIII). O tabellião vae enconral-o "doente em uma cama de doença perigosa" (Maria Alvares, I), "em cama, ferido a espingarda" (Jeronymo Bueno, XXIII), "deitado numa rede" (Amaro Domingues, X). Se lh'o permittem os achaques é "assentada em seu estrado" (Messia Rodrigues, XVII) que a matrona recebe o notário. O sertanista indica em rapidas palavras a circumstancia que lhe dita a resolução de tesitar. A's vezes, a doença, a febre, a maleita. E', "neste sertão dos Carijós", Henrique da Cunha (I) "doente de doença que Deus lhe deu, incerto de sua vida como mortal"; é Braz Gonçalves (XI) "neste sertão onde se acha enfermo de doença que o Senhor Deus lhe deu"; é Manoel Preto (XI) "doente neste rio Taquari"; é Juzarte Lopes (IX), "muito doente neste sertão (dos Patos) em casa do principal Aracambi"; são outros, sem conta. Muitos, porém, succumbem ás mãos do gentio: "doente de uma frechada que me deram os topiães" no sertão e rio Paracatú, esclarece Manoel Chaves (I); "neste (sertão) dos Abueus, doente de uma frechada", menciona Sebastião Preto (XI).



IV

O testador começa invariavelmente por um appello á divina misericórdia. De grande simplicidade e belleza é a invocação repassada de um vago sabor de pantheismo, que fazem Jorge de Barros (IV) e Isabel Felix (I). Limitam-se ambos a encommendar "a alma a Deus que a creou e o corpo á Terra para que foi creado". A mesma idea reaparece, mais diluida, nas palavras de José Peres (XXIV): "a alma a Nosso Senhor Jesus Christo que a comprou e remiu com seu precioso sangue e paixão e morte, e o corpo á terra que no ultimo dia hão de tornar em seu juizo final e dar conta do bem e mal que fizeram". João da Costa (XII) usa de uma formula original: "haja misericórdia de minha alma, assim como se lembrou do bom ladrão, estando na cruz, posto por mim e por todos os peccadores... morte e paixão que por mim padeceu aos 33 annos".

A maioria não se contenta de pleitear directamente a sua causa, e procura a intercessão de advogados poderosos. Sirva de amostra a cédula de Lucrécia Leme (XXV): "primeiramente encommendo minh'alma ao Padre Eterno que a creou, ao Filho que a remiu, ao Espirito Santo que a dotou de graças e dons; ao anjo de minha guarda, a S. Pedro e S. Paulo, e a todos os santos, e em especial ao santo de meu nome, peço queiram interceder por mim". André de Burgos (VII) vae mais longe: "á Vir[^]m Nossa Senhora... e ao santo de meu nome, e ao anjo de minha guarda, e ao archanjo S. Miguel, e a todos os santos e santas da côrte dos céos, e ás onze mil virgens, e a todos os anjos, archanjos, cherubins, thronos, dominações, patriarchas e prophetas". A' Rainha Virgem Senhora Nossa e ao anjo da guarda recorre frequentemente o peccador, para que o amparem e livrem "das tentações <ue o inimigo maligno" possa machinar "na hora tão perigosa" (Francisco R. Barbeiro, VI) "do transitio penoso" (Maria Tavares, XX).

Nenhuma supplica se compara á de Gaspar Fernandes (XI), tão cheia de humildade e confiança: "peço a Nosso Senhor Jesus Christo me perdoe meus peccados, e tome posse desta alma e a limpe com o preciosissimo sangue que por ella derramou na arvore da vera Cruz". Parece impossível que o crucificado não tenha ouvido esse grito de esperança e de amor: apossou-se com certeza da alma largada em suas mãos, como cousa sua, e limpou-a de nodoas e impurezas.

Affonso d'E. Taunay assignala com razão que essas e outras imagens encontradas nos inventários do século XVII contrastam com o laconismo e a pobreza verbal dos documentos quinhentistas, e denunciam, atravez do enriquecimento sensível do vocabulario, a elevação do nivel intellectual. Não esqueçamos todavia que, em regra, quem redige a cedula a rogo do testador é um monge ou clérigo regular. Explicam-se até certo ponto, dessa maneira, os extremos de piedade e o apuro da linguagem.

V

A' invocação da clemencia divina e aos protestos de fidelidade á Igreja succedem as determinações e mandas sobre os funeraes e os suffragios religiosos.

Nota-se desde logo uma singularidade. Não vacilla o testador em chamar a morte por seu nome, quando a ella se refere de modo abstracto: "não sabendo da morte nem da vida... temendo-me da morte"... Assim



também, quando allude ao facto consumado: "a legitima de meus filhos, que ficou por morte de sua mãe, que Deus tenha" (Domingos Cordeiro, VIII). Mas, ao falar de si mesmo ou de outra pessoa ainda viva, procura evitar com visível empenho o emprego da palavra malsinada, como se fosse de mau agouro. Serve-se então, geralmente, de uma destas periphrases: "fazendo Nosso Senhor alguma cousa de mim" (Antonio Rodrigues, XI)... á hora que será servido me levar desta temporal vida" (Maria Tavares, XX), "deste miserável mundo" (Francisco Godinho, II), "desta miserável vida" (Balthazar Fragoso, IX)... "sendo caso que Deus de mim faça o que fôr servido" (Paschoal Mello, XI)... "sendo que Nosso Senhor seja servido trasladar-me desta vida presente para a outra" (Maria Luiz, XVIII)... "quando esta minha alma de todo do corpo sair" (Diogo Machuca, III)... "como Deus faça do pae alguma cousa" (Domingos Cordeiro, VIII)... "no dia de meu transe" (Antonio R. Moraes, XXII)... "quando Deus me chamar" (Custodia Gonçalves, XX)... "quando deste mundo de misérias e valle de lagrimas sair á honra e reverencia sua" (José Peres, XXIV). Certo que se registram varias excepções. Estas, por exemplo: "sendo que morra na dita Villa" (Maria Bicudo, XVI)... "por minha morte" (Diogo C. de Mello, XV)... "por morte de meu marido" (Catharina Ribeiro, XXII)...

VI

Vem regulado por meudo o que respeita ao funeral. Receiosa de ser enterrada viva, Antónia Gonçalves (III) reclama que seu corpo não seja dado á sepultura "até 24 horas acabadas". Exigem alguns, como sudário, um lençol (Henrique Lobo, XVII; Catharina de Siqueira, XIX), "por haver sido mortalha do Christo Senhor Nosso" (Catharina Ribeiro, XXII). Querem outros descer ao tumulo envoltos no habito do Carmo ou de S. Francisco (Isabel de Almeida e Maria Luiz, XVIII; Diogo de Cubas, XX). Quasi todos pedem que os transportem até á cova "na tumba da Misericórdia".

A pompa está na razão directa do acompanhamento. Os de coração humilde recomendam que se faça tudo "sem mais pompa que o muito reverendo vigário e sua cruz" (Antonio M. do Passo, XXV), ou deixam o caso "á eleição do testamenteiro", de molde a ser o enterramento "sem essas pompas, mas honesto" (Braz de Arzão, XXIII). Não falta, em contraste, quem exija o desfile completo dos clérigos e das confrarias, com os guiões, as cruces e as bandeiras do estylo: "todo acompanhamento que fôr possível" Antonio R. da Silveira, XVI), "com a bandeira e cera que houver" (Luiz Folgado, VII).

Menciona sempre o testador o templo em que deseja ser inhumado. Não raro a indicação do logar é feita com a maxima precisão: "na matriz desta villa, do pau do arco grande para dentro, direito ao lampadario" (Domingos J. Velho, XVII)... "defronte do altar de Nosso Senhor" (Anna Rodrigues, II)... "em a capella-mór" (Maria Leite da Silva, XVII)... "do cruzeiro para dentro" (Maria Bicudo, XVI)... "juntò ao altar de Nossa Senhora dos Remedios" (Antonio R. da Silva, XVI)... "pegado ao assento dos officiaes da Camara arriba junto ao arcaz da confraria do Senhor" (Antonio Bicudo, XV)... "das portas travessas para baixo" (Affonso D. Macedo, XXIV)... "na sepultura, que está junto á grade de meu sogro, com uma campa por cabeceira" (Constantino Leite, XXV). Contenta-se Lourenço Fernandes Sanches (VII) com uma cova "em bom logar". Não se leve a preocupação á conta de vaidade. Martim



Prado (X) esclarece o pensamento dessas e quejandas determinações: "posto que na minha cédula mando que me enterrem na Igreja da Misericórdia, peço ao reverendo padre vigário que me enterrem na Matriz, porque assim é minh'ahna lembrada de meus parentes".

Domingos Fernandes (XXVII), o fundador de Itu, dá mostras do quanto estremece a povoação que plantou no deserto: "minha última e derradeira vontade é que a dita capella se perpetue neste Utuguassu e seu districto... na qual pretendo enterrar-me para ali estarem meus ossos esperando a universal resurreição no dia do Juizo". Vêde com que força elle exprime essa communhão mysteriosa entre o homem e a terra: "assim, por nenhum modo quero nem consinto que a dita capella e meus ossos sejam trasladados fóra do logar, salvo se, por meus peccados, Deus ordenar que isto se torne a despoovar, e então a poderão trasladar em tal caso, sendo todavia os derradeiros que daqui despreguem"...

VII

Com minudência igual o testamento providencia sobre o bem da alma. Atiravam-se os bandeirantes ao assalto do céu com a mesma obstinação e o mesmo ardor que empregavam na conquista da terra. Além da "missa cantada com seus resposos" (Jeronymo Fernandes, VIII), além do "officio de nove lições em riba do corpo" (Christovam Girão, IV) ou "sobre a cova, com sua missa cantada" (Thomazia de Alvarenga, VII), os testadores de prol exigiam suffragios abundantes pelo tempo afóra.

Sirva de illustração o testamento do guarda-mór João Leite da Silva Ortiz (XXV) fallecido em Recife (1730), quando em transitio para Lisboa. O genro do segundo Anhanguera, seu companheiro no descobrimento das minas "dos Goiazes", ordena "um officio de nove lições" e mais um milhar de missas "repartidas por todos os sacerdotes que houver, assim do habito de S. Pedro como religiosos, de tal sorte que, sendo possível, se digam em tres ou quatro dias... ou em os que puder ser, com toda a brevidade". Dahi se vê que, por falta de missas, não pereciam os peccadores, nem os sacerdotes.

Luzia Leme (XV), viuva do capitão Pedro Vaz de Barros, pede, para seu descanso, "tres officios de nove lições", seiscentas missas no Brasil e quatrocentas em Lisboa. Quem mais se approxima desse "record" é D. Maria Leite da Silva (XVII), mãe de Fernão Dias Paes Leme e avó daquella desgraçada Maria Leite (XXV), morta na miséria. Encomenda setecentas, das quaes quinhentas em Portugal. Deixa ainda ao padre João Leite, seu filho, "o remanescente das peças que não são captivas, para que do serviço delias faça bem por alma da testadora". Messia Rodrigues (XVII) segue-lhe o exemplo: manda applicar em missas "o que ganhar por seu officio, emquanto fôr vivo", uma das peças, que possuía, "moço do gentio da terra, official de sapateiro". Assim, depois de ter suado em vida da senhora, para manter-lhe o corpo, o desventurado teria de trabalhar indefinidamente para salvar-lhe a alma... Antonio Ribeiro de Moraes (XVII) lega também o remanescente de sua fazenda ao padre João Leite de Aguiar, "com condição que será obrigado, passando o que lhe couber mais de 100\$000", a dizer uma missa por semana, e, "passando de 200\$000", duas, emquanto viver.

Mais modestos ou menos necessitados, contentam-se Antonio Pedroso Barros (XX) com 500, Catharina da Silva (XXIII) com 430, Domingos Jorge Velho (XVII) com 450, Bartholomeu Paes de Abreu (XXV) com



394, Matheus de Siqueira (XIX) com 300, Pedro Vaz de Barros (XXIV) com 200.

E' frequente o appello ao testamenteiro para que se haja com diligencia no cumprimento dessas disposições: "seja logo"... "sem demora"... "quanto mais depressa melhor"...

VIII

Alguns, em seu egoismo, tratam apenas de si mesmos. Outros, bem numerosos, se lçRibram dos parentes, e também das peças do gentio que lhes morreram em serviço (Diogo Bueno, XXIII; Felipe de Campos, XXI; Antonio S. Mendonça, XXII).

As "almas do fogo do purgatorio" são contempladas a meude. Não falta mesmo quem lhes ceda e traspasse direitos creditorios. E' o que faz Constantino Rabello, com referencia ao "conhecimento" de que era devedor o capitão João da Cunha Lobo (XX), segundo se vê da quitação ou "clareza" subscripta pelo "thesoureiro e procurador das Almas". Por ellas tem devoção ardente o famigerado Bartholomeu Bueno da Silva. Prova-o, remetendo a Portugal, por intermedio de João Leite da Silva Ortiz (XXV), uma barra de ouro com 476 oitavas e meia, "que pertence ás almas para uma missa quotidiana".

Não deixa de ser tocante a preocupação, revelada em vários testamentos, de favorecer "as mais desamparadas almas que estiverem nas penas do purgatorio" (Simão B. Cerqueira, IX; Antonio da Silveira, XI; Margarida Rodrigues, XIII), ou "aquellas que mais sem remedio estão" (Jqjio Tenorio, IX).

IX

Quasi nunca o testador se limita a indicações genéricas. São raros os que dizem á maneira de Manoel J. Branco (XIII) : "de officios e missas não trato, porque deixo isso na mão de minha mulher". Ou como Anna da Silva (XXII) : "as mais missas de requião deixo na disposição de meu marido, pelo bom conceito que tenho delle". Em regra, o assumpto vae regulado por meudo: o logar da cerimonia, o padre que tem de funcionar, os santos cuja mediação é impetrada.

Nada mais demonstrativo que as disposições de Maria de Lara (XVIII). Afóra trezentas missas por sua alma e dezeseis pelas peças mortas em serviço, a illustre senhora encommenda outras, em numero variavel, ao anjo da guarda, a N. Sra. da Luz, do Carmo, da Conceição, dos Remedios e das Victorias, aos anjos S. Miguel e S. Raphael, a S. Lazaro, S. Úrsula, S. Alberto, S. Jeronymo, S. Domingos, S. Cypriano, S. Francisco Xavier, S. Braz, S. Bento, S. Elias, S. Antonio, S. Francisco, S. The-reza, "e mais as tres missas da Rainha Santa Catharina, assim como estão declaradas no livro de bem morrer, e também as quarenta e sete de S. Gregorio, e as cinco de S. Agostinho, na conformidade que o livrinho especifica, e mais as trinta e três de S. Amador". O "livrinho" é provavelmente o "Breve aparelho e modo fácil para ajudar a bem morrer um christão", do jesuita Estevam de Castro, obra muito espalhada nos meios devotos do século XVII, conforme testemunha o grande numero de edições que logrou em poucos annos.

Como se não bastasse tudo isso, Maria de Lara contempla com 12 missas os 12 Apostolos e 11 as 11 Mil Virgens. A sugestão exercida pelo numeroso transparece claramente da disposição. Nem é por motivo diverso que Ambrosio Mendes (XIII) consagra 9 missas "á honra dos 9 côros de anjos", e Lourenço de Siqueira (XIII) e Juzarte Lopes (IX) outras tantas "á honra dos 9 mezes" que a Virgem "trouxe o menino Jesus em seu precioso seio".

Objecto de especial devoção era um pontífice, de que ninguém se lembra hoje em dia. Varias allusões se nos deparam ás "cinco missas do Santa Papa V" (Maria Bicudo, XVI), ás quaes se attribue "o privilegio de tirar a alma do Purgatorio" (Juzarte Lopes, IX).

Dos habitantes do céu nenhum escapava ás importunações dos peccadores. Miguel Leite Carneiro (XXII) propicia "os evangelistas, martyres, confessores, prophetas e S. Miguel com todos os anjos do paraíso". Muitos, receiosos de omissões involuntárias, repartem missas "por todos os Santos da Côte Celestial" (Domingos J. Velho, XVII). "Por todos os Santos, aonde entrará o Santo de meu nome", accrescenta cautelosamente Antonio de Azevedo Sá (XXI). Com astúcia inexcédível, Affonso Dias (XV) procura captar as boas graças, não só do intercessor, como da própria familia delle: ordena 3 missas a S. Antonio e outra "ao pae do Santo"...

Por uma singularidade inexplicável, o menos lembrado é precisamente o mais poderoso. Pouquíssimos os testadores que lhe prestam homenagem. Henrique da Cunha Machado (XXI) e Manoel de Arzão (XXIV), só estes não esquecem o Padre Eterno.

X

Os testadores costumam também recommendar-se com boas obras á divina misericórdia. Francisco Preto (XVII) manda partilhar entre os necessitados cem patacas em dinheiro. Outros deixam roupas usadas "ao mais pobre homem" ou "á mais desamparada orpliam que se achar" (João Leite, IV). Gaspar Barreto (VIII) auxilia com 2\$000 as duas primeiras orphans que se casarem depois de seu fallecimento. Raphael Dias (VI) gratifica "a mais pobre orpham que se achar nesta villa" com o remanescente da terça.

Entre os legatarios apparecem de frequente, como é natural, as confrarias, os padres de Jesus, os mosteiros do Carmo e de S. Bento. Francisco de Brito (IV), por exemplo, faz a N. Sra. do Carmo a esmola de "cinco aves e cinco mãos de milho para os seus porcos". De vez em quando o proprio vigário da freguezia tem uma grata surpresa. Assim, Bartholomeu Rodrigues (II) lhe destina "duas rezes das melhores que tiver".

XI

Não é de espantar, á vista do exposto, que o funeral e o bem de alma consumam por vezes uma parte notável do espolio. No inventario de Catharina da Silva sommam as duas parcellas 260\$800, quantia fabulosa para o tempo. Só as despesas de sahimento de João Leite da Silva Ortiz (XXV) attingem 111\$780; e por motivo do enterro de Jeronymo Bueno (XXIII) se derretem 33 libras de cera no valor de 33\$500.

Tudo vem documentado por meudo. Ficamos sabendo ter custado 100 réis "o papel que se poz debaixo dos castiçaes no enterro e na eça" de

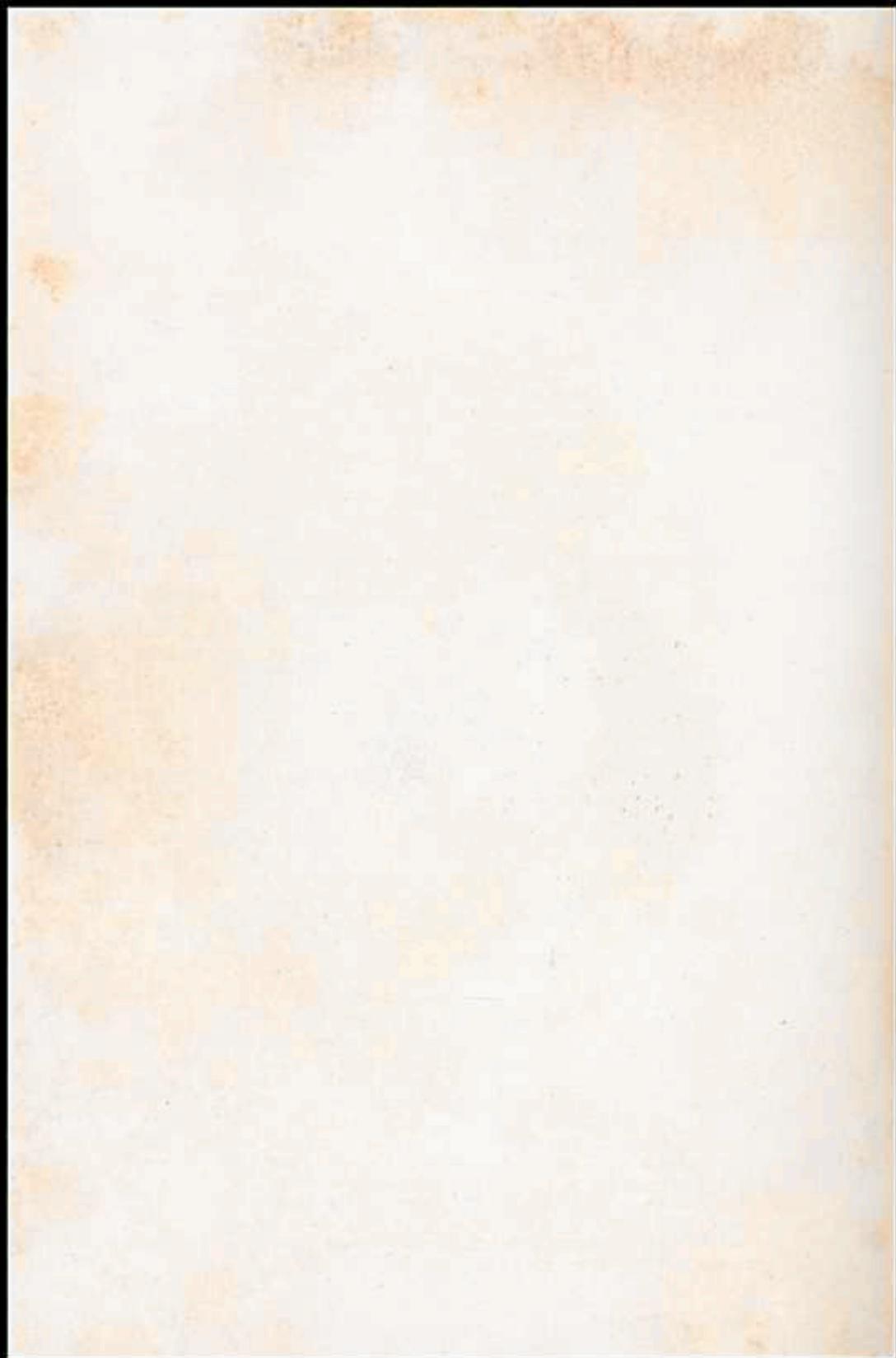


GALERIA DOS EDITADOS



VEIGA MIRANDA

autor de "Redenção"



Gaspar de Godoy (XXIII). Dado o costume de ser cobrado áparte o "guisamento" das missas (João L. S. Ortiz, XXV), sabemos que "oito medidas e meia de vinho se gastaram nas missas que se disseram no Collegio" pelo descanço de Jeronymo Bueno (XXIII).

O que sobremodo encarece o funeral são os "mementos" entoados durante as cerimoniaes fúnebres, "com canto de órgão" (Bartholomeu Paes de Abreu, XXIII), "com harpa e mais músicos" (Domingos da Silva, XXI), "com harpa e baixom" (Leonor de Siqueira, XVII). "Baixão", explicam os dictionarios, é instrumento de sopro, especie de fagote, de som grave e profundo. A missa rezada custa a principio um misero tostão (Pero Leme, I); "cantada, de tres lições", 2\$000 (Pedro Alvares, II). Em meados do século XVII passa a espórtula a ser de meia pataca (Catharina do Prado, XV), mantendo-se em 2\$000 a da "cantada com harpa e baixom" (Leonor de Siqueira, XVII) e subindo a 8\$000 a do "officio de nove lições" (Luzia Leme, XV).

XII

A essas disposições outras succedem, muita vez, em que nitidamente se revela a feição religiosa dos testamentos antigos.

Para "descarregar a consciéncia" o testador se accusa, com humildade e contrição, de faltas commettidas e trata, quanto possivel, de reparal-as.

Este confessa que "vendeu mal" certas cousas, e manda cobrar por metade o valor dos "conhecimentos" ou títulos de dívida (Antonio Pedroso de Barros, XX). Aquelle ordena "10 missas por algumas cousas alheias que poderá dever em consciéncia, que sejam por seus donos" (Miguel Leite de Carvalho, XXII). Aqui alguém que deixa a quantia de 4\$000 para ser applicada "em missas, em retribuição de alguma cousa que não saiba". Adiante, é outro que, na impossibilidade de resarcir a lesão, por ser ignorado ou desaparecido o credor, determina que se faça "alguma obra pia" ou "algum bem pela alma do dono do dinheiro" (José Lobo, XX; Luiz Furtado, X; Alvaro Rabello, XII). E', mais além, um sertanista, arrependido tardiamente das depredações commettidas contra os selvagens, "de que pede perdão", a encomendar "dez missas para satisfação da força que fez ao gentio" e dos mantimentos que lhe comeu" (João de Souza, VIII). Se alguns declaram em segredo aquillo a que se julgam obrigados (Henrique Machado, XXI) ou tiram discretamente "do mais bem parado da fazenda" o custo de "10 missas por certa tenção" (Maria Rodrigues Goes, XXI), outros se exprimem com a maior franqueza, declinando nomes e quantias (Antonio Bicudo de Brito, XXVI; Gaspar de Godoy Moreira, XXIII). Um delles reconhece dever "de retribuição á mulher que foi do Pereirinha seis tostões e á mulher que foi de Estevam de Brito 160 réis".

Entre os débitos de consciéncia figuram com frequencia os provenientes da venda de indios livres como escravos. "Dei a João Francisco um rapaz (escreve sybillinamente Antonio Rodrigues, XXI), o qual lhe dei por não sei quê, que elle bem sabe: mando que se lhe pague e se ponha o rapaz em sua liberdade". E Paschoal Leite da Cunha (XXI): "deixei uma rapariga tapuia em casa de João de Almeida Narcô mal vendida". Mais grave é o delicto de Gonçalo da Costa (I): vendeu "um casal de peças a André de Escudeiro, no qual ia uma creança que diziam ser filho d'elle testador". Limita-se o desalmado a insinuar mollemente á esposa que tire, "se quizer", do captiverio a desventurada creatura. João Preto (XI) pensa obter quitação da justiça divina, mediante 8 missas pelas almas das peças forras que mercou "assim na terra, como fóra delia".

Mas em regra o culpado se empenha fortemente pela reparação do crime: "sendo vivos se rimam" (Juzarte Lopes, IX; Antonio da Fonseca, XXVII; Antonio Bicudo de Brito XXVI). Nem sempre o desejo se realisa. No inventario de João de Souza (VIII) balda-se o resgate "por razão de Pernambuco ser occupado dos Hollandezes"; no de João Leite (IV) a morte da victima impede a execução da manda. Em casos taes o preço da venda é convertido em missas por tenção dos indios fraudulentamente alienados.

XIII

No declarar as verbas de seu passivo espiritual, o testador não silencia os "promettimentos" que deixou de satisfazer: uma romaria de nove dias a N. Sra. da Conceição e outra de um dia a S. Amaro (Messia Bicudo, VIII); VIII); uma novena á mesma N. Sra., com duas missas e quatro arrateis de cera (Sebastião Gonçalves, XI); uma romaria que o disponente fez na moléstia e outra encommendada por sua mãe (Luiz Lanes, VII); uma novena a S. Amaro e uma romaria a N. Sra. da Conceição dos Maromemis, "em companhia de uma negra de nome Christina" (Luiz Folgado, VII).

Quem dá cumprimento a esses votos é o testamenteiro, e, na falta, o herdeiro designado (Sebastião Gonçalves, XI). Comprovando ainda uma vez que o testamento é sobretudo um acto de religião, a circumstancia justifica de sobejo 'a maneira porque habitualmente são nomeados os executores testamentários. "Testamenteiros de minha alma" (Antonio da Silveira, XI) ou, ainda mais expressivamente, "curadores de minha alma", chamalhes assim quasi sempre o testador. Em "alliviar", "consolar", "desobrigar a alma do defunto" consiste a parte mais importante da tarefa que tomam sobre si, "para fazer mercê" ao de cujus e "por serviço de Deus e de Sua Mãe Santissima" (Bartholomeu Paes de Abreu, XXV).

XIV

Passa depois o testador ás disposições de ordem temporal. Indica os herdeiros necessários, não se descurando jamais de mencionar os dotes e mais valores que os descendentes devem trazer á collação. Reconhece os filhos illegítimos, quando o direito lh'o permite, e grafica-os, no caso opposto, com alguma esmola "pelo amor de Deus". Relaciona por maior ou por menor, conforme o vulto do acervo, os bens que possui. Accusa as dividas passivas e activas, se não prefere fazel-o em "rol", "lembrança" ou "apontamento" á parte.

O capitão-mór Antonio Ribeiro de Moraes (XXII), genro do capitão-mór Amador Bueno da Ribeira e homem de largos haveres, morreu sem ascendentes ou descendentes. O testamento que redigiu não continha instituição de herdeiro. Annullou-o por esse motivo a Relação do districto, fazendo dest'arte prevalecer a concepção romana da continuação da personalidade do defunto, com razão e fundamento da successão testamentaria.

XV

Além de cuidar da alma e repartir os bens, o pae de familia aproveita ás vezes a opportunidade para dirigir aos filhos alguns pedidos supremos ou últimos conselhos.



Trucidado, no tumulto de uma rebelião dos índios, em sua fazenda de Apoterebu (S. Roque), Antonio Pedroso de Barros (XX) dá mostras de grande elevação moral, procurando evitar que sua morte seja ocasião de novas bulhas e vindictas: "deixo a meus herdeiros que perdoem os meus matadores, pois foram os meus peccados"...

Alguns recommendam com especial carinho um dos membros da família à benevolencia e protecção dos outros. Bem expressiva é esta passagem do testamento de Antonio Antunes Maciel (XXVI): "peço a meus filhos que ponham os olhos nesta mulher, reparem que foi mulher de seu pae, tenham o respeito de mãe, não lhe façam mal, senão bem... isto vos peço a vós outros pelo amor com que vos criei"...

XVI

Agora, a fôrma externa.

São em numero diminuto os testamentos públicos. Só de quando em quando vae o interessado ao tabellião, pedindo que lhe tome um "publico instrumento de cédula, testamento e manda" (Antónia Gonçalves, III), "para elle relatar e descarregar sua consciência, no melhor modo que Deus lhe der a entender" (Manoel de Alvarenga, XIV). Exige a Ord. (4. 80 pr.) a presença de cinco testemunhas, "varões, livres... e maiores de 14 annos", devendo uma delias assignar a escriptura a rogo do testador, quando este não saiba ou não possa escrever. Em mais de um caso, todavia, quem subscreve o testamento "a pedimento" do testador é o proprio tabellião (Antónia Gonçalves, III; Susana de Goes, V; Domingos Rodrigues e Braz de Pinha, VIII); e as testemunhas são tres (Domingos Rodrigues, VIII) ou quatro (Antónia de Chaves, XIV), em vez de cinco.

Igualmente raros os nuncupativos, feitos "vocalmente", em perigo de vida (Maria de Oliveira, XVII).

Em meados do século XVII apparecem os "cerrados" ou "mysticos". Nada offerecem de notável.

A maioria dá preferencia ao "particular". Consoante a Ord. 4. 80. 3, a oedula devia ser feita e firmada pelo testador ou por outra pessoa a seu rogo e subscripta por 5 testemunhas, sem contar o terceiro que a houvesse redigido ou assignado. Acto imperfeito, dependia, para ter efficacia juridica, de ser approved em vida do autor, ou reduzido, depois da morte, a publica forma, pela inquirição judicial das testemunhas instrumentarias.

Não se timbrava de rigor na observancia de taes solemnidades.

Contam-se por dezenas as cédulas em que ha somente a firma do testador ou de outrem por elle, sem a intervenção de testemunhas (Gracia Rodrigues, I; Francisco Barreto, II; Maria Paes, IV; Maria da Gama; Luiz Folgado, VII; Pedro Madeira, XIV; Maria Pompeia, XV). Uma existe, a de Catharina de Burgos (IX), que não contem sequer a assignatura de quem a fez "a pedimento" da testadora. São muitos os documentos em que interferem testemunhas em numero inferior ao da Ord.: quatro (Manoel de Siqueira, XXIII), ou tres (Antonio de Almeida Lara, XIX; Diogo de Cubas, XX; Maria de Goes, XXI), ou uma só (Maria da Cunha, XXVI; Pedro P. Menezes, XXIV). Vem mencionado ás vezes o motivo da violação da lei: "por faltarem homens" (Maria Gonçalves, I)... "por estar mettido nestes mattos tão longe do povoado" (Diogo C. de Mello, XV):... "por estar em ermo" (Maria da Cunha, XVI)... "visto eu estar no centro dos mattos, 5 ou 6 léguas, não haver visinho" (Maria da Cunha, XXVI).

Em ma's de um testamento de sertanista quem escreve a cédula é o escrivão da bandeira (Luis Lanes, VII; Affonso Dias, XV), declarando-se "escrivão deste arraial do descobrimento das minas de ouro, prata e mais metaes" (Martim Rodrigues, II). Mas, embora decline semelhante qualidade, não actua na especie como official publico, e sim como particular.

Observa-se o mesmo esquecimento dos preceitos da lei, no tocante á publicação. Inumeros são os testamentos executados sem dependencia daquella solemnidade complementar (Maria Luiz, XIV; Bernardo Bicudo, XV; Thomé R. Velho, XVI, etc.). Em outros casos, muito vulgares, o testamento é publicado mediante um auto de "approvamento", a que também se dá o nome de "substabelecimento" no inventario de Bartholomeu Gonçalves (VII). Lavrado pelo tabellião, o auto vae subscripto pelo testador ou alguém a seu pedido e por testemunhas em numero variavel. A formula habitual é, com leve differença, a mesma da approvação do mystico ou cerrado: certifica o tabellião que o testador, em seu perfeito juízo, lhe entregou o testamento ("me foi dado de sua mão á minha"), dizendo que o havia "por bem feito perpetuamente, sem diminuição alguma" (Manoel Vandala, VII), "de hoje até o fim do mundo" (Bartholomeu Rodrigues, II).

Uma única vez se realiza a publicação por meio de inquirição de testemunhas, a exemplo do procedimento seguido na redução dos nuncupativos. Diogo Coutinho de Mello (XV) deixara tertas "casas na villa" ao cunhado que lhe redigira a cédula. O juiz de orphãos mandou cumprir o testamento, com excepção do legado. De facto, e por direito, aquelle que intervem dessa maneira no acto da ultima vontade não pode ser legatario. Mas o beneficiado se propoz e foi admittido a justificar com testemunhas a veracidade inteira da deixa. A' vista disso, julgou o juiz que o "de cujus" fizera testamento nuncupativo nesta parte", e validou o legado.

XVII

Quem mandava cumprir os testamentos? A's vezes o vigário (Pedro Martins, V; Felippa Vicente, VII; João de Souza, VIII; Matheus Leme, IX; etc.), ou o proprio bispo (Mariana Maciel, XIX). Outras, o juiz de orphãos (Messia Rodrigues, XVII; Isabel Beldioga, VI). Mas, em geral, ha o "cumpra-se" da autoridade judiciaria e também o da ecclesiastica.

A esta, como áquella, competia tomar contas aos testamenteiros (Ord. I. 62. 4). Faziam-o com o máximo rigor, exigindo a prova da satisfação de todas as deixas e determinações. Apesar disso, apparecia de tempos a tempos quem estranhasse "o descuido e frieza que nesta matéria de tanta importancia ha" (Isabel Sobrinha, V). Que diria esse descontente se tivesse diante dos olhos a incúria dos juizes actuaes?

XVIII

Para nós, que estamos acostumados ás cavillações da chicana, o estranho e que ninguém se lembre de oppòr-se á execução de actos despídos da fôrma legal.

Comprehende-se que nenhuma objecção desperte um testamento de bandeirante, feito em pleno sertão, "onde Sua Majestade suppre as faltas", segundo a observação do juiz Moraes no inventario de Antonio Lobo Carneiro (1660). Ajustam-se á hypothese as palavras ingênuas de Vanguerve,



quando procura exculpar uma praxe contrária á lei, em uso *nos campos e sertões do Brasil*: "e a razão he porque em caso de necessidade se permite o que não he permittido".

Os que mais se afastam da norma são os feitos em povoado. Veja-se o de Valentim de Barros (XV). Nem testemunhas, nem auto de approvação, nem redução a publica-forma. Apenas o reconhecimento, por tabellião, da letra e signal. Apesar disso, é ouvido o appello final do testador: "que o guardem, porque vae feito em boa fé, como bom christão." O vigário apressa-se em lançar o "cumpra-se" do estylo, "visto ser este testamento de pessoa tão qualificada". Dessas palavras que tresandam a lisonja seria injusto inferir a existencia de craveira differente para os humildes. A cédula de Paschoal Neto (XI) não tem sequer o reconhecimento da firma. Do mesmo vicio padecem as de Pedro Madeira (XIV), Isabel Dias (XXIII), Ascenso Gil (XIX). Sem embargo de taes "enfallencias" (Catharina do Prado, XV), não ha quem se atreva a impugnal-as.

Será de attribuir-se á ignorancia da lei a attitudo dos juizes e dos interessados? Nada menos plausível. Quando o vicio é de fundo e não de fôrma, o juiz se nega a executar a manda, como no caso de Diogo C. de Mello (XV), e os herdeiros se prevalecem da nullidade como no inventario de Antonio Ribeiro de Moraes (XXII).

Deve ser outra a explicação. E' que, por muito defeituosa que seja, em face do texto legal, a maneira por que se manifesta, a vontade dos mortos constitue para a gente antiga um mandamento irresistivel e sagrado. Acima das solemnidades, a substancia. Mais do que a fórmula, a verdade. Ahi está o que alguns legistas de hoje podem aprender com certos homens de outr'ora...

ALCANTARA MACHADO.





O PRAZER DE AMAR

EM seu camarim azul, Salomé acabava de vestir-se, após ter acabado a dança que a filha de Herodiades, para haver a cabeça do Precursor, executará perante a côrte do rei Herodes Antipas.

Era essa Salomé uma grande artista e, todas as noites, com suas dansas em que punha uma voluptuosidade terna e languida, recebia muitos applausos e flores. E sendo joven e bella, tinha um cortejo numeroso de admiradores.

Dansava, ás vezes, nos salões da aristocracia e da finança, quando lho pediam, em festas de caridade, para alliviar os miseráveis deste mundo. E não o fazia para viver algumas horas em convívio com as mulheres da alta sociedade, como sussurravam, invejosas, suas collegas; antes a impellia o seu coração bondoso. Recordava-se, então, nitidamente, dos dias de privações e de amarguras, e revia o pae, com o rosto ennegrecido de carvão, curvado sobre o catre em que sua pobre mãe, coberta de farrapos, morria minada de tuberculose.

Nesse tempo já linda era ella, e o vendedor de guloseimas não perdia occasião de lho dizer, sempre que ella se lhe apresentasse, acariciando-lhe as faces:

— Cá está ella, a perolazinha do bairro!... Mas tão sujinha!...

Ao morrerem-lhe os paes, ella e o irmãozinho João foram morar com uma velha tia. Um dia o pequenote desapareceu e vãs ficaram as pesquisas feitas para descobri-lo; desconfiaram de uns saltimbancos, que iam de cidade em cidade exhibindo suas habilidades e fazendo cousas magicas e maravilhosas.

Aos quinze annos foi trabalhar num grande armazém de mo-

das. Tornára-se então mais bella, se isso fôra possível. Um velho, barbeado e bem vestido, de flor sempre fresca na lapella, e que ella soube ser um barão, e dos autênticos, começou de segui-la todas as tardes, quando regressava a casa da velha tia, depois de uma jornada longa e extenuante. E o barão pintou-lhe a vida com tão agradaveis côres, fez-lhe entrever gozos tão embriagadores, que a velha tia a esperou baldadamente durante uma noite toda, em sobresaltos.

Passaram-se alguns poucos de annos, como se dizia nos romances sentimentaes; o barão aborreceu-se delia e a abandonou, no que se houve como barão que se preza... Ella entrou para o theatro e os homens a transformaram em um dos idolos do publico.

Com o andar do tempo Salomé tornára-se prudente e ajuizada, e não malbaratava o dinheiro que auferia em cousas fúteis, com receio de morrer, como as outras, no hospital. Tinha o seu pé de meia; a miséria aterrorizava-a; pensava nos dias futuros. Quando já não fosse bella e joven, compraria uma chacara, num sitio retirado e aprazível, nalgum recanto de província, e lá viveria uma vida tranquillã, criando gallinhas e distribuindo esmolãs aos pobres.

E a estes pensamentos seu coração enchia-se de um sentimento até então desconhecido, que a commovia profundamente, deliciosamente ...

Era ou julgava-se feliz; e no entanto a lembrança de seu irmão, que apesar de tudo continuava a amar, affligia-a bastante.

* * *

Uma noite em que não fôra ao theatro, e enquanto a chuva cahia pesada e triste, posera-se a ler os jornaes. Não tinha gosto pela leitura, e não obstante lia, por não saber como melhor passar a noitada. Lia, todas as manhãs, antes de levantar-se, as folhas, para saber o que delia se dizia, e saborear os elogios que nellas appareciam. Gostava delles; elles faziam-lhe bem. Leu-os mais uma vez e depois, muito fatigada, passou á pagina dos annuncios. Entediava-se já, quando seus olhos pousaram sobre estas linhas;

SHERMES HOLLOCK

Detectivo

Habilidade — Discrição — Methodos scientificos

Preços moderados

Rua da Felicidade, n.º 13



O jornal cahiu-lhe das mãos e scismou, pensativa. A recordação de seu irmão João, que alguns pelotiqueiros lhe haviam arrebatado, apertou-lhe agudamente o coração. Uma lagrima desprendeu-se-lhe dos olhos, solitaria.

* * *

Um japonês de olhos oblíquos, muito pequeno, muito amarello, muito obsequioso, abriu-lhe a porta e ella achou-se num corredor estreito e escuro. O japonezinho indicou-lhe uma porta á esquerda, a qual elle fechou, nem bem Salomé a transpôs.

Viu-se numa sala vagamente alumiada; e quando se habituou á sua pouca luz, percebeu, enterrado numa grande cadeira de braços, com as pernas cruzadas, atirando ao tecto grossas baforadas de fumo, um homem de idade indefinivel. Podia-se vê-lo a custo; seu corpo delgado desapparecia num amplo pijama vermelho, bordado de seda amarella.

io cheiro do fumo fez-lhe mal á garganta; sentou-se na extremidade de uma cadeira e murmurou:

— Bom dia, cavalheiro. Vi o vosso annunciozinho. Sois vós o afamado Sherlock Holmes?

— Não, minha senhora, não tenho a honra de ser o grande Sherlok Holmes, o Mestre. Chamo-me Shermes Hollock.

— E não é a mesma cousa?

— Não, minha senhora, respondeu o homem do pijama vermelho, com voz sem entoação e sem mexer-se.>

— Desculpae-me, cavalheiro. Meu nome é Salomé, e executo dansas classicas, todas as noites, no Theatro Imperial.

E observou-o de esguelha. Não lhe leu, porém, surpresa alguma no semblante; elle nunca fôra ao theatro e, dos jornaes, sabia somente dos crimes que se commettiam; desconhecia-a de todo e não sabia que ella era celebre e adorada do publico. Disse-lhe então a que viera, em frases curtas, corando de onde em onde.

Shermes Hollock continuava immovel. Ella levantou-se e, abrindo a porta:

— Procurae-o com cuidado, meu caro senhor, e eu vos serei grata. Não vos importeis com despezas, sou bastante rica. Elie tinha os olhos negros... os cabellos também... Deve ter pouco mais de vinte annos. Era lindo e deve sê-lo ainda...

— Nós o procuraremos, senhora, descance. Mas é preciso dinheiro, para começar.

Ella tirou da bolsa uma nota de mil francos, aproximou-se do homem do pijama vermelho e entregou-lha.

— Julgaes que seja bastante?



Shermes Hollock meteu-a no bolso sem nada responder e retirou-se, satisfeita e apressada.

* * *

Conheceu-o uma noite num baile á fantasia e amou-o logo. Seus cabellos negros, seus olhos brilhantes, seu sorriso mysterioso, abalaram-na intensamente. E tantas e taes foram as amostras que lhe deu de amá-lo, que elle não tardou em confessar-lhe o mesmo.

Foi esta para ella uma quadra de felicidade infantil e deliciosa. Todas as noites, após terminadas as dansas, iam cear num restaurante pouco frequentado; depois, de braços dados, pelas ruas silenciosas e caladas, trocavam algumas palavras, paravam ás vezes para contemplar a lua ou um cão que ladrava, e lá se iam para casa delia.

Donde viera elle? Do que vivia? Onde morava? Seria ao menos digno do seu amor? Foram perguntas estas que ella se não deu ao trabalho de fazer a si mesma. Amava-o e, nesse amor, cifrava toda a sua existencia. Para que atormentar-se? Verdade é que algumas vezes elle lhe pedira dinheiro: que tinha isso, afinal? Nada.

Elle era tão gentil!... tão attencioso!...

* * *

Em seu quartinho escuro, fresco, silencioso, cheio de cortinas, de almofadas, de pelles de leões e tapetes espessos, Salomé penteava-se, de pé, deante do espelho que a reflectia toda.

ELLE accendeu um cigarro; ella o observou. E enquanto passava os dedos de marfim, com movimentos lentos, nas ondas de ouro fulvo de sua cabelleira:

— Dize-me, vida minha, amas-me muito? Olha-me bem... assim... amas-me? amar-me-has sempre? Nunca de mim te aborrecerás?

Achou-a infinitamente tola; todavia, sem dizer palavra, envolveu-a nos braços e pôs-lhe nos lábios o beijo mais longo, mais ardente e mais inebriador que ella até então provára.

— Como és lindo!... suspirou ella, com os olhos semi-cerrados, a bocca entre-aberta, pallida, palpitante.

Apertou-a de novo ao peito, comprimindo-a nos braços robustos; e suas mãos, mais acostumadas a enterrar o punhal na garganta dos transeuntes e a espancar as frequentadoras de ta-



vernas de arrabalde, acariciaram-na brutalmente, desvairadamente.

— Como és gentil!... meu amor... gemeu Salomé, baixinho.

— Sabes? disse-lhe elle, preciso de algum dinheiro. Tolices: perdi hontem uns milhares de francos ao jogo e prometti pagá-los esta noite. Disso depende a minha honra. Não os tens?

— Não, tudo o que possuo neste momento não excede a cem francos. Mas espera, queres um cheque?

Sahiu e appareceu alguns instantes depois, com um papel na mão:

— Cá está; dez mil francos.

Elle pôs-se a rir, e o seu riso era grosseiro e cynico.

— Papel, minha amiga... Para que me serve isso? Não saberia o que fazer delle. Já é tarde e preciso de dinheiro esta noite.

Ella arrancou então do pescoço um lindissimo collar de pérolas, que o barão lhe dera durante os primeiros arroubos, collocou-lho nas mãos, supplicando-lhe, ternamente, num cochicho, que fosse vende-lo.

Na manhã seguinte a creada de quarto entregou-lhe uma carta, que assim rezava:

"Senhora.

"A pessoa que me encarregastes de procurar, fiada na minha habilidade, vive ainda "e mora nesta cidade. De uns annos para cá "metteu-se a explorar as mulheres que delle se "apaixonam; actualmente é vosso amante. Já "vos despojou de muito dinheiro? Tenho as "provas do que vos digo commigo. Vinde vê- "las. Espero-vos á noite. Não vos esqueçaes de "trazer mil francos.

"Vosso,

"Shermes Hollock."

Salomé leu a carta umas seis vezes seguidas; depois deitou-se novamente e fechou os olhos dizendo:

— E vae dahi, que tem elle que eu lhe dê ou deixe de lhe dar dinheiro? Ora, esse senhor Shermes a querer metter-se no que não é de sua conta!... Diz que é meu irmão: não devo por isso mesmo amá-lo mais do que se fosse um extranho? E pede-me ainda mil francos!... Explorador!...



E Salomé adormeceu serenamente, e sonhou que myriades de rechonchudos cherubins lhe traziam seu irmão João seguido de um cortejo de histriões aos saltos e cambalhotas, e que um delles lhe dizia:

— Ama-o, é elle mesmo, o pirralho que te roubamos!

*
* * *

Leitor pudico que te aprestas a censurar o procedimento desta Salomé, como tens censurado o das outras: suppõe que tudo isso se passou ha muitos séculos, cousa de uns tres mil e quinhentos annos antes do apparecimento de um fanatico, de espirito tacanho, que quiz impôr cadeias e regras ao amor, e que havia já Sherlocks Holmes que descobriam creanças roubadas. Isso não deixará de causar-te certo prazer, constatando que nada soffre a verdade e que a moral não sae arranhada.

Os leitores não pudicos que pensem como melhor lhes aprouver.

Ao autor, amante da Verdade e da Moral, saberá bem somente o bom juizo que delle fizer o leitor pudico; o dos outros deixa-o completamente indifferente.

J. RAMOS.





NOTAS A LAPIS SOBRE UM PINTOR INDIFERENTE

EM contacto com as tendencias novas que agitam a pintura, sem se deixar, contudo, dominar por ellas, vive em Paris, um tanto romanticamente, numas aguas-furtadas da rue Gros, Vicente do Rego Monteiro.

E' talvez o mais pessoal dos nossos pintores. Agudamente sensível a tudo quanto é, nas sete artes, nota individual e sincera é, elle proprio, um independente e um sincero. Individuo de ancias e de sonhos, é quase um mystico. Ninguém o dirá, entretanto, esse quase-mystico, ao vel-o entrar, por exemplo, em La Rotonde, gordo, de lunetas allemãs e até calvo, o ar dum caixeiro viajante. . .

Duvidei um pouco que Vicente do Rego Monteiro tivesse talento. E isto por causa dum preconceito idiota: contra a calvície. Subi meio-esquivo as escadas do *Studio* da rue Gros: o *Studio* dum pintor solennemente calvo. Não é que eu o quizesse de farta cabelleira, como é moda entre os semi-artistas e semi-poetas de Montparnasse. Porém calvo! Calvo como um secretario da legação, como um deputado, como um académico, como todas essas solennes creaturas officiaes e semi-officiaes, decorativas e representativas das democracias modernas! Mas Vicente do Rego Monteiro é, decididamente, um caso a parte, um mixto paradoxal, um verbo irregular: calvo, tem, entretanto, talento.

Aliás, desde pequeno, que esse sr. Rego Monteiro é um verbo irregular na grammatica da vida. Aos treze annos já seu nome apparecia no catalogo do *Solon des Artistes Independents*. Apresentava-se o menino Vicente com um estudo bastante individual para artístasinho de treze annos. E pouco tempo depois esse artístasinho impetuoso, para mais a vontade modelar sua argila e mais livremente manejar seus pincéis, abandonava mestres e escolas d'arte...

Ora, desses casos de adolescentes rebeldes, ha um sem numero. Resulta ás vezes o impeto num Wagner — que este, ainda menino, dispensou os serviços do mestre de piano. Resulta outras vezes em formidáveis fiascos.

Vicente do Rego Monteiro, pelo que vem conseguindo, parece pertencer mais á primeira que á segunda categoria: os que afinal vencem. Elle ha



dois annos que vem, devagarinho, vencendo. Essas victorias lentas são, aliás, as mais seguras. E creio que, para o vencedor mesmo, as mais saborosas. Vencer aos poucos deve dar mais gozo que vencer num ímpeto e repousar, então, mollemente, como qualquer funcionario aposentado.

Ir vencendo deve ser mais delicioso que *vencer*.

Ir vencendo, imagino eu, é, nos *momentos musicacs* da vida do artista, o *adagio gracioso*. Vencer de repente, é o *fortissimo furioso* ou mesmo, o *finale con violenza*. . *

A mania de *etiquetter* quer fazer do sr. Rego Monteiro um *futurista*. Isto no Brasil.

Confesso minha ignorancia do que seja a critica d'arte no Rio de Janeiro. Recentes palestras com o sr. Antonio Torres vieram quase confirmar horriveis presentimentos. .. Ora, essa mania de *etiquetter* pode ser de excellentes resultados na botanica, na geologia, na zoologia e, creio, no jornalismo politico do Brasil, que é um departamento da mesma zoologia. Em critica esthetica é desastrosa. Positivamente desastrosa.

Entretanto, nada mais fácil de fazer que essa critica de rotulos. Requer apenas certa munición dos ditos impressionistas, futuristas, cubistas, dadaistas, nuristas, integralistas, intensistas, paroxystas, etc. Não faltam rotulos...

O caso do sr. Rego Monteiro escapa a essa critica fácil. E' o joven pintor um rebelde contra a insinceridade académica e contra certas tendências de estagnação como o *impressionismo*; o chamado *expressionismo*. Em resumo, é um revolucionário. Mas, como disse uma vês Gilbert K. Chesterton: "There was nener a revolution that mos not reactionary". Similhantermente, não ha revolucionário de verdade que não seja, em essencia, um reaccionário. ..

Succede que, em essencia, o sr. Rego Monteiro é um reaccionário. E' um cançado das convenções que ha seis séculos veem amollecendo a arte de pintar; tendendo, entre os chamados *classicistas*, para o naturalismo photographico; e, num grupo de *enfants terribles* do qual sobrevivem expoentes tardios (os impressionistas), para o sacrificio da linha pura e incisiva ás massas de côr.

Foi Vicente do Rego Monteiro encontrar affinidades no recuo da primitiva arte christã. Exactamente como a famosa P. R. B. — iniciaes cujo significado ignora o sr. Rego Monteiro, sendo capaz de as suppor as iniciaes dalgum Partido Republicano... Quero dizer que o joven pintor chegou aos primitivos pela sua própria intuição, pelas do seu proprio temperamento e não por intermedio dos revolucionários inglezes de 1848 — Rossetti & Companhia.

Entretanto, o sr. Rego Monteiro o que procura nos primitivos é, não modelos, mas affinidades — e delles assimilar não propriamente a technica mas os princípios — aquella sinceridade de concepção, aquella estranho exaggero de pormenor mais expressivo, aquella relevo de figura, característicos da arte christã antecedente a Raphael.

Referi-me ao exaggero do pormenor expressivo, que encontramos nos primitivos: nos do sul como nos flamengos e allemães. E' talvês esse exaggero que faz parecer aos olhos de certa gente, a arte do sr. Rego Monteiro, *futurista* e até caricatural... Caricatural! Si ha cousa para que o sr. Rego Monteiro não tenha geito é para a caricatura. A caricatura exaggera o traço grotesco. Vicente destaca pelo exaggero a nota de belleza. Dahi o que de estranho possuem suas telas.

"In ali beauty there os some strangeners of proportion". Em toda a belleza ha certa estranheza de proporção... Isto foi dito por Francis Bacon; Francis Bacon, um inglez de formidável bom senso que escreveu *ensays*. Repito a traducção: em toda a belleza ha certa estranheza de proporção.



E ha. O principio é applicavel a obras veneradas pelos mais veneráveis orthodoxos da esthetica. Essa estranheza de proporção encontramol-a nas telas de Botticelli e Giotto e nas de El Greco e nos retratos de Rossetti e até nos de Watts; e nos desenhos de Bardsly; e nos poemas de Baudelaire e Tohn Donne e Swimburne e Ruben Dario e Verlaine; e nos contos de Edgar Poe; e na esculptura de Rodin; e em Chartres e Köln; e nos romances de Walter Pater e Toris Karl Hupmans; e no Velho Testamento; e no Novo; e nos lyricos de Sorojini Naidu; e nos dramas de Oscar Wilde; e nas contemplanções de Santa Thereza de Jesus.

E' que em tudo isso ha *character*. Não ha nada de estranhamente bello na photographia porque a photographia pega em flagrante as linhas e as sombras mas não apanha o *character*, nem da paysagem nem da pessoa. Character ou, si preferem, alma. Anceia a arte por exprimir essa alma e para conseguil-o a proporção é apenas um meio. Si o apanhar de imagens, em absoluta normalidade de proporção e abundancia de pormenores, fosse o fim da arte, então, maior que o *Golgotha*, de El Greco, seria qualquer photographia, de gabinete de Identificação. A' galeria policial de Scotland Yard e não a de Trafalgar Square affluiriam os *virtuosi* da arte do retrato

Vicente do Rego Monteiro sabe isto por intuição. E quando elle faz o retrato duma pessoa, o resultado é um trabalho sem a exactidão e a normalidade da photographia — qualidades tão caras ao burguês. Porém é um retrato que possui alma, character, um não sei que de muito intimo. E destacada, exaggerada, a nota de belleza — esse sopro da divindade na creatura. Ondé não está a nota de belleza? Creio que foi Symons que a encontrou uma vês num charco d'agua parada e pútrida e verde.

O joven pintor brasileiro vae agora exhibir no *Salon des Independentes* três retratos, dos quaes dois são, positivamente, encantadores: o de D. Sylvia do Oiro Preto e o do dr. Alberto Cavalcanti. São retratos duma fina pureza de linha e duma transparência de colorido que fazem pensar em imagens de vitraes gothicos e figuras de Botticelli e Giotto.

Essas qualidades de linha pura e fina e de colorido quase transparente, encontramol-as nos trabalhos decorativos do pintor. Passaram pelas minhas mãos, naquella tarde em que fui vêr o sr. Rego Monteiro no *studio* da rue Gros, os originaes das suas illustrações para um livro de P. L. Duhartre. E' esse livro uma adaptação em francês, não sei si bem ou mal feita, de lendas da Amazônia. Illustrou-as Rego Monteiro, (que ha dois annos vem pacientemente estudando a arte do indio brasileiro) com uma delicia quase voluptuosa no assumpto. E ha lindos desenhos, deliciosos nús, contrastes de côr do mais vivo effeito decorativo. E' pena que estes não passem inteiramente ao livro; as estampas serão apenas em duas côres!>

E não cessa de trabalhar o sr. Rego Monteiro. E' um estudioso das cousas de sua arte ("o que é raro no Brasil", dizia-me a proposito o brilhante-pintor sr. Navarro da Costa) e um formidável trabalhador. Ainda ha pouco, chegou-me ás mãos, em Oxford, de Paris, uma carta sua, ás pressas: que estava trabalhando no livro (actualmente em provas, o editor sendo Tolmer); que já começara a preparar trabalhos para uma exposição; que eu accéitasse lembranças e passasse bem...

E o sr. Rego Monteiro trabalha numa grande ancia, numa quase agonia,, de pintar exactamente como o seu temperamento quer que elle pinte. Nada de adaptações... Um independente — um verbo irregular na grammatica da vida e na da arte, acima de tudo, um sincero, o sr. Rego Monteiro é incapaz dessa flexibilidade que constitue o segredo dos successos fáceis.

GILBERTO FREYRE.





A NOVA GAZETA DA TERRA DO BRASIL

Clemente Brandenburger, um dos mais operosos e conspicuos membros do Instituto Historico Brasileiro, publicou, editado pela Livraria Edanee, interessantissimo estudo sobre a Neue Zcytung ausz Presillg Landt, o mais antigo documento allemão que se conhece sobre o Brasil, visto como appareceu em 1515- O autor traduziu-o do manuscrito original encontrado em 1895 por Konrad Ilaebler nos archivos dos príncipes Fugger, em Augsburgo, e por elle publicado em "fac-símile". Essa relação escripta tãa madeira e remetida para Antuérpia, possui para nós alto valor historico, dada a escassez de documentos que caracterizam esse periodo da terra de Santa Cruz. Transcrevendo em nossas paginas a traducção do dr. Clemente, aproveitamos o ensejo para recommendar aos nossos estudiosos o seu trabalho como um perfeito modelo de commentario intelligente; visto que, sem fatigar o leitor, exhaure o assumpto sob todos os aspectos encardados, o historico, o philologico, o geographico e o ethnographico. A' copiosissima bagagem literaria do autor, que já consta de mais de quarenta volumes de historia, geographia, biographia, economia, viagens e compilações• rica de senso critico tanto quanto de rigor documental, vem, portanto, juntar-se mais um e este precioso. E não parará ahi, pois a elle foi commettido o tomo relativo á



Historia da Literatura Brasileira, da collecção Handbuch der Literaturwissenschaft, a fazer-se na Allmanha sob a direcção de Oscar IVahel, da Universidade de Bonn.

Noticia trazida por um navio, que tinha sahido de Portugal para descobrir a terra do Brasil mais adiante do que antes se conhecia, e na volta chegou á ilha de Madeira, escripta por um bom amigo de Madeira para Antuérpia.

SABEI que aos 12 de Outubro de 1514 chegou aqui da terra do Brasil um navio, por falta de vitualhas, o qual D. Nuno, Christovam de Haro e outros armaram. Os navios fôram com licença del-Rei de Portugal para descobrir a Terra do Brasil, tendo descoberto a terra cerca de 700 milhas mais além do que antes se conhecia.

E quando chegaram á altura do Cabo da Bôa Esperança e ainda um grau (uns graus?) mais longe e mais acima (*para o sul*), e quando chegaram áquella longitude e latitude, isto é aos 40 graus de altura (*latitude*), encontraram a Terra do Brasil com um cabo; e navegaram á volta do mesmo cabo e acharam que aquelle golfo corre igual á Europa, em direcção Oeste para Este. Pois avistaram terra também do outro lado, quando tinham navegado perto de 60 milhas á volta do cabo, do mesmo modo quem navega para Levante e passa o Estreito de Gibraltar e divisa a Terra de Berberia. E quando tinham dado volta ao cabo, como ficou noticia-do, e estavam navegando para Noroeste, tornou-se tão violento o temporal — foi também durante o inverno — que não puderam navegar mais para diante. Fôram pois, obrigados pela tormenta a voltar para o outro lado e costa da Terra do Brasil.

E' meu bom amigo o piloto, que navegou com este navio; elle é também o mais afamado dos que tem el-Rei de Portugal; esteve também, em algumas viagens, na índia. Este diz-me e suppõe que de tal Cabo do Brasil não ha mais de 600 milhas para Malacca. Pensa também poder ir e voltar em pouco tempo de Lisboa a Malacca, por este caminho, o que traria grande vantagem a el-Rei de Portugal. Acham também, que a Terra do Brasil continua, dobrando, até Malacca.

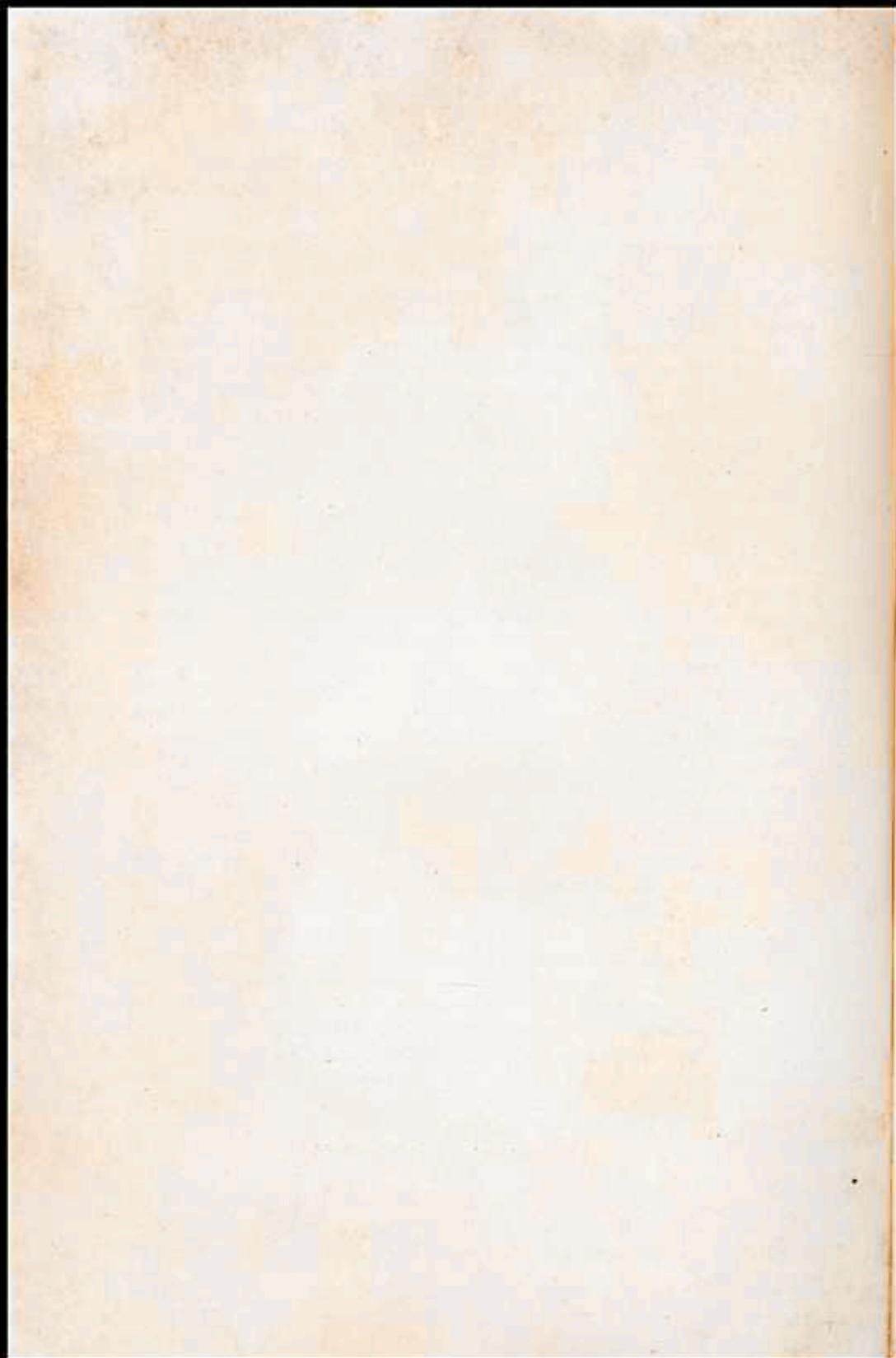
E quando, na costa do Brasil, tornaram a navegar em direcção Sudoeste, acharam muitos bons rios e portos, da mesma maneira ao subirem (*a costa*), tudo bem povoado. E dizem que quanto mais para o cabo tanto melhor a gente, de bom trato, de indole honrada. Não ha nelles nem um vicio, a não ser que um povoado guerreie o outro. Não se comem, porém, uns aos outros como na Terra do Brasil inferior (*das baixas latitudes*). Matam-se todavia, uns aos outros, não fazendo prisioneiros. Dizem que o povo é de muito boa e livre condição, não havendo naquella costa leis nem

GALERIA DOS EDITADOS



MOACYR DEABREU

autor da "Casa do Pavor"



rei, a não ser que honrem os velhos entre elles e lhes obedeçam, como na Terra do Brasil inferior. Também é todo o mesmo povo; só tem outra lingua.

Elles tem também recordação de São Thomé. Quizeram mostrar aos Portuguezes as pegadaſ de São Thomé no interior do paiz. Indicam também que tem cruzeſ pela terra a dentro. E quando falam de São Thomé, chamam-lhe o Deus pequeno, mas que havia outro Deus maior. E' bem crivei que tenham lembrança de São Thomé, pois é sabido que está corporalmente por traz de Malacca; jaz na Costa de Siramath, no Golfo de Ceylão. No paiz chamam também, frequentemente, seus filhos Thomé.

Ha também grandes montanhas no interior. Dizem que em alguns logares a neve nunca desaparece, conforme os informou a gente da terra.

Estiveram em alguns portos onde encontraram muitas e variadas pelles preciosas de animaes silvestres, as quaes a gente veste mesmo cruas sobre o corpo nú; não sabem prepara-las. A saber pelles de leão, leopardo, de que consta haver muitos no paiz, lynce ou lup (*Catalão*), também bons (*diz o Impresso: "também gineta", o que parece mais accitavel*), das que se pegam na Hespanha, e mais pelles pequenas, semelhantes ás das ginetas e mui deliciosas de pelle, justamente como as do lynce. As de leopardo e lynce elles cortam e fazem delias cintas, de um palmo de largura. Elles têm também muitas lontras e castores, o que é indício de que o paiz possui grandes rios. Têm também cintas de pelles que me são desconhecidas. As ditas pelles e mais outra pellaria comprei para mim, mas pouca cousa, pois trouxeram pouco de tão rica pellaria. Dizem os Portuguezes que não andaram atraz delia, porque não lhe deram valor. Dizem porém, que o outro navio, que ainda ficou atraz, conduz muitas destas pelles, e muitas e variadas outras coisas, pois carregou mais tempo. E' também, a capitanea dos dous navios. Comprei também, entre outras cousas, tres peças de algumas pelles cosidas juntas. São todas tres tão grandes que bastam para forrar um casaco; não fizeram caso delias os Portuguezes. No paiz cobrem-se com ellas; são cosidas juntas, como em nossa terra se fazem os cobertores de pelles de lobo. E' realmente um magnifico forro por si só. As pelles são tamanhas como as do texugo, e a côr é da do veado. Na parte superior é muito lanudo, e tem pellos compridos e ponteagudos, algum tanto grossos, como os da zibellina; na parte inferior, a pelle é alva como a da marta. E' extraordinariamente agradável o cheiro da pelle.

A terra tem também admiravel quantidade de frutas, e boas, e todas ellas diferentes das que temos em nosso paiz. Acharam também que a terra tem canna fistula, mais ou menos da gros-



sura de um braço, e mel e cêra, uma especie de gomma, e muita,, semelhante á terebinthina; muitas aves, e de varias qualidades; abundancia de peixe. (*O Folheto diz "rau von Füsscn", de pés pennudos, cm vez de "reich von Fischen", de peixe abundante, o que não parece aceitavel. C. B.)*

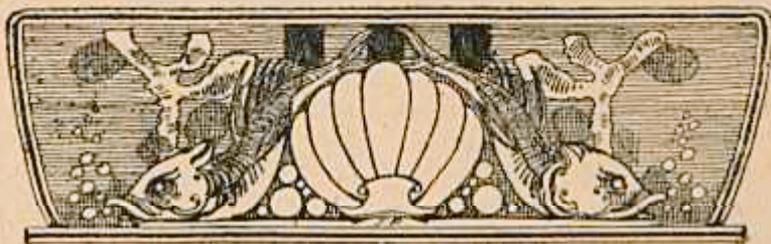
Sua arma é o arco, como é uso na Terra do Brasil inferior. Elles não têm instrumentos de ferro, dão por uma aoha, um machado ou uma faca o que possuem, como é costume na Terra do Brasil inferior. Elles têm também na terra uma qualidade de especiaria, que arde na lingua como pimenta, e ainda mais cria-se em uma vagem, com muitos grãosinhos dentro, sendo o grão do mesmo tamanho da ervilha.

Sabei ainda que elles trazem bastante noticia de que estiveram em um porto e rio, distante do referido cabo 200 milhas em direcção a nós; ahi receberam informações a respeito de muita prata e cobre, e também de ouro, que ha no interior do paiz. Dizem que o Capitão delles, do outro navio, traz para el-Rei de Portugal uma acha de prata, de feição igual ás achas de pedra delles. Trazem ainda um metal que dizem ter a apparencia de latão e não estar exposto a ferrugem nem deterioração. Não sabem si é ouro inferior ou o que seja. Ainda no mesmo logar, á beira-mar, obtiveram daquelle mesmo povo informação que pela terra dentro existe um povo serrano, que possui muito ouro, e traz o ouro batido, a modo de arnez, na frente e ao peito.

Traz o Capitão um homem daquelle paiz, que quiz ver el-Rei de Portugal. Elie diz que quer dar a el-Rei de Portugal informações de tanto ouro e prata, que existe no paiz, que os navios delle não o podem carregar. Dizem mais as gentes daquelle logar que ás vezes chegam allí outros navios; vestem roupas, conforme os Portuguezes dizem, como os Francezes, segundo as informações do povo, e usam também barba, todas ellas ruivas. E querem os honrados Portuguezes affirmar que são Chins, que navegam para Malacca. Fornece-lhes indicio de que haja algum fundamento (*na noticia sobre os metaes.*), porque se sabe que em Mjalacca a prata e o cobre são mais baratos do que na nossa terra.

Assim tendes as novas noticias. Sob a coberta o navio está carregado de páu-brasil, e na coberta cheio de escravos, rapariguinhas e rapazinhos. Pouco custaram aos Portuguezes, pois na maior parte foram dados por livre vontade, porque o povo de lá pensa que seus filhos vão para a Terra da Promissão. Dizem também que a gente daquelle paiz alcança a uns 140 annos de idade.





NOTAS SCIENTIFICAS

SCHNEIDER, o historiador allemão da "Guerra do Paraguay", obra em dois alentados volumes, traduzidos em portuguez com annotações do Barão do Rio Branco, esqueceu-se de referir o auxilio que nos prestou o mal de cadeiras durante a invasão paraguaya em Matto-Grosso.

O *Trypanosoma quinum*, o agente productor da doença, foi um alliado das nossas forças, dizimando a cavallada paraguaya quando invadiu o nosso territorio. Ha tempos, na Academia de Medicina, o dr. Antonio Ferrari recordava esse episodio pouco conhecido dos nossos investigadores. A cavallaria inimiga, graças ao protozoário que atacou os animaes, teve em grande parte de se transformar em infantaria, o que muito facilitou a expulsão dos invasores. Na retirada, os paraguayos transportaram para o seu paiz a epizootia que até hoje assola aquella Republica.

Njão se pode garantir ao certo se o mal já não existia naquella nação ou se, de facto, os equinos se contaminaram no Brasil. O mais provável é que a doença já fosse lá conhecida, registrando-se, porém, um surto de rara virulência em consequência das marchas forçadas a que eram submettidos os animaes em meio favoravel á propagação, como é o Estado de Matto-Grosso. O "mal de cadeiras" é conhecido em vários pontos do Brasil e constitue o maior obstáculo á criação cavallar na Ilha de Marajó. Por varias vezes a doença tem sido observada no Estado de São Paulo sem ter, contudo, provocado grande mortandade.

Em 1912, ao percorrer os sertões do nordeste, minha attenção foi despertada por um mal que os naturaes da região denominavam



torce. No município de Caracol, Sul do Piauí, pude estudar alguns cavallos doentes e comprovar ao microscopio a presença de *Trypanosoma equinum*, agente causador do "mal de cadeiras".

Tal achado, além de me haver permitido a identificação da epizootia reinante naquellas paragens, elucidou-me ainda sobre uma importante e debatida questão relativa ao portador de virus. Sob tal designação comprehende-se, em sciencia, o animal que serve de reservatório de germens para determinada doença. Até o homem pôde servir para tal mister, como, por exemplo, se verifica no impaludismo. Neste caso, cabe principalmente ás crianças o referido papel. Succede, por exemplo, que uma turma de homens são e procedentes de logar onde não existe a malária, vae trabalhar em um ponto de população escassa onde os habitantes são impaludados. Ao cabo de algum tempo a maleita começa a atacar os recémchegados. As anophelinas transmissoras do mal, alimentando-se nos portadores de virus, alguns dos quaes têm até apparencia de saúde, transportam a doença para os trabalhadores sadios, atacando-os com o clássico cortejo a que se obriga a maleita.

No "mal de cadeiras" era tido quasi como certo que, á capivara, cabia desempenhar tal função; no entanto nas regiões nordestinas que eu atravessara naquella época, quasi não havia agua nem para beber e, como de ha muito a região era semi-árida, a capivara era totalmente desconhecida dos habitantes e bem me recorda da curiosidade de alguns dos nossos camaradas ao travarem conhecimento com esses roedores, cuja presença fomos assignalar ás margens da Lagoa de Paranaguá, após o percurso de centenas de léguas em regiões assoladas pelo "mal de cadeiras".

Quando publiquei o relatório da minha excursão, discuti o assumpto e mais tarde, em Buenos-Aires em 1916, no Congresso de Microbiologia Sul Americano, tive oportunidade de assistir o dr. Migone, bacteriologista paraguayo, afirmar que o *carpincho*, nome hispano-americano da capivara, ao contrario do que elle durante muito tempo sustentara, não desempenhava o papel de depositário de virus, como relatavam os tratadistas. Accrescentou ainda o competente investigador sul americano, ter observado a epizootia atacando algumas vezes, primeiramente os cães; passar aos cavallos e somente tempos depois assolar as capivaras entre as quaes causava grande mortandade como, aliás, é a regra.

Outro ponto muito debatido é a maneira pela qual se transmite o mal de cadeiras. Na Argentina pude comprovar que a gente das províncias do Norte da Republica responsabilisa a sanguessuga como o principal transmissor. Tal opinião é compartilhada por alguns investigadores, e entre nós, o dr. Bassewitz, do Rio Grande do Sul, tem um trabalho a respeito que não re-



solve o problema porquanto o pesquisador não soube afastar varias causas de erro. O dr. Cesar Pinto, de Manguinhos, acredita firmemente na transmissão pelas sanguessugas; o investigador em questão é quem melhor conhece entre nós a biologia e systematica dos hirudineos; contudo, faltam experiencias que confirmem as suas suspeitas.

Sem ter experiencias que comprovem o meu modo de ver e tão somente apoiado em factos de observação directa, inclino-me a acreditar muito mais no papel da mutuca como transmissora. Ao designar o diptero pelo nome vulgar, nem sequer dou ideia do numero das especies brasileiras de Tabanideos a cuja familia scientifica pertencem as mutucas. As especies estudadas entre nós já se elevam a numero muito acima de duzentos; entre estas existem as do genero *Chrysops*, pequenas mutucas carijós que pousam de preferencia sobre as orelhas dos animaes. As pesquisas, a meu ver, devem ser dirigidas para algumas das especies que formam o citado genero, havendo probabilidade de que representantes de outros generos de mutucas, exerçam tal papel, e a prova é que o dr. Machado, de Manguinhos, teve oportunidade de verificar o *Trypanosoma cquinum* no tubo intestinal de uma grande mutuca preta, o *Tabanus impor tunus*.

Sem se saber quaes os transmissores e ignorando-se ainda qual o verdadeiro depositário do virus, nada se poderá fazer quanto á prophylaxia do mal. A respeito da therapeutica, o desalento não é menor; vários específicos têm apparecido e a respeito delles pode-se aconselhar o que a proposito dos medicamentos novos dizia velho medico russo quando os propinava aos seus clientes: "Tome isto emquanto cura". Receio que o novo preparado mandado experimentar no Paraguay pela casa Bayer que o baptizou numericamente sob o nome "205", tenha a mesma sorte. Os drs. Luiz Migone e Osuna foram os executores das experiencias e a este proposito publicam excellente trabalho nos *Archiv. Schiff. u. Tropcn Hygicnc* de Dezembro ultimo. As conclusões são as mais optimistas possíveis; os nossos patricios fazendeiros em Matto-Grosso já tiveram noticias do novo preparado e alguns já vieram ao Rio procural-o. Oxalá que a chimiotherapia tenha, de facto, encontrado um meio de julgar epizootia tão dizimadora e que impede qualquer tentativa seria de criação cavallar naquelle Estado brasileiro, devastado intermittenemente por epizootias que, em alguns mezes, devastam grandes manadas de cavallos.

Em 1908, viajando por Matto-Grosso, hospedei-me em uma fazenda do sr. José Marques, perto do Salto de Urubupungá. Encontrei todas as facilidades para transporte e pude admirar a grande



•cavalhada existente. Um anno mais tarde, alli voltando em companhia do dr. Ruy Ladisláo, tivemos de fazer a pé todo o percurso de Porto de Faya á casa da Fazenda. O "mal de cadeiras" matara no decurso de mezes, todos os animaes, escapando apenas um burro que encontramos doente, e no qual fizemos uma injecção de alta dose de quinina. O animal salvou-se; nem de longe suppomos que fosse devido ao sal embora talvez tenha exercido alguma acção, attribuímos o facto do animal ter escapado, á maior resistencia que ao mal apresentam os muares. Esta noção deve estar bem presente nos que desejarem fazer manobras de cavallaria naquellas paragens; aliás, em consequências do "mal de cadeiras, não é raro o aproveitamento em Matto Grosso, do boi como animal de montaria.

Ha um grande contraste a resaltar dessas linhas: nós descuramos completamente o estudo de um importante problema economico brasileiro; no entanto, é da torturada Allemanha, que nos vem um raio de esperança em prol dos interesses do nosso Geca que trabalha para o Brasil crescer, sobretudo á noite, quando os governos dormem, e aos domingos e dias feriadados quando as repartições publicas estão fechadas e a burocracia se entrega ao *dolce far niente*.

ARTHUR NEIVA.





CRÔNICA DE ARTE

UM DUELO

DIAS de chuva... Por fim acabaram irritando-me. Essa humidade constante, aderente como uma antipatia.. Impressão física do *maillot* depois do banho. Irritei-me. Ou perscrutando melhor meu sentimento, cansei-me. E me pus a gastar os minutos de liberdade comigo mesmo, entre os quadros de Anita Malfatti, os bronzes de Brecheret e as edições de luxo que fazem de minha sala de estudos um túmulo mais agradável de habitar-se que o desse faraônico rei, recentemente acordado de seu sono secular pela impertinência curiosa duns cavouqueiros ingleses. Gosto porém de me guardar entre minhas obras de arte quando a isso nada me obriga. Faz Sol lá fóra.. Ou a noite é sêca... Poderia sair si quisesse. Então me fecho confortavelmente. E, apesar de meu prático pijama, dos meus óculos — receita.. clarividente do Dr. Vignoli, enquanto a poltrona me embala e minha calva, tão pouco helénica! reluz ao foco elétrico levemente azulino, paio sobre a Grécia ilusória. Leio-lhe os poetas menores. Mas isso é bom quando faz Sol lá fóra, ou a noite é sêca.

Nêstes últimos dias de chuva, porém, obrigado pela pressão exterior a criar minha vontade de reclusão, a Grécia irritava-me. O próprio Egito me desinteressava. Foi mesmo ao verificar êsse espantosíssimo fenómeno que, resolvi debatisar meu sentimento e dar-lhe por nome, não mais Irritação, mas Cansaço. Cansaço da Silva.. ó tédio incoercível!

O que me repôs no gosto pela vida foi o livro desse argentino que resolveu num dia bendito dizer mal do Brasil.

Tirei aliás duas conclusões acertadíssimas da leitura dessas viagens maravilhosas. Primeira conclusão: O livro foi escripto num dia de Sol. Sómente um Sol infinito, um Sol escancarado, um desses sóis de Buenos Aires, tecelões duma sombra de 38 graus, seria capaz de esquentar um espirito até as miragens que aquellas páginas recontam. Só Febo-Apolo é assim fecundo. Por isso a leitura do snr. d'Aguilar fez-me bem. Ao ler essa história

bordada, mil e uma noitizada pelos desvarios e mentiras duma imaginativa senegalesca, tive uma impressão de Sol. Senti o calor. Senti o imaginoso Sol a recobrir a calva das coisas exactas com o garavim de raios de ouro e plumas cinzentas de sombra. Ora êsse calor a secar-me o *vwillot* depois cio banho. .. A franca, desejada ardência do Sol — amigo dos heróis e do snr. d'Aguilar. . . Ouvei dizer que algumas pessoas se zangaram com o poeta. Nada mais injusto. Por mim, sou-lhe muito grato (segunda conclusão). Trouxe-me Sol em dias de chuva. Ora: como paulista legítimo da capital e portanto dono de pertinaz faringite e arroubos de artritismo, a frase que mais comumente me amarga os lábios é a resposta de Diógenes. E o facundo escritor viajante deu-me o calor desejado. Por onde se prova que um simples d'Aguilar procede ás vezes com a magnificência e a bondosa liberalidade dos Alexandres.

No entanto o inteligentíssimo quão observador caixeiro-viajante merece uma censura crítica. Vou expo-la, para justificar ao menos o titulo de Crónica de Arte destas divertidas páginas. O grande artsita, retomando um assunto velho, não teve a necessaria coragem ou, quem sabe? inteligência sufficiente para fazer um livro novo. Não discuto nem ataco a antiguidade do assunto. Pelo contrário, admito perfeitamente o velho tema. Tudo está em saber renova-lo consoante as necessidades, as tendências e o espirito da época. Luis Aragon acaba de publicar umas "Aventures de Télémaque" que são obra novíssima, duma infinita e particular graça. Inesquecível, por exemplo, êsse trecho em que Mentor, na encantada gruta de Calipso, falando á mitológica assemblea, na qual, alem da bela, pompeava a salsa figura de Neptuno, comenta: "Dans le dernier mouvement Dada..." "Ninguém negará que nada existe de mais novo que o movimento dadaista. Ao menos para o Brasil, onde os criticos argutos confundem ainda Marinetti, Antonio Ferro e Oswald de Andrade dentro dum mesmo e maternal futurismo. E' verdade que Picabia, ha coisa de seis meses, explicava a seus leitores ter-se afastado do dadaismo porquê êste era já muito velho!

O architecto Pedro Behrens, concluiu ha pouco em Munique a "Dombauhiitte". Esta palavra trifolia, em pobre português, se traduziria por capella ou igreja — coisa velhissima, a que a orientação secessionista do architecto e expressionista dos decoradores renovou com êxito.

Brecheret, por sua vez, trabalha actualmente no Grupo das Amazonas. Assunto quotidiano de Praxíteles. Mas o nosso maior escultor saberá dar ás suas cavaleiras uma distância de 24 séculos das do... grego (Ia por "do aluno de Cefisodoto... Erudição!)

Voltemos ao snr. d'Aguilar. Viajou escandalosamente no paiz da mentira. Mentiu escandalosamente; mas não soube mentir brilhantemente. Esse o defeito. Quando, por exemplo, o observador ensina que as cobras abundam nas ruas da cidade de S. Paulo: evidentemente soube viajar e mentir. Falvou ao repórter fiel, porém, o instinto de renovação e o espirito da modernidade. Não teve a coragem de ser novo; e por isso escreveu um livro pasadista e vulgar. Cobras !... Mas é bicho conhecido em toda parte! Quanto mais novo, quanto mais admirável, *quanto mais artista* seria o prosador da república amiga, si tivesse criado um bicho novo, um bicho inédito! S. Paulo deve estar reconhecida ao escritor. Nossa capital, com o progresso vertiginoso dos últimos tempos, perde cada vez mais seu character. Hoje, quem se lembra daquela cidade de quinze anos atrás, enfronhada, bisonha, sem cabarés, dormindo com as galinhas, cidade que não batia palmas no teatro e assustava os artistas, quem se lembra dessa Paulicéa característica, inconfundível, ha-de confessar comigo que, hoje, somos como as outras cidades, temos um aspecto universal. Ora o snr. d'Aguilar deu-nos um aspe-



cto curioso, singular, deu-nos um caracter, enfim! Isso nos comove. O que não impedirá no entanto que sublinhemos, como critico severo, o êrro cm que caiu. Não foi artista sufficientemente. Eu insisto com o snr. d'Aguilar para que, numa segunda edição do seu mui vendável opúsculo, substitua a cobra por um bicho novo. Ao menos um bicho novo, snr. d'Aguilar!... Escuta, ó benemerito, a grita comovente duma cidade, que te pede a substituição da cobra por um bicho novo!...

Aiás, si o dadivoso criador tivesse conhecido aqui o grupo klaxista, não lhe escaparia nosso exemplo, e criaria o inexistente animal. No convívio desses artistas inspirados, poderia observar o loquaz caixeiro-viajante o que é e que grandezas distila a imaginação criadora. Entre os klaxistas se construiu um livro admirável, a "Cidade Dificílma", onde tudo é novo. O Capítulo das doenças, por exemplo, da autoria de Guilherme de Almeida, é encantado de novidade. Quer o snr. d'Aguilar que lhe explique talvez o suplicio dos condenados á morte na Cidade Dificílma?.. Suplicio da nugatina. Conhece, sem dúvida, essa horrível guloseima oriental, pegajosa, aderente, elástica e doce, incansavelmente doce: o nugá (nougat)? E' a origem do novo suplicio, do qual aqui dou receita: Deixa-se o condenado tres dias sem comer, não sem primeiro se lhe ter medido com exatidão a cubagem da boca. Após êsses tres dias de jejum, com festas e honras de grande luxo, o condenado é conduzido a uma sala muito estreita e muito comprida, percorrida em toda sua extensão por uma mesa, sobre a qual, alentado, budicamente impassível, ha um longuíssimo rolo de nugá, narcisando-se no verniz. Ora esse rolo, pela largura, cabe justamente na boca do condenado; o qual, note-se, tem as mãos imobilizadas por uma camisa de fôrça. O assumto é velho: Tântalo. Mas a maneira de tratá-lo é inédita. Tântalo não podia alcançar o alimento. Aqui o alimento é introduzido, o mais possível, pelo carrasco, na boca do infeliz. E êste começa a comer. Num esforço esfomeado aperta os maxilares. O nugá cede. Abre de novo os maxilares. O nugá incha. O condenado pensa: "Talvez que mais depressa. ." Záz-tráz! O nugá cede; o nugá incha rapidíssimo. A final, depois de 20 ou 30 minutos de porfia, enlambusado, dulcíssimo, medindo a extensão do rolo ainda por dissolver o condenado morre de raiva.

Confesse agora o snr. d'Aguilar a importância do bicho novo... E tirará por certo as cobras da segunda edição de seu ensolarado poema.

Poe, numa de suas páginas críticas, asseverou com linda coragem, que procurava o novo. Todo verdadeiro artista o faz. Seja no assunto, seja na expressão. E já a populaça que, nas Grandes Dionisiacas, se apinhava no koilon do teatro ateniense, si não se incomodava que os coreutaj tivessem ensaiado os coros na lamentação pelas mesmas Ifigénias ou mesmas Antigoíias, exigia ao menos que o assunto fosse novamente tratado.

Pois uma das criticas mais insistentes erguidas contra nós, os modernistas, é justamente essa: Acusam-nos de procurar o novo, acrescentando que assim agimos por incapazes de recriar a beleza já existente. Duas verdades que seria tolo discutir. Mas também duas provas evidentes de que somos sinceros e artistas. Picasso, por mais esforços que fizesse, seria incapaz de criar uma Madona igual ás de Rafael. Strawinski, da mesma forma, jamais escreveria a Paixão segundo S. Matheus. Não vejo nisso uma diminuição para Picasso ou Strawinski. O próprio Rafael, si viesse ao mundo. Não poderia mais pintar a Escola de Atenas e muito menos ainda a Madona do Grão Duque. Ou não seria Rafael. Todo verdadeiro artista representa ou tempo e sua personalidade — mimosa planta que qualquer vento e estação modifica. Essa incapacidade de recriar o passado é sinal de grandeza, não de penúria.



Si o teatro lírico italiano se tivesse renovado suficientemente, isto é, possuísse agora verdadeiros artistas criadores, não veríamos os snrs. Mascagni e Walter Mocchi ás bicadas por causa dêle. Prefetiza o snr. Prunières a morte próxima do teatro lírico... Errada profecia. Um género que do ditirambo imemorial conseguiu sempre viver até a recente "Mvra" de Strawinski ou a "Deborah e Jaele" de Pizzetti, não morrerá. Renova-se apenas. E é porque essa renovação não vem para o teatro italiano, (perdoe-me o autor de I Pastori, mas sou obrigado a discutir com os argumentos fornecidos pelas companhias que nos frequentam) que lá estão os snrs. Mascagni e Mocchi ás bicadas. Quisera ser Musset, para escrever uma nova Complain-te! O snr. Mocchi é empresário. Ora o snr. Mascagni quer que o snr. Mocchi faça representar nas suas viagens sul-americanas maior número de óperas italianas. Mas o snr. Mocchi, que embora implicitamente seja patriota é necessariamente empresário, dá o que o público pede. E começa agora a grassar por Brasil e Argentina essa epidemia que ha 50 anos atrás disimou a música europea: a wagnerite. Horror! E' com susto meio irónico que observe o entusiasmo crescente pelas operas de Wagner entre nós. Parece mesmo que em Buenos Aires se fundou uma Sociedade Wagneriana! Em S. Paulo que efervecência quando a noitada é do Parsifal! Um moço que comigo subia ao galinheiro do Municipal, na última estação, afirmou-me, soprando todos os entusiasmos que a subida daquelles 130 degraus lhe insuflara: Para mim a melhor ópera do mundo é a Cavalgata das Walkírias! Descobrimos Wagner! Em 15 anos talvez descobriremos "Pelleas"! Mais 10 para "Ariane et Barbe-bleu! Mais 10 para "Mavra"! Mais 10 para o "Socrate" de Satie!... Si não alimentasse a esperança de ir brevemente á Europa ouvir tudo isso, é muito possível que morresse de raiva ante a perspectiva de tão longo e lentíssimo nugá.

Mas o snr. Mascagni, irritadíssimo com a decadência da ópera italiana, mandou desafiar o 'snr. Mocchi para um duelo; e o snr. Mocchi, empresário implicitamente, mas necessariamente patriota, recusou o convite para não privar a música italiana do nobre engenho do snr. Mascagni. Pelas minhas convicções filosóficas e religiosas condeno o duelo. Mas é uma pena isso da gente ter convicções. Confesso que desejei intensamente um duelo entre o snr. Mocchi empresário e o snr. Mascagni espadachim. Seria engraçadíssimo. E seria proveitoso. Imaginemos que o snr. Mocchi morresse...

"oh! transe amargurado!

Eu choraria tanto,

Nas aguas de meu pranto!"

Que elle iria nadando em seu caixão doirado

Perdíamos certamente um "amigo do Brasil" — com se diz em lingua de jornal. O snr. Mocchi é na realidade um homem que nos tem dado minutos de intenso prazer. Todo comêço de ano lá vem o telegrama de Roma: "O snr. Mocchi, na próxima estação, fará representar isto, isto e aquillo. "Que bom! Depois o isto, isto e aquillo se reduz á terça parte. Que importa! O snr. Mocchi é um sementeiro de illusões. Celebro aqui, com sentidas lagrimas o grande morto! O snr. Mocchi era (inegavelmente) um grande amigo do Brasil. E si lhe déssemos uma estátua, heim!..

Si o snr. Mascagni morresse

"Sem que eu chorasse iria".

porquê a música italiana estaria de parabéns. Uma vez chamei ao snr. Mascagni de pernóstico. Isso me valeu uma viril descompostura do patriótico Fanfulla. Acabei dando razão ao Fan-

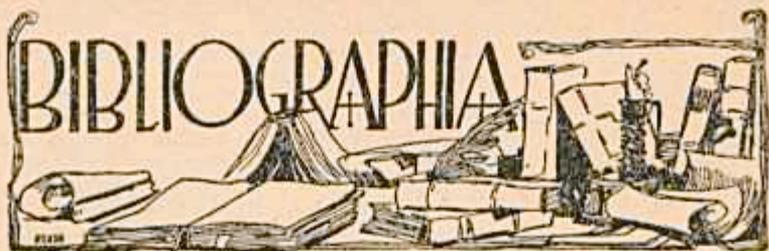


-fulla, porquê tenha uma simpatia comovida por todos os banzos, por todos os Longings excitados pela patria longínqua Ninguém jamais me viu caçoar dessa página admirável que é a "minha terra tem palmeiras" — trecho injustamente ridicularizado por farto número de modernistas. Leria pois com rosto de missa fúnebre o artigo entusiástico saído no Fanfulla. Enguliria toda a messe de "geniais" e outros louros com que o patriotismo exornasse a já fria e nunca mais belicosa mente (para descanso dos empresários) do maestro. Nada disso impediria porém que, dentro comigo, continuasse a considerar o defunto um músico ruinzinho, um músico que, explicava ainda ha pouco o pouco patriótico Barini, foi homem que andou a procurar e não achou. Porventura respeitável. .. Mas inútil.

E, sob o ponto de vista artístico, prefiro francamente o sujeito pouco respeitável, mas útil. Rossini afinal deixou-nos o Babeiro e Guilherme Tell. Wagner aperfeiçoou-se no pouco lindo costume de captar as simpatias das mulheres dos amigos. Depois escreveu o Parsifal que, segundo Mauclair, é de pura inspiração católica. Adoro Rossini. Adoro Wagner. Si o snr. d'Aguiar criar o *bicho novo*, estou disposto a adora-lo também.

MARIO DE ANDRADE





ALMA NUESTRA, contos por Montiel Ballestreros. Editorial "Pégaso", Montevideo, 1922.

O autor, a julgar pelo artístico retrato a crayon, de Giovanni Costetti, que illustra a primeira pagina do seu volume, é um bello rapaz mundano, de natureza delicada e traços finos. Quem fosse julgar as suas tendencias literarias pelo seu aspecto physico, antes, cuidal-o-ia, um novellista de alcovas, iniciado em todas as perversões do amor elegante. Ao contrario disso, é um regionalista, um apaixonado da vida campesina, affeito ás suas rudezas e brutalidades. Os campos da sua terra, a índole dócil de alguns camponios, a impetuosidade brutesca de muitos, o ambiente, a paizagem, a língua tão pittoresca, enriquecida de expressões regionaes, tudo isso são coisas que lhe são familiares e de que se aproveita para compor «s seus contos. Todos os seus contos têm um sabor muito fresco e requam vivamente o aroma dos campos que lhes servem de scenario. Sua dialogação é sempre vivaz e movimentada, e é com ella principalmente que tira o melhor dos seus effeitos.

"Alma nuestra", em resumo, é um excellente livro de contos, e estamos seguros de que obterá o mais franco êxito nos paizes onde se fala o idioma castelhanao.

JARDIM FLORIDO, livro de jardinagem por Julio Lopes de Almeida. Livraria Leite Ribeiro, Rio. 1922.

A nossa grande escriptora, que é um dos nossos maiores escriptores, não se compraz sómente em compor romances e contos que são avidamente lidos por toda classe de leitores; as horas por certo bastante curtas, que lhe sobejam das suas tarefas literarias, dedica-as ella a outras actividades, a outras coisas interessantes e tão próprias da natureza da mulher, como por exemplo, a floricultura- A escriptora, porém, não se contenta de estudar, observar e guardar para si os conhecimentos adquiridas, como faz toda gente. Feitas a sua aprendizagem, amadurecido o estudo e bem segura das suas observações, trata de transmittir aos outros, através da sua linguagem tão clara e precisa e do seu estylo encantador, tudo quanto estudou e observou.

Com esta obra, como a própria autora declara, completa o tríptico que se propoz a si mesma escrever: "sobre a vida e a cultura dos campos, no livro "Correio da Roça"; sobre a cultura de pomares e sobre arborisação, no livro "A Arvore", escripto de colaboração com Affonso Lopes de Almeida; e sobre a cultura das flores..."



Este ultimo é de uma utilidade incontestável. Todas as pessoas que têm alguns metros de quintal, necessitam ler esse livro, onde se explica tudo que diz respeito a jardinagem. Só podem dispensar a sua leitura os que não gostam de flores. Em portuguez ha muito pouca coisa escripta sobre o assumpto, e o "Jardim Florido" tem ainda a vantagem de ser escripto por D. Julia Lopes de Almeida. Essa é a sua melhor recommendação.

MULHERES E ROSAS — Versos de Austro-Costa. Edição de Costa Pinho e Comp. Recife, 1922.

Este é um dos poetas mais novos de Recife. Acaba apenas de brotar, e entretanto que prodigiosa vida que traz comsigo! Todo elle é força, é calor e é verdura.

Não nos lembra quem disse que o homem vem ao mundo pelos braços de uma velha ama e todo escriptor pelos braços de uma velha idéa- E' porisso que todo poeta novo não faz outra coisa senão vestin em versos imagens estafadas e logares communs corriqueiros. Mas Austro-Costa desmente a regra geral. E' novo na idade e nas idéas. Suas composições são sempre originalíssimas, tanto pelos conceitos como pelas novidades de expressão. Junte-se a isto, que é o máximo que se pôde exigir a um artista, o sopro, o largo sopro de inspiração. Dentre os poetas da ultima geração, no Brasil, não conhecemos outros mais interessante.

Como mostra vamos offerecer aos leitores o soneto que tem por titulo "Graziella", uma das únicas composições feitas sob os moldes antigos.

Eil-o:

GRAZIELLA

Esta, que eu hontem vi tão pequenina,
menina-e-moça que hoje torno a vê>
é, de certo, a creatura mais franzina
das que conheço e estou por conhecer.

Como cresceu depressa esta menina!
De uma delicadeza a mais não ser,
sua maguada figurinha fina
lembra um lírio ao Sol-posto, a enlanguescer.

Dir-se-ia que não anda, que vai voando,
de tão leve (levissima) ao passar...
Reparae bem no seu vestido pando!

Reparae bem nos modos seus, no andar...
E pensae num junquillo tremulando
na liaste que a ventania faz vergar.

Todas as suas poesias têm sobretudo uma graça que enleva. O poeta trata as mulheres como entidades superiores, e quer sejam ellas frívolas ou inconstantes, cruéis ou indifferentes. merecem-lhe sempre um culto respeitoso, todo repassado de unção. Poucos poetas, sem excluir os de mais aguçada esthescia, têm tratado a mulher com a delicadeza e o tacto que o sr- Austro-Costa revela. Está nisso talvez um dos segredos do seu êxito.

O autor de "Mulheres e rosas"* é um verdadeiro poeta e uma das figuras mais fortemente originaes das nossas letras poéticas.



A COMEDIA DOS ERROS, por Jorge de Lima — Jacinto Ribeiro dos Santos, editor, Rio, 1923.

Aqui está um livro que fará babar de pura delicia os enamorados da velha lingua. Os títulos dos capítulos, "Cáos", "Terra e agua", "A terra tetraédrica" e outros nada dizem do seu conteúdo delles. Não é um livro de novellas nem de pesquizas, de sciencia amavel nem de critica; é sobretulo e além de tudo um livro de estylo á antiga, de syntaxe pura, onde todas as expressões, parece, não são usadas com o único fim a que se propoem, que é vestir as idéas le vehicual-as do autor para o leitor, senão aproveitadas para revelar a avultada somma de conhecimentos clássicos de que o autor se blasona. O velho vernáculo maneja-o eile com a desenvoltura de um narrador do século XVI. Se, pois, o fim do seu livro foi só esse, isto é, compendiar num volume todos os apontamentos que fez sobre a lingua, o emprego de certos vocábulos, construcções e demais bellezas que não são correntes senão entre os grandes mestres do vernáculo, manda a verdade reconhecer que realisou integralmente o seu proposito. Mas se, além disso,, teve em vista outra finalidade, não cremos francamente que conseguiu.

O que se pôde garantir com segurança é que o sr. Jorge de Lima conhece a lingua como pouquíssimos.

MUSA ADOLESCENTE, versos de Alcides de O. Carracho Pelotas, 1912.

E' um livro de principiante, de quem apenas balbucia o verso com lingua mal segura. A lingua em que escreve é escassíssima de expressões, e as poucas de que se socorre para dizer todo o tumulto de coisas que lhe vão n'aima, são, ainda assim, muito imprecisas. Falta-lhe fôrma, falta-lhe tudo só lhe não falta o principal, que é talento. O resto virá depois com a idade e a cultura.

MUTT, JEFF & C.º, chronicas de Benjamim Costallat — 2.ª edição, Leite Ribeiro, Rio, 1923.

Estas chronicas fizeram muito successo quando publicadas pelos jornaes, e reunidas em volume continuam a sua gloriosa carreira. Apesar de tratarem de assumptos que já perderam sua oportunidade, de criticarem perraonalidades que o grande publico desconhece, os milheiros se vão exigotando e reclamando novos milheiros para satisfazer a curiosidade do publico. E' que Costallat é um humorista ás direitas sabe dizer coisas com uma graça de que só elle tem o segredo.

EL NUEVO CODIGO PENAL, série 3.ª, vol. 2.º, por Julio Herrera da Universidade Nacional de Córdoba — Sección de Libreria y Publicaciones, Republica Argentina, 1923.

O sr. Julio Herrera, que é um notável penalista argentino acaba de reunir num grosso e elegante volume as suas conferencias ácerca do Novo Código Penal, pronunciadas na Faculdade de Direito e Sciencias da Universidade de Córdoba. Para os estudiosos destas questões, e principalmente para os nossos advogados, é um livro de grande interesse, sobretudo porque é um livro de critica. O autor, além dos seus vastos conhecimentos sobre a matéria, sendo apontado, cm seu paiz, como um dos mais autorizados, é



dotado de uma agudíssima percepção como crítico. A despeito da aridez do thema, pouco favoravel para effeitos literários, revela o autor a cada passo, recursos de estylo. "El Nuevo Codigo Penal" é um livro utilíssimo, que deveria ser vulgarizado entre nós.

A LIGA DOS PLANETAS, por Albino José Ferreira Coutinho — Livraria Americana, Porto Alegre, 1923.

E' um livro abstruso este, mas interessante. Difficil de decifrar-lhe o genero. Em certos trechos descriptos parece poesia sem rima. Não deixa de ser obra de sciencia porque trata também de astronomia e de mechnica celeste, sendo igualmente obra de critica d'arte. O principal personagem é o sr. Epitácio Pessoa, com quem o autor, em sonho, perlustra os planetas e as ruas da cidade do Rio. Extranho livro, na verdade, mas interessante. Interessante, sobretudo, pela independencia do autor, não a respeito de politica, mas a respeito de todas as leis e regras da linguagem.

TRATADO COMPLETO DA CONJUGAÇÃO DOS VERBOS PORTUGUEZES. por Antonio d'Alcantara Lambert — Typ. Popular, Uberabinha, Minas, 1923.

O autor, professor primário ha muitos annos, poz hombros á empreza., como elle proprio declara, de fazer um tratado de verbos onde se fixassem todas as regras de conjugação e onde se registrassem todos os vocábulos dessa natureza. Para os principiantes é um livro de indispensável utilidade, e é de admirar que, até agora, não possuísemos uma obra desse genero. O trabalho, pois, do sr. Lambert, vem preencher essa lacuna.

COLMEIA, por João Ribeiro — Edição de Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo, 1923.

Uma obra nova deste illustre polygrapho é sempre um acontecimento literário. O sr. João Ribeiro, que é um mestre da lingua — e não encontramos outro, em Portugal e Brasil, que se lhe avantage — e tem o espirito ricamente apetrechado» possui o condão maravilhoso de fazer-se interessante para toda classe de leitores. As coisas mais subteis, as idéas mais elevadas, critica de uma obra da sciencia, commentarios a um novo systcina philosophico, tudo, através do estylo desse escriptor, tem uma clareza, uma diaphaneidade insuperáveis.

"Colmeia" é uma farta collecção de artigos sobre diversos e múltiplos assumptos; linguistica, sipojt. literatura, amor, historia, poesia exótica, folk-lore, philosophia, pedagogia, questões de grammatica, episodios da vida, etc., e na qual os ledores, seja qual for a classe a que pertencqrem. encontrarão o assumpto que lhes agrada. A edição é excellente, muito cuidada e caprichada-

PATRIA NOVA, por Mario Pinto Serva — Companhia Melhoramentos, S. Paulo, 1922.

Dentre os nossos escriptores de combate, que são bem poucos, valha a verdade, um dos mais lidos é o sr. Serva, e é isso devido ao alto ponto de vista em que se colloca e ao seu innegavel espirito de independencia. O



autor é um convicto, e trata de propagar as suas convicções, pelo jornal e pelo livro, com um ardor de apóstolo. Muitos lhe poderão negar sentimento de justiça quando se lança no combate, mas ninguém lhe negou nunca convicção e lealdade. "Patria nova" é um livro constructivo, em que o autor tenta ensinar a verdadeira vereda a todos aquelles a quem cabe uma parcella de responsabilidade nos destinos desta terra. E' um livro que, pela sua sinceridade e pela porção de lições proveitosas que contem, deve ser lido por todos que se interessam pela grandeza do paiz e da raça e principalmente pelos moços, a quem incumbe preparar os destinos da patria de amanhã.

CATHEDRAL DE OIRO, versos de Darretto Filho — Edição Schetano. Rio, 1922.

Disseram-nos que Barretto Filho, que agora se apresenta ao grande publico com o seu primeiro livro de versos, é apenas um adolescente. Em tão verdes annos não se lhe poderia exigir grandes coisas, senão promessas. Entretanto, o seu livro de estréa é mais que uma promessa, é já uma realisação. E' um poeta de raro valor esse que surge. Já não balbucia, fala com segurança e de alto. O verso não lhe reserva mais segredos, e elle maneja-o com um desembaraço de quem por largos annos conviveu com as musas. A sua lingua é bastante rica e cuidada. Nada lhe falta, a não ser, o que é natural em tão pouca idade, personalidade, cunho proprio. Ahi vae, como exemplo, este soneto tirado ao acaso:

Ama na vida tudo o que pudes:
A garça, o mar o cysne de alva pluma,
Vive do amor de todas as mulheres
Que has de um dia morrer do amor de alguma.

Perdôa sempre... Esfolha, de uma em uma,
As pétalas fataes dos malmequeres,
Deixando assim que a vida se resuma
No brilho do destino que tiveres.

A vida é um galho cujos dons se almejam,
Arvore bôa que eu cantando exalto
Coroadá de fructos e de ninhos.

Recolhe os fructos que mais perto estejam;
Para alcançares o que vês mais alto
Has de ferir a mão pelos espinhos.

RECEBEMOS MAIS:

A mulher e a maçonaria por Maria Lacerda de Moura — Typ. Colombo, S. Paulo, 1922.

Endecasyllabos, versos de Nilo Ramos — Typ. da Livraria Fonseca, Maceió, 1922.

Luar de estio, poesias de R. Ribas Silveira — Typ. Oliveira, Ponta Grossa, 1922.

Pontos de Hygiene e Economia Domestica, compilados e adequados ao Curso Primário Feminino, Curso Complementar. Curso Normal e Escolas



Profissionais, por J. E. Moreira de Vasconcellos — Comp. de Melhoramentos, S. Paulo, 1921.

Mundos fragmentários por Octávio Brandão — Rio, 1922.

Locubrações, Ensaios de theorias e idéas, por Arthur Galetti — Liv. Central, Florianópolis, 1922.

Vanidad. prosas e versos de Noel de Lara — Agencia Sud-Americana de Livros. Buenos Aires, 1921.

identificação medico-legal pelo exame dos dentes, por Luiz Silva — Editora Agencia Novidades, Santos, 1922.

O vício do jogo e sua legalização, carta pastoral de D. Octávio Chagas de Miranda, bispo de Pouso Alegre — Typ. da E. Profissional, Pouso Alegre, 1922.

A epopéa dos farrapos, poema de Aurelio Porto — Edição da Livraria Montenegrina, R. G. do Sul, 1922.

Discursos, collectanea de discursos e conferencias de Ramiro Berbert de Castro — Imprensa Official, Bello Horizonte, 1922.

Dom Luxo, comedia em 3 actos, por Alcides Munhoz, do Centro de Letras do Paraná — Off. de Artes Graphicas de A. Guimarães & Filho-Curytiba, 1922.

Alma Brasileira, obra approvada pela Directoria da Instrucção Publica do Estado de S. Paulo, por Assis Cintra — Editora proprietária Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 1922.

Dentro dos séculos, pelo Brasil, chronologia, cosmogonia, leis cósmicas, movimentos dos astros, periodos geologicos, o homem, os povos, riquezas de Salomão, Jesus, os habitantes dos mundos, mythos e crenças, pelo dr. Manoel P. Dinis — Typ. Minerva, Fortaleza, 1920.

Algunos libros de texto de consulta y de cultura general y Professional por Antero Urioste — Consejo Nacional de Ensenanza primaria y normal — 1921.

Exposição Internacional do Centenario da Independencia, secção brasileira — Relação, por grupos e classes, dos expositores segundo os boletins de adhesão recebidos — Papelaria Americana, Rio, 1922.

Noites de insomnia, por Angelo La Porta Júnior — Livraria do Globo, Porto Alegre, 1922.

Discurso de saudação ao dr. J. F. de Assis Brasil, proferido em 22 de Outubro de 1922. no Theatro Ypiranga, em Alegrete. "Nota do Sul", Alegrete, 1922.

Poesias, "Myrtos e Verbenas" e "Frutos do Outono", por Ulysses Castello Branco (Myrto d'Alva) — Typ. do Instituto Muniz Barreto, Rio de Janeiro, 1922.

A Fratrnidade e a Escola, conferencia lida em 17 de Setembro p. p. na séde da "União dos Trabalhadores Graphicos", por Maria Lacerda de Moura — Typ. Nacionalista, S. Paulo, 1922.

Nos esplendores do paraizo dantesco, conferencia pronunciada em Araras. a 20, V. 1921, pelo Padre Heliodoro Pires — Typ. Casa Mascotte, Campinas, 1922.

Tratado pratico de analyse léxica e lógica, por Arthur Bittencourt — Livraria Alves, S. Paulo, 1922-



O voto secreto, conferencia realisada no Theatro Boa Vista, em 11 de Junho de 1922, sob os auspícios da Liga Nacionalista, por *João Sampaio* — Off. Graphics Monteiro Lobato & Comp. — S. Paulo, 1922.

Boletim do Ministério da Agricultura, Industria e Commercio, publicado pelo Serviço de Informações, tres volumes referentes ao anno de 1922 — Imprensa Nacional, Typ. do "Jornal do Commercio e Off. Graphics Villas Boas & Cia., Rio de Janeiro.

Elementos de Cosmographia e Geographia geral, 3.* edição por Ezequiel de Moraes Leme, lente cathedratico da Escola Normal de S. Paulo — Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 1922.

Saneamento e Educação, por *João Pedro Martins* — Typ. Coelho. Rio de Janeiro, 1922.

Anales de Instrucción Primaria, números 9 e 10, referentes aos mezes de Setembro e Outubro de 1922, Republica Oriental do Uruguay — O presente numero, que é farto, traz interessante collaboração de Eduardo Rogé, Alberto Lasplaces, Alberto A. Alves, Ignacia J. Bonilla, J. Schoder e outros — Talleres Gráficos A. Barreiro y Ramos, Montevideo, 1922.





NOTAS DO EXTERIOR

"MAEZARTE", DE GRAÇA ARANHA

A proposito da peça theatral intitulada "Malazarte", do sr. Graça Aranha, que tanto êxito obteve em Paris e sobre a qual a critica franceza unanimemente se pronunciou, evidenciando as grandes qualidades do nosso illustre patricio, encontramos no "Mercure de France", no numero referente a Novembro, uma noticia critica de Louis Richard-Mounet. Eis o que, entre outras coisas, escreveu este escriptor, na sua secção "Litterature dramatique":

"Desta harmonia necessaria o escriptor brasileiro Graça Aranha nos offrece um soberbo xcinplo com o seu "Malazarte", lenda em tres actos.

Malazarte, heróe da lenda popular, é o Tecelão de Illusões por excellencia. Elie mente, mas de um fôrma tão praticamente viva, que ninguém hesita em dar-lhe credito. Elie enroupa a realidade com aspectos novos pelo só prestigio da sua palavra, e não pelos cffeitos de maquinaria, como fez P. N. Boinard ou por convenções pseudo-poeticas, que é o caso dos srs. Delaquiy e Strozzi. Cada qual acredita ver o que Malazarte affirma existir, porque o nosso mentiroso exalta as paixões e os desejos dos homens, dando-lhes o pretexto para que se manifestem. E' tal o seu poder animador, que, os que o

ouvem renunciam ás mais evidentes apparencias em favor da miragem que lisonjeia os seus mais secretos appetites. Mercê da sua maravilhosa magia, todos vem a Natureza, sem que nada nella tenha mudado, ttal como elle pretende mostrar-a, embora contrariamente á razão, e, porisso, tanto mais admiravel quanto chimerica. Malazarte vive os seus sonhos, que são a razão de ser da sua vida; e porque nelles é que vive, elle attrahe, seduz, faz viver desta existencia maravilhosa todos os que delle se approximam, estejam emborti solidamente presos ás realidades do mundo. Quem penetra em seu reino fica tomado de uma ineffavel alegria dyonisiaca, porque e'ste reino é o da poesia. Para attingil-o, Eduardo, que é um dos comparsas, renuncia ao amor de Almira, e sem se apiedar da morte da pobre e enternecida moça, prende-se á mentirosa Dyonisia, cujo nome symbolico explica a sua natureza. Entretanto, por mais soberano que seja o seu poder de encantamento, Dyonisia seguirá Malazarte, cujo génio sublime logrará despertar nesta personificação da Natureza o ardente desejo do Bello, que é o seu única fim. E ambos, sobre o mar infinito, seguirão vogando para a gloriosa visão brilhando ao fundo do horizonte que, deantt delles, se vae desdobrando interminavelmente. E esse desfecho nos é imposte.

• não por via de recursos literário, mas por meio do gênio poético.

A obra vive da própria vida de Malazarte.

Este herói da lenda popular leva em si, não uma simples faculdade da raça, mas um sublime poder da natureza humana: o da imaginação, em que surgem, se amplificam, fulguram e morrem todas as fôrmas „gedradas pela vida interior.

E o drama se constroe e se desenvolve de accordo com as leis e regras desta criação e dos seus effectos. Trata-se, pois, das próprias leis da vida e não de argumentos de um systema philosophico ou de condições de um processo literário.

O que resultou foi uma obra onde não falta nada que exige o genero, e "Malazarte", na versão franceza, antolha-se-nos com todas as condições que fazem uma obra-prima, pelo menos aquellas que garantem a uma obra a perfeição e a duração. Porque não é da perfeição da linguagem que depende a parte de immortalidade de uma obra literaria, e sim do que nella ha de vida universal.

CHARLES MAURRAS E

ANATOLE FRANCE

A proposito da eleição do successor de Deschanel na Academia Franceza, um jornalista interpellou Anatole France sobre si votaria em Charles Maurras. A pergunta, refere o jornalista — "O olhar se anima; a palavra continua doce, mas o rythmo se accelera".

Commentando a resposta, escreve Louis Latzarus:

"E' impossivel crêr que o grande escriptor empregue, mesmo em palestra, um estylo como o destas phrases: "Charles Maurras não tem uma personalidade literaria tal que force o meu suffragio. . . não darei o meu voto á reacção. . . Não quero prestar-me a nenhum equivoco", etc. Si não se soubesse que o cidadão Rappoport está presentemente na Rússia, ero lugar que seus amigos inquietos não sabem, pensar-se-ia que foi elle quem falou, em nome de seu amigo Anatole France.

E' incrível a resposta que se empresta a Anatole France. Com effecto, parece que

ninguém jamais amou o mestre, tão constante e resolutamente como seu discipulo Maurras. Esse grande polemista não poupou no mundo sinão um homem e esse è France. "Como os seus artigos são pesados!" — diz este. Nunca elle lhes sentiu o peso e talvez seja para felicital-o. Qualquer que seja a admiração que se sinta por elle, tem-se o direito de imaginar que um dia, que talvez não esteja afastado, um erudio sagaz e letrado desmontará peça por peça o engenhoso conjuncto das suas obras. Deixar-lhe-á na gloria própria, que o reatamento da tradição classica atravez da desordem romantica e dos excessos naturalistas. E depois, tendo descoberto as reminiscências, denunciado os emprestimos, auscultado a origem de certos pensamentos que passaram por novos, concluirá talvez que Anatole France foi somente o mais intelligente dos rhetoricos. Não dou ao termo significação depreciativa. Quintiliano disse que a rhetorica é uma virtude.

Si esse critico, ia dizer esse exegeta, examina esse segundo a influencia que Anatole France exerceu em seu tempo, provavelmente reconhecerá que ella foi exterilisante e levou muitos jovens talentos ao preciosismo e ao pedantismo da phrase. Seria, aliás, injustiça, censurar a Anatole os erros da sua posteridade literaria e sabe-se que, geralmente os discipulos imitam melhor os defeitos que as qualidades dos mestres."

Teriam sido mais sábios subindo até o templo, em lugar de seguir o guia que delle já se afastara por mais do que se pensa, mas preferiram regular os passos pelo seu. Enthusiasmaram-se. Também, no quarto século, os jovens romanos ouvindo Accesoneo, acreditaram ouvir Virgilio.

Ensinou-os a duvidar como elle e teva assim um papel verdadeiramente destruidor. Isto mereceria longo desenvolvimento e só pretendo mostrar que si Charles Maurras tivesse querido consagrar alguns artigos "pesados" ao estudo e ao desmonte do mecanismo intellectual de A. France, si tivesse querido empregar a sua vasta erudição, a sua habilidade dialéctica, a sua força lógica e o seu goso de derribar idolos, este hoje não estaria mais intacto.



"Mas, conservou elle pelo mestre de sua mocidade uma affeição e deferencia que não eram sem mérito. Na lucta quot' empheendeu e em qu, prosegue com uma obstinação e um vigor que forçam a admiração, Maurras muitas vezes reconheceu Anatole no campo inimigo. Nunca deixou a terna veneração que lhe votou. Não cessou de cobrir as faltas do velho mestre com o manto de Noé. Anatole Franc, pode dizer e fazer o que quizer, pactuar com a barbaria bolschevista, cercar-se dos tolos leitores da "Humanité", escrever com penna de ouro, entre as obras primas que reunir em seu rico palacio, a apologia da partilha dos bens e o appello a revolução, Charles Maurras se cala. Não serei eu quem o censurará. Nada é mais encantador que essa flôr d'amizade tão piedosamente preservada e cuidada em um canto da trincheira. Mas que France não seja tocado por ella, é o que tenho difficuldade em comprehender. Que seja Charles Maurras quem dê uma lição de liberalismo, de largueza do espirito, de indulgência, emfim, e Anatole France o exemplo da paixão politica, expressa em estylo de ordem do dia, a exemplo do pensamento mesquinho, isso desconcertará mesmo os leitores do "Petit Journal".

Censura-se a Maurras o ser um escriptor da direita. De resto, afóra os seus titulos literários, é elle o principe dos jornalistas. "Não ha exemplo de um trabalho tão constante e Que, dia por dia,, tenha produzido tão notáveis effeitos. Não se conhece um no passado nem no presente, um jornalista que tenha sido capaz de escrever quotidianamente, durante tantos annos, as paginas que illustram a "Action française". A essa obra cujo» character ephemero elle proprio conhece melhor que ninguém, um grande escripteur. Si se duvida, leiam-se os versos, que lhe dedicava outróra o proprio Anatole France.

"...Tu meditaes d'ingenieuses fables,
Charles Maurras; les dieux indigètes,,
[les dieux
Exiles, et le dieu qu' apporta Made-
[leine
T' aimaient: ils t'ont donné le roseau
[de Silène
Et l'orgue tant sacré des pins melodieux.
Pour soutenir ta voix qui dit la beauté
[sainte.,
l,'Harmonie, et le chœur des Iyois tra-
[çant l'enceinte
Des Cités..."





VISÃO DE AMANHA

Se os americanos vierem... Depois de uma longa conversa com Hannibal Porto, que tem 20 annos de apaixonada dedicação á Amazônia, mergulho em reflexões em que ha travos e delicias.

Os americanos prometiam vir com ÍOC milhões de dollars. Seria uma tempestade de ouro naquella estagnação de indigên-cia.

Deixo que as promessas do áureo cyclone me envolvam, me arrebatem e me atordoem.

Sonho. Vejo hoje um áspero e lugubre crepusculo que desce. Sinto a marcha selvagem da tapera envolvente. Cidades que morrem, gentes em fuga, o pão áa fome embebido no fel da desillusão.

Nem ha mais a nostalgia da grandeza de outr'ora. Tão amarga a expiação das vicissitudes, tão longo o soffrimento do declínio, que nem memoria existe da pas-sada e perdida opulência.

Por toda parte, a ancia de escapar ás tenazes atrozés do infortúnio. Pânico e miséria. Revoltas surdas, desesperos concentrados, e toda uma theoria de victimas fugitivas pela inclemencia de um destino barbaro.

Sob as lufadas da tormenta, o êxodo prosegue. Ficam atras escombros e maldições. Os rios param no curso deserto, e são como immensas charnecas pútridas, exhalando morte.

De ha muito transmigraram os pássa-ros. Nem o rapinante alado nem a ave agourenta resistiram á invasão da noite

sinistra. Enrolados nos pantanos, nas ri-bas e nos troncos, os reptis inteiriçam-se; fluetuam por entre os últimos nenupha-res, que se estiolam, grandes cadaveres de saurios.

Só o matto se adensa e cresce, na vo-racidade invasora das seivas livres e es-tuantes, mas o escasso apendoar da sua inflorescencia é triste como uma cristali-zação de lagrimas, secretados sob a vio-lência de uma dor formidável, que ex-prime no seu silencio trágico a angustia da soledade e o desespero do aniquila-mento.

Este sonho fnonstruoso exhfure-me. Vejo-me só, na solidão pavida e enorme, e lembro o fausto preterito, a fortuna, a belleza, a grandeza, o esplendor dos dias de ventura e de festa, e comparo essa vertigem, esse turbilhão, esse milagre; á necropole sem fim que os horizontes som-brios envolvem na sua immensidade pa-cifica e sarcastica...

E' a civilização morta, é a terra morta, um infinito cinerario sobre o qual se ac-cumulam ruinas que foram energias e ambições, vaidades e virtudes, heroismos obscuros e apparatus faustosos...

Mas o pesadelo extingue-se. Supremo alliviol Intraduzível transição brusca da tristeza para jubilo! E' outro o sonho, que emerge da lethargia dissipada. Que sonhol

De novo, imprevisamente, os rios des-lizam. Sulcam-n'os embarcações possantes sob um pavilhão em que ha bandas e estrellas e sob uma bandeira também em que ha estrellas, esmeralda e ouro.

Prodígio da fraternidade, de que o interesse exhibe uma expressão desconcertante e fecundada! Renasce a vida. Rios e ribeiros carreiam ouro líquido. Uma estranha multidão de homens louros, vigorosos, sadios, alegres, perluastra a brenha, disseca os paúes, espavora as doenças, povoa os campos, rasga estradas, edifica, higieniza, semeia, trabalha, atira ás maucheias a prosperidade e a riqueza.

Ouçõ dizerem: "São os americanos! Bemditos sejam os americanos! Como elles sabem trabalhar! Como elles sabem ensinar a rabilhar! Que enercial Que intelligencia pratica e aguda! Que raçal

"Não! Não sois vós, americanos, que vindes roubar, mutilar, desnacionalizar a nossa Patria! Não! Vós trazeis o vosso dinheiro, a vossa coragem, a vossa ambição; nós vos acolhemos, nós nos associamos ás vossas diligencias; e da terra, que vos damos transitoriamente, partilharemos comvosco os lucros opinos; e ficaremos, mais do que nunca, fortes na soberania, ricos na fartura, sábios na maneira de realizar as grandes coisas que só a experiencia dos séculos torna possíveis. .

"Vos fareis o milagre de converter em celleiro do mundo esta gleba virgem e desprezada. Nossos portos ficarão plethoricos, servindo a um trafico vertiginoso. Quasi todos os cereaes, o algodão, o cacão, a castanha, a madeira, as fibras, os oleos, as resinas, os peixes, as carnes, os lacticínios, os couros, que formidável produção, a caminho dos vossos mercados, levando as sobras gigantescas do nosso e do vosso consumo a todas as regiões do globo!

"Vós fareis essa maravilha; e os vossos milhões iniciaes ao cabo de pouco tempo serão bilhões, e não tereis arcas onde guardal-os, e continuareis provavelmente a fecundar e enriquecer outras zonas da Chanaan brasileira.."

E' o que ouçõ, por entre os deliciosos absurdos do sonho phantastico. E então, o deslumbramento começa. Das suas tumbas apavorantes, levantam-se os espectros das cidades. Que esplendor de cidades! Que conforto, que progresso, que belleza, que vida! São cidades tentaculares; e a diathese que ha pouco as inclinava ao

deperecimento, é hoje uma irresistivel propensão para a reacção robusta do entusiasmo e da felicidade.

As gentes, que o abandono havia amolentado e espavorido, voltam em massas compactas, curiosas, activas, felizes, com todos os sentimentos da intelligencia e da intrepidez despertos, e platam e colhem, e vendem, e exportam, e enriquecem por systemas infalíveis, que rapidamente aprenderam, vendo em acção o estrangeiro bemfazejo.

Foram elles que nos trouxeram os frigorificos. Foram elles que tornaram possível o nosso commercio de carnes e outros productos da pecuaria. Foram elles que facilitaram a gradativa melhoria dos nossos rebanhos. Pois elles salvarão a nossa borracha, e farão da Amazónia um incaculavel potencial de energia creadora, capaz de permittir á irradiação economica do Brasil, não só os filões inexhauríveis da perpetua abundancia, mas a única força que hoje mantém no entrecchoque da competição mundial os indices volitivos do prestigio de um povo — a riqueza e o trabalho, riqueza que é sangue, trabalho que é intelligencia.

Foi pensando na Amazónia de agora, ameaça da Amazónia de amanhã, que, ante a perspectiva do dollar farto desdobrando-se em fartura sob o génio do emprenhimento americano, mergulhei nese estranho sonho inverosímil, começado em pesadelo e concluido em férias oriental

Perdoai a incongruencia, mas. . . deixai que venham os americanos!

Alves de Sousa.

("O Paiz").

O BRASIL E O PETROEEO

Todos os economistas e todos quantos estudam os graves problemas mundiaes são unanimes em reconhecer com affirmar que o petroleo está, neste momento, representando o mesmo papel que, muito recentemente, cabia ao carvão e ao ferro.

A politica dos grandes paizes que diri-

gem o mundo, nas mas pequenas acções internacionaes, mesmo aquellas que, aparentemente, nada parecem ter com o assumpto — está neste momento pautada pela questão de petroleo.

Outra significação e outro movei não tem o imperialismo a que se entregam varias peftencias, procurando, pelo menos, alargar as suas zonas de influencia. Procure-se bem e se verificará que se trata de zonas petrolíferas ou de caminhos para zonas petrolíferas.

Inventadas ás machinas que usam "mazut", o residuo do petroleo, cada vez mais esta substancia sóbe de emprego nas industrias principalmente na navegação. O petroleo pesa muito menos e occupa um espaço muito menor do que o carvão, de forma que a tonelagem propriamente util dos navios pôde ser melhor usada, fazendo com que as couraças tenham possibilidade de augmento e os canhões um maior calibre.

As experiencias ultimamente feitas provaram abundantemente que um navio de guerra, movido a petroleo, pôde percorrer 7.000 milhas sem necessidade de nova provisão, ao passo que um navio da mesma tonelagem que queime carvão não pôde correr mais do que 3.500 milhas.

O Sr. Kellaway, Director do Departamento do Commercio Internacional dos Estados Unidos, affirmou, em discurso pronunciado em Julho do anno passado, que "dentro de dez annos 75 % dos vapores gastará petroleo em vez de carvão e que os vapores movidos a carvão terão ao lado dos movidos a petroleo o mesmo aspecto fóssil que hoje apresentam os veleiros ao lado dos grandes vapores".

Sabem perfeitamente os Estados Unidos que os seus poços de petroleo se encontram em vias de esgotamente, pois que o consumo que alli lhes é dado é verdadeiramente estupendo. Das 337.719.000 toneladas produzidas as necessidades nacionaes consumiram a maior parte e essa maior parte coube, numa proporção de 80 % aos dez milhões de automoveis que existem na grande Republta. Apenas 20 % ficaram para a Marinha e para as industrias. Entretanto, os Estados têm necessidade que a sua esquadra seja movida a petroleo e no Pacifico estão sendo

concentrados todos os navios assim apparelhados. . .

A não ser no Brasil, por toda a parte busca-se petroleo, por toda a parte procura-se explorar as jazidas que apparecem.

Muito recentemente, tivemos occasião de conversar com um engenheiro rumenico, especialista na matéria, e que se mostrou entusiasmado com o que observou no Brasil, que elle visitou minuciosamente. Este engenheiro desceu mesmo, a detalhes, citando uma jazida no Estado da Bahia, cuja produção diaria poderá ser a maior do mundo, se a exploração fôr realizada com todos os modernos adiantamentos. Segundo bem nos recordamos, delle ouvimos que essa produção poderá ser de 35.000 barris diários.

O Ministério da Agricultura possui um profissional, o Dr. Gonzaga de Campos, perfeitamente senhor da matéria; mas, segundo tudo faz suppor, o assumpto não tem encontrado dos poderes públicos todas as atenções que merece. E* talvez por falta deste apoio que não consta a exploração de qualquer jazida em escala regular e de modo a entrar no mercado ou de ser aproveitada pelos serviços officiaes.

Em dous ou tres orçamentos da Agricultura, relatados pelo Sr. Cincinato Braga, foram dadas autorisações para as despesas de estudo.

Esse estudo foi feito?

Qual o seu resultado?

Se foi affirmativo, por que não começamos ainda a exploração?

Inspirou as linhas que vimos de escrever a noticia recém-chegada a esta Capital de que os engenheiros do Ministério dl Agricultura, em recente excursão que fizeram ao Estado de Goyaz verificaram em vários pontos a existencia de petroleo. Na bacia do Parnahyba, principalmente, as jazidas indicadas por um superficial estudo geologico, devem ser muito importantes.

Trata-se, como se vê, de uma verificação official, e, assim, merecedora de toda fé, não só pela idoneidade moral dos verificadores, como pelos seus conhecimentos scientificos.

Apuradas as possibilidades da explora-



çã® compensadora destas e de outras jazidas já anteriormente assignaladas, para 1924 deve o orçamento da Agricultura conter os fundos necessários para a movimentação dessa riqueza, reputada, no momento actual, como já dissemos, a maior de todas.

O. P.

("Jornal do Brasil").

O ULTIMO IMPERADOR

Dom Pedro II, de quem se tem dito quasi todo o mal e quasi todo o bem que se poderia dizer de um homem, é, certamente, uma das figuras mais suaves e sympathicas da nossa historia.

Sua imagem desenha-se, mollemente, numa das raras perspectivas de repouso da vida nacional. As agitações politicas, as revoltas e os motins, de incompreensão do nosso momento de nação livre, haviam quasi inteiramente desaparecido. Os movimentos e equívocos que atropelaram o primeiro reinado e a regencia iam-se extinguindo lentamente.

Abria-se um longo silencio.

O reino do imperador é a pacificação.

Tudo volta ao trabalho; os campos florescem e fructificam; a politica, que transbordava e alagava as terras, restringe-se, então, aos seus canaes proprios.

Essa drenagem e irrigação foi o grande serviço de Caxias e do Imperador.

Começou, então, de novo, a alegria de viver, que havia desaparecido no tumulto desordenado de quasi meio século de reivindicações insólitas, absurdas e inoportunas.

As liberdades suffocadas aceitavam a nova rhetorica dos parlamentos.

O nosso "Instituto Historico" — cuja actividade é inesgotável, ajunta ao grande plano da sua encyclopedia do Brasil, ha pouco iniciada, mais uma obra de vastas proporções, qual deve ser a — Vida do Dom Pedro II.

Em si propria, a vida do ultimo imperador não poderia offerecer interesse

maior que a de qualquer de seus contemporâneos illustres. Mas não é possível abstrair-a da nossa historia; e, segundo uma convenção que é difficil extirpar, a historia do rei é a historia da nacionalidade.

Ainda criança, a sua influencia é absurdamente illimitada. Sob a regencia, o phantasma infantil da imbelles realza foi o bastante para assegurar a monarchia e a paz. A republica refugiou-se um momento na fronteira. Em pouco, será uma coisa "extra-muros".

A maioridade não foi uma precipitação; foi declarada a tempo e mais do que a tempo.

A vida de Pedro II é, pois, a nossa historia de mais de meio século, em que se poliram e aperfeiçoaram os nossos costumes politicos, sem nenhuma reforma politica. A reforma social, única, que era o problema da escravidão, arrastou e afundou o throno. Pôde dizer-se que for a grande obra do seu reinado.

E' possível contestal-a como obra sua. O que, porém, não deixa duvida é que, de grado ou de força, se associou á libertação da raça negra. O throno que desabava não poderia ter, nem achar mais digna e deslumbrante apothese.

A dynastia de Bragança deu-nos apenas dois principes: um fundou a independencia e a constituição; outro fundou a paz.

Segundo a critica que tudo nega aos principes, não fizeram elles nada, ou foram obrigados a fazer o bem que se lhes attribue. Como quer que seja, não ha nenhum methodo historico que nos biografe a multidão e ponha, em logar dos homens que a representam, os mil clamores e as múltiplas idéas do povo.

O methodo é erroneo, e todos os dias temos o testemunho de que é justamente o povo quem nada quer, nada pensa, nada manda ou delega, e, muito pelo contrario, é um optimo campo para todas as fascinações e todas as flexibilidades, deixando-se governar por hábeis e inhabeis demagogos.

A — Vida de Dom Pedro II — segundo os vastos lineamentos propostos pelo nosso Instituto, irá constituir "uma série



..de monographias e de contribuições históricas de grande alcance.

Entretanto, não será uma biographia, nem será uma historia do segundo reinado, pois que necessariamente lhe faltará o espirito de unidade e de synthese, que não pôde possuir a obra de varias mãos composta por autores differentes, indifferentes e associados.

Isso, acreditamos, não diminue o mérito da alevantada empresa. Teem sempre igual feito as obras de mão commum dos institutos e das sociedades literarias. São vastos trabalhos de analyse e de documentação, que, quando bem feitos, podem fornecer a escriptores extranhos e porvindouros o material de verdadeiras syntheses.

O que naturalmente escapa á obra dos Institutos é a psychologia, o romance pessoal do individuo, as suas anedotas caracteristicas.

Devia haver sempre, ao lado de Tito Livio ou de Tácito, o supplemento de Suetonio.

Nada expressa melhor os individuos que as suas pequenas phrases, os seus defeitos e predilecções menos graves.

Pedro II deixou um material enorme de anedotas que o retratam com maior fidelidade que os grossos cartapacios da acção politica e militar do seu reinado.

Dessas historietas avulsas, serias e jo-co-serias, ha numero que baste para dizer o que elle era em pessoa fóra dos seus paramentos principescos e imperiaes.

Era, realmente, um homem simples e democrata, sem solemnidade e, ha quem o diga, sem distincção. Creado na America, sem o convívio de côrtes aristocraticas e exclusivas, parecia, de facto, um philosopho, inimigo de todas as toleimas e vaidades do mundo. Era, entretanto, um vaidoso doutra especie.

Aborrecia os cerijtaoniaes antiquados, o beija-mão, o papo de tucano e toda a farandulagem das tradições majestaticas.

Os seus ditos são admiraveis de expressionismo:

— Se eu não fosse imperador, dizia

elle, queria ser professor do Collegio Pedro II.

E, realmente, elle era um professor, curioso de aprender e de ensinar, frequentador assíduo de escolas e de sociedades literarias, freguez infallivel de conferencias e leituras publicas.

Dizem que, nessas festas desenxabidas de sciencia e de letras, elle cochilava e, por vezes, dormia a somno solto (único symptoma do seu bom gosto). Mas nunca faltava ao prazo.

Hoje, se fóra vivo, iria toscanejar na Academia.

Dom Pedro era poeta, e ruim poeta, como convém aos nossos homens de alguma celebridade.

Na ruindade literaria está uma das formas mais decentes da admiração nacional. Os nossos congressos politicos reconhecem-na de utilidade publica, e distribuem prémios aos especimens de melhor quilate.

Cá, em baixo, fazemos a mesma coisa, sem discrepância, desse sentimento universal que põe chumbo por baixo da balança, na concha dos pesos.

E' um costume licito no commercio das batatas e da intelligencia. Eu mesmo confesso que o tenho praticado por entrapelia innocente.

O imperador excellia por muitas virtudes das quaes não devemos separar a sua literatura de cordel e de: "pilegos sueltos".

As suas phrases era prosa ficaram proverbiaes e são, em verdade, melhores que os seus sonetos.

Ou, pelo menos, equivalem-se.

Não é acaso delle e não declara excellentemente as volubilidades politicas do tempo essa phrase dita a um ministro despachado para os Estados Unidos?—

— Espero que sirva o império, naquelle republica, com a mesma diligencia e amor cora que serviu a republica, neste império.

lia nessas palavras matéria para um tratado de ethica.

Sorria, pois, sem offender. Não havia

•causticidade em suas satyras de leve e subtil maledicência.

O imperador era eximio vernaculista, versava com mão diurna e nocturna os velhos clássicos (provavelmente mudando os volumes de uma para outra estante da sua enorme livraria), e não permittia deslises de linguagem, nem gallicismos (excepto os que elle empregava, por serem consagrados). Esta sua grande virtude imperial deu grande impulso á grammatica.

Conta-se que, depois de assistir á prelecção de um dos nossos professores de medicina, admoestara ao orador que acabava de falar e de tossir:

— Tome o meu amigo umas taboinhas de ipecacuanha. São boas para a tosse.

O professor havia commettido a irreverencia de traduzir "tablette" por taboinha.

O exemplo foi edificante, e ainda hoje a escola, em favor da urbanidade da lingua, reformou a syntaxe e o vocabulario. Hoje, qualquer medico pode errar decentemente o diagnostico, mas os pronomes, nunca.

Galeno deu o braço a Frei Euis de Souza. Mata-se, graças a Deus mas grammaticalmente.

Como era curioso de tudo, é certo que Dom Pedro entendia mais ou menos de todas as coisas. Tinha juízos promptos, sem improvisos de véspera, em todas as questões, e quasi sempre acertava.

A ignorancia encyclopedica é uma das vantagens do estadista.

Eis um dos admiraveis ditos, que envolve em alto gráo a sua capacidade esthetica.

Chegando da Europa, ao vêr pela primeira vez o edificio da nossa Imprensa Nacional, disse para o camarista que o Acompanhava:

— Será feito de papelão?

Nada, a meu vêr, exprime mais exactamente a falta de solidez, o feitio infantil de — "Petit Architect" — daquelle monumento de papel Bristol.

Essas criticas e tiradas zombeteiras, mas inoffensivas, definem o fundo de

bondade, de argúcia e de benevola tolerância do imperador.

Recusou sempre todas as festas que os corteões, errando alvo, armavam á vaidade que elle não tinha. Nunca as permittiu, como não permittiu que lhe erguessem a estatua no campo da Acclamação, aconselhando que applicassem ás escolas aquelle dinheiro da vaidade e da lisonja.

A vaidade humana tem utilidades preciosas. A todos os maniacos de grandeza elle distribuía titulos de baronias e condados, por dinheiro util e applicado ao Hospicio de Alienados. A loucura larvada pagava as despesas da loucura descoberta. Um psychiatra seria incapaz de inventar esse imposto.

O imperador figura num romance de Gobineau — "Les Pleiades". Parece que ahí está o seu retrato no principe Jean-Theodore, uma das pessoas do livro. E não está mal.

Gobineau foi secretario da legação franceza no Rio de Janeiro, e foi intimo amigo de Dom Pedro, então joven; achou nas feições do imperador o typo que ideara naquelle romance das — "Pleiades".

Jean-Theodore é um principe que subordina os preconceitos aristocráticos á simplicidade da vida affectiva, mas sem vulgaridades plebéas. E', em todo o caso, um principe que nega inutilmente o sangue e a superioridade ingénita da estirpe.

Os reis de verdade não são e nem podem ser democratras. Os verdadeiros reis da democracia são os homens de dinheiro.

Se fosse rei-democrata, Pedro II morreria podre de rico.

Mas morreu pobre, honestamente pobre. Deus o tenha na sua gloria.

João Ribeiro.

("O Jornal").

UM SABIO, UM HEROE E
UM JUSTO

O dr. Luiz Pereira Barretto, que ha poucos dias se finou em São Paulo, octogenário, era uma figura de rara grandeza e rara belleza. No meio da actual so-



cidade brasileira, e especialmente da paulista, toda voltada para as materialidades asperas e para as realidades gostosas da vida, Pereira Barretto fazia o efeito de um gigante bonachão e valente, meio poeta, meio apóstolo, meio excêntrico e — digamos tudo — meio *maluco* . . .

As proporções do seu porte e as linhas bizarras da sua conformação, extremavam-no completamente da vasta mediocridade que o envolveu durante meio século da actividade sem tréguas. Mas, elle movia-se tranquillamente no meio da multidão immensa dos pigmeus e dos medianos, muito alto, muito puro, muito original, como um colosso que não percebesse que o era, e ingenuamente se julgasse mais ou menos perdido na turba-multa que o acotovellava.

Esta insciencia do proprio valor na sua inteira extensão é commum ás grandes almas. E é condição da própria grandeza. E' uma especie de presbitismo que, tolhendo-lhes a visão fastidiosa e desanimadora das pequices infinitas que atafulham e enredam nosso viver quotidiano, lhes permite permanecer continuamente na contemplação das largas perspectivas do passado ou dos ennevoados esboços de um remoto futuro.

Não existe presente. Coisas, homens e factos da hora que passa valem apenas pelo rastilho que vão deixando na fugacidade do tempo on pelas projecções que vão avançando através do campo das possibilidades vindouras. E como, afinal, tudo no mundo e todos na vida collaboram mais ou menos numa formidável obra commum, embora lhe ignorem o sentido, como fantoches inconscios dos cordéis mysteriosos que o agitam, as almas de eleição abarcam, sem esforço, a generalidade dos contemporâneos numa grande acceitação generosa e discreta, com um intimo e perenne senso de solidariedade fraterna.

Foi essa attitude que caracterisou a existencia de Luiz Pereira Barretto. Entre todas as grandes figuras moraes do Brasil, de nenhuma sei que tão completa e ao mesmo tempo tão pertinazmente

se identificasse com a collectividade.

A vida de Luiz Barretto é inconfundível. A maioria trafica, paira, convulsiona-se e gosa, cada qual amarrado dos limites da própria sombra. A "élite" consente em dedicar-se ao bem collectivo, quando este é capaz de concretisações que envolvam o seu. Alguns, têm momentos fulgurantes de elevação, mas retombam, e vão exercendo um suave apostolado por secções. Barretto, esse levou cincoenta annos de sua vida, em S. Paulo, sem interrupção, sem desânimos, sem fraquezas, sem amarguras, a trabalhar com o perpetuo entusiasmo de um estreante por uma infinidade de coisas bellas, — umas alheias a todos os seus interesses, outras francamente adversas a elles. Não contente de se expropriar desde moço em beneficio da utilidade publica, pondo ao serviço delia toda a sua intelligencia, que a tinha notável, todo o seu saber que era vasto, todo o seu grande coração e toda a sua admiravel capacidade de trabalho, elle de tal modo sacrificou aos ideaes do cidadão os haveres colhidos pelo medico e pelo lavrador, que, tendo ganhado fortunas, acabou pobre, resignada e serenamente pobre. . .

Esse poder de dedicação não se adquire, é como uma deformação anatómica innata e incorrigível. Contudo, parece que a influencia do positivismo, do qual Pereira Barretto foi um dos primeiros adeptos no Brasil — tendo-lhe dedicado um livro que é hoje uma reliquia valiosa na magra historia das idéas e^m nosso paiz — contribuiu bastante para lhe accentuar perduravelraente aquella qualidade mestra do seu caracter.

O positivismo, tão malsinado com profunda injustiça, pela nossa loquacidade¹ caudal e anti-philosophica, tem tido, digam o que disserem, a virtude de produzir no seio da nossa sociedade um tanto amorpha e entre as molles fluetuações do* espirito brasileiro, algumas das figuras humanas de mais solida organização e' de mais esculptural recorte. Bem ou mal, antes bem que mal, elle fornece ás almas sedentas de comprehensão e de par um critério definido de julgamento e de acção, um quadro ao mesmo tempo amplo e nítido onde se colloquem e orde-

nem as aquisições da pesquisa e da experiência; sobretudo elle influe, naquelles que trazem do desmoroamento da fé certa reserva inextinguível de mysticismo, o habito consolador de sentir em si e á volta de si a presença eucharistica da Humanidade, fonte, razão e fim de todas as nossas agitações.

A actividade de Pereira Barretto, além do exercício da medicina, que nunca abandonou, e da politica, que abandonou depressa, depois de feita a Republica, girou principalmente em redor das questões de sciencias e das questões agrícolas. Foram ellas suas duas grandes paixões.

Ganhou reputação de sábio, e poucos a têm merecido tanto, se levamos em vista, de preferencia, não o saber secco dos laboratorios, nem o saber exclusivo dos livros, mas a sciencia activa, fremente e renovadora que fecunda e dynamisa o espirito, desdobrando-lhe a capacidade de acção. Essa era a sua sciencia. Hauria-a soffregamente, mas não a deixava depositar nas prateleiras da memoria: passava-a pelo cadinho da sua critica, dava-lhe a vida do seu temperamento candente, imprimia-lhe a positividade dos seus pendores laboriosos e práticos e, quando a expunha, em seus artigos vibrantes e claros como poucos moços de sangue na guelra conseguiriam fazer, tinha o aspecto original de um criador e a força persuasiva de um illuminado.

A' palavra juntava sempre a acção, Quando Pasteur, ha varias dezenas de annos, penosamente abalava a modorra dos circulos académicos e da rotina agrícola, em França, com suas descobertas applicaveis á cultura e tratamento dos vinhedos, Pereira Barretto, primeiro entre todos, assimilava maravilhosamente os ensinamentos do sábio francez applicava-os nas suas vinhas em S. Paulo, disseminava-os pela palavra e pelo exemplo — e recebia da própria França, onde suas interessantes experiencias repercutiram, constantes pedidos de informações e conselhos.

Depois, com o mesmo enthusiasmo juvenil, consagrou-se durante muitos annos á renovação dos cafesaes paulistas pela adopção de novas especies e ao seu aperfeiçoamento por melhores methodos

culturacs. Com o mesmo afan e constância prégou a rehabilitação da raça "caraçu" e o seu emprego na composição dos nossos rebanhos bovinos, por via de selecção.

Só pôde fazer idéa exata do que foram essas campanhas, em saber, em pertinácia e em brilho quem acompanhou as series de fogosos artigos que o illustre publicista disseminava uma após outra, todas em regra cheias do incoercível e" canto da sinceridade e do estylo, uma sinceridade ingénua e transparente, um estylo que arrastava os menos inclinados a taes assumptos. E só pôde fazer idéa do effeito produzido por taes artigos, quem conheceu a autoridade e o prestigio inigualáveis que o dr. Barretto conquistou em todo o Estado de S. Paulo e quem pode verificar como os lavradores e criadores daquella circumscripção nacional punham por obra as lições e conselhos do incansavel mestre e consultor.

A questão do gado, que o dr. Barretto agitou, combatendo valentemente preconceitos accumulados, velhas indifferenças e vastas fortificações de interesses irritadiços, deu em resultado uma verdadeira cruzada em favor da histórica raça nacional, que hoje está restabelecida na sua primitiva pujança, com esplendidos exemplares que fazem o orgulho de muitas fazendas bem geridas e a admiração calo* rosa dos estrangeiros entendidos na matéria.

Assim, o dr. Barretto, unido num só blóco indivisível a sua paixão de scienista, o seu patriotismo e a sua desinteressada dedicação á economia nacional, conseguiu o extraordinário objectivo de realizar uma obra igualmente interessante aos homens de sciencia, aos corações brasileiros e aos paladinos do nosso desenvolvimento economico.

Muitas outras indagações e muitos outros debates, sempre originalmente encardados sob seus largos aspectos humanos e patrioticos, tanto quanto sob os aspectos práticos de applicação, revesavam-se continuamente sob a penna aguda e vivaz desse escriptor sem mestre e sem discipulos.



A sinceridade, a paixão, o entusiasmo e a capacidade de sacrifício de Luiz Earretto se evidenciam em todo o seu fulgor, a um tempo curioso e tocante, através de vários episódios de sua actividade sem pausa.

Formou uma cultura de uvas estrangeiras de luxo, em plena cidade, numa época em que se negava a pés juntos a possibilidade de semelhante cultura em terras e em clima de São Paulo. Fundiu naquillo um mundo de estudos, de investigações, de labores e de dinheiro. Nada ganhou, — mas ganhou o Estado, porque desde então ninguém mais duvidou que fosse possível cultivarem-se uvas estrangeiras de luxo na cidade e seus arredores, e hoje vários cultivadores, menos entusiasticos, porém, mais felizes, obtêm bom dinheiro com os lindos cachos roxos, dourados e verdoengos de suas opulentas parreiras.

De outra feita, entendeu o dr. Barretto que era conveniente attrahir a lavoura cafeeira para as terras mais próximas do mar, o que teria a vantagem preciosa de permitir, pela compensação dos fretes, methods mais intensivos e scientificos de cultivação e consequentemente melhora do producto. Juntando sempre o exemplo á palavra, fundou a sua famosa fazenda de Pirituba, a dois passos da cidade, onde estabeleceu um verdadeiro campo de experiencias multiculturales e uma esplendida, escola pratica de agricultura racional. Ahi formou cafesaes e produziu café. Custou-lhe isso algumas centenas de contos e acarretou-lhe um sério revés financeiro, mas elle demonstrou tudo quanto quiz, muita lição ficou, e com isso o velho "ideólogo" deu-se por satisfeito, indo tranquillamente refazer a fortuna em Ribeirão Preto, como clinico.

Estava entrado em annos; mas a coragem para a luta, o valor para o trabalho, a curiosidade scientifica, o devotamento ás causas alheias se conservavam intactos, na pureza de um manancial que não se extingue nem se corrompe.

Luiz Pereira Barretto, no seio de nma sociedade onde o arrivismo e o cabotismo, ganham terreno, cada dia, assustadoramente, ás qualidades fortes e modestas que garantem a segurança da comunidade e o esplendor duradouro das nações, foi como o sobrevivente de um mundo subvertido e de uma época remotissima.

Exerceu inigualavel prestigio, é certo; mas, não exerceu toda a influencia a que tinha direito, nem occupou na cordilheira das posições destacadas, as emênencias que em qualquer parte do mundo lh-i seriam dadas — que lhe seriam dadas por calculo e por gratidão, para o aproveitarem melhor, como convinha ao publico, e para o recompensarem mais altamente, como pedia a justiça.

Propagandista da Republica, e dos mais esclarecidos, teve em S. Paulo a presidência do congresso constituinte. Poucos annos depois, um desses incidentes da vida politica, que em nosso paiz não inutilizam ninguém, poz á margem, para sempre, a figura mais bella, mais intelligente, mais util e mais venerável do corpo legislativo paulista.

Ha cerca de quatro annos, um pugillo de moços das escolas superiores, auxiliado por grande parte da imprensa, tentou, numa campanha tão enérgica e vivaz quanto brilhante e generosa, reconduzir o velho servidor da sociedade ao galarim senatorial. Tudo impunha a VictoriaJ só não o impunham os donos da situação, e esse homem que consumiu cincoenta annos de sua vida a lutar pelos interesses geraes com um denodo de cavalleiro andante, sem ganancia e sem macula, conseguiu apenas uma formidável derrota.

Sorriu. E não pensou mais nisso. Pensou apenas em descobrir novas causas a que dedicasse os últimos dias de sua vida. E descobriu-as. E lutou ainda.

Quem o via passar pelas ruas de S. Paulo, franzino, curvado, abstracto, com o seu velho chapéu de copa alta e o guarda-chuva suspenso do braço, olhava-o com respeito e carinho, seguia-lhe os passos, e mandava-lhe de longe uma saudação commovida. . . Foi essa a única forma de'



homenagem que elle colheu, sem o saber, nos últimos annos de sua existência tempestuosa, através da cidade de que era uma reliquia e uma gloria.

Amadeu Amaral.

("Gazeta de Noticias", domingo).

FEORES DO LATIO

(Sobre a uniformidade orthographica)

A uniformidade orthographica, um problema interessantissimo que agora se agita nos dous paizes que herdaram dos barbaros latinos essa agreste flôr de perfume e de saudade, que é o encanto mais difficil do nosso pensamento, vem suggerirme a mim, entre os que discutem sabiamente razões falsas e verdadeiras, comentarios que levarei pelo terreno das cousas simples e puras, sem os fundamentos da erudição desgraciosa.

Não me enfileiro aos que, por vaidade mal disfarçada, por simples vaidade, e talvez por snobismo, affectam desdem e indifferença por essas questões. Elias têm, façam-lhes esta homenagem, um traço de saudáveis manifestações de intelligencia.

Ha no seu interior um friso de encanto, que não escapará á argúcia de um que outro mais enlevado nesses assumptos de gravidade interessante.

Um dos heróes recentemente glorificados na façanha de arriscada travessia por esses mesmos oceanos, que ha millenios' fizeram a gloria de seus avoengos illustres, tomou a hombros a incumbência de alarmar os contemporâneos das duas patrias, denunciando o chãos orthographico, a verdadeira algaravia em que se debate o idioma nacional. Deante do appello, houve um intenso rumor. E já o noticiário do dia ventitou, com a possível oportunidade, o facto palpitante, chamando a attenção das competências para o caso da espantosa differença do linguaajar dos povos que receberam o amalgama dos dialectos barbaros.

A' margem dessa questão procurarei traçar aqui, com as vantagens que me são asseguradas pela falta de autoridade e pelo excesso de idealismo sadio e

descuidado, minhas atribulações sobre o assumpto, discrepante da maioria que julga as cousas pelo numero e tradição, sem' attender a esses outros factores do tempo, que são, em geral, os melhores mestres da Vida. . .

Não é, por certo, uma lembrança feliz essa de estabelecer-se uma commissão mixta de autoridades portuguezas e brasileiras, philologos e glottologos, para se proceder á uniformidade orthographica. Essa uniformidade não pôde ser commum, em se tratando de Brasil e Portugal, onde o mesmo idioma já apresenta modificações tão sensiveis na estrutura, que retrogrado fôra tentar a algema a pulsos que se libertam.

A systematisação possível tem de ser feita, entre nós, a meu ver, para que não tenhamos de assistir a esse espectáculo de permanente duvida e controvérsia, que se observa desde as elites ás classes menos cultas, cousa assim mesmo explicável em uma lingua que está adquirindo, pels influencias regionaes, sua emancipação relativa.

O sr. João Ribeiro, cujas aspirações no assumpto reflectem uma juventude sempre encantadora, diz-nos em paginas de um de seus últimos volumes cousas jovicias nesse sentido. Para elle, a nossa grammatica não pôde ser inteiramente a mesma dos portuguezes. As differenciações regionaes reclamam estylo e methodo diversos. E verdade seja que, procurando adaptarmo-nos a exigencias de falsas correções, não estamos senão, effectivamente, a mutilar idéas e sentimentos que já ganharam cunho de personalidade. "Já não é a lingua, que apuramos, é o nosso espirito que sujeitamos a servilismo inexplicável".

Fallar differentemente não é fallar errado. Aqui não ha razão de ser do axioma geometrico, que condemna uma cousa para approvar outra.

A physiognomia dos filhos não é a aberração teratologica da physiognomia paterna, observa ainda o jovial autor. E estou com as suas conclusões.

Pretender-se neste momento em que se accentuam as tendencias para a elaboração de um idioma infinitamente mais bello pela sonoridade dos contrastes que-

a natureza apresenta, comprimir es^as aspirações, tentando uniformisar aquillo que se não bastou a si mesmo nos limites das regras estabelecidas, seria de artificiosa e enganadora illusão, de engenho frágil e inútil.

O idioma cujo primeiro veio despontou na palavra rude e vacillante daquelles bisonhos habitantes das margens do Iberus, para depois receber o baptismo dos celtas, dos vascos, dos biscainhos, e confundir-se no destino dos últimos romanos, transplantando das galéras lusas para a expressão da alma americana, ganhou entre nós matizes tão pronunciados, fôrmas tão abundantes e generosas, suavidade tão expressiva, que ao Sr. Julio Dantas se afigurou certa vez, ouvindo um dos sonetos de Bilac, por este declamado na Academia Real de Sciencias de Iyisboa, estar a ouvir uma nova lingua estranha, que lhe parecesse mais formosa pela sonoridade mais bella pelos rytmos e inflexões, mais elegante por essa angustiada expressão com que o choregéta helleno tahlou a dansa dos mármores no "Tarde".

E' que o nosso poeta soube comprehender nos versos que dedicara ao esplendor de seu idioma, essa extensão da <lifferença, quando fallou no "viço agreste e o aroma de virgens selvas e do oceano largo".

Evidentemente, por mais que se ve-xem os doutos da tradição colonial, estamos a aspirar novos perfumes e estamos a sentir novos encantos puramente nossos, desde esse fascinante erro de anteposição pronominal, que alguém verificou como uma consequência da corrente archaica que extirpou da lingua todos os •exdruxulos e a maioria das palavras da-

ctylicas do italiano e do latim, até á victoria do americanismo sobre a falsa dominação da lingua mater.

Está hoje definitivamente provado que ás differenças de timbre tão accentuadas respondem outras differenças fundamen-no idioma commum aos dous paizes cortaes que por isso só justificariam ser um absurdo estabelecer-se uma corrente única para nella asphyxiar as indomais forças de reacção.

Nada importa que tenhamos entre nós partidarios dessa tendencia atrophiadora, predisposta a galvanisar as expressões que nasceram sem o paranympo indispensável das tradições classicas, quando é certo que ainda no século XVII já um dos nossos poetas mais característicos aquelle por signal cuja malicia constituiu um puro manancial do tempo, arrancava do agreste sabor das vozes primitivas recursos aos seus encantos lyricos e á sua atrabilis ferina.

A uniformidade orthographica que me parece recommendavel é aquella que se tenha de fazer cada qual na sua esphera, não a que procure systematisar por submissões inexplicáveis.

Valha-me ainda, por finalizar estes levíssimos commentarios, feitos sem o azedume da sabedoria irritada, a expressão feliz de que, "normalmente, dous seres não realizam a sua própria evolução, agarrados como xyphopagos, um ás carnes do outro."

Nós temos de realizar, certamente, o nosso destino á face da terra.

Este destino é bello e é heroico.

O nosso idioma seguirá o nosso destino.

Oswaldo Orico.

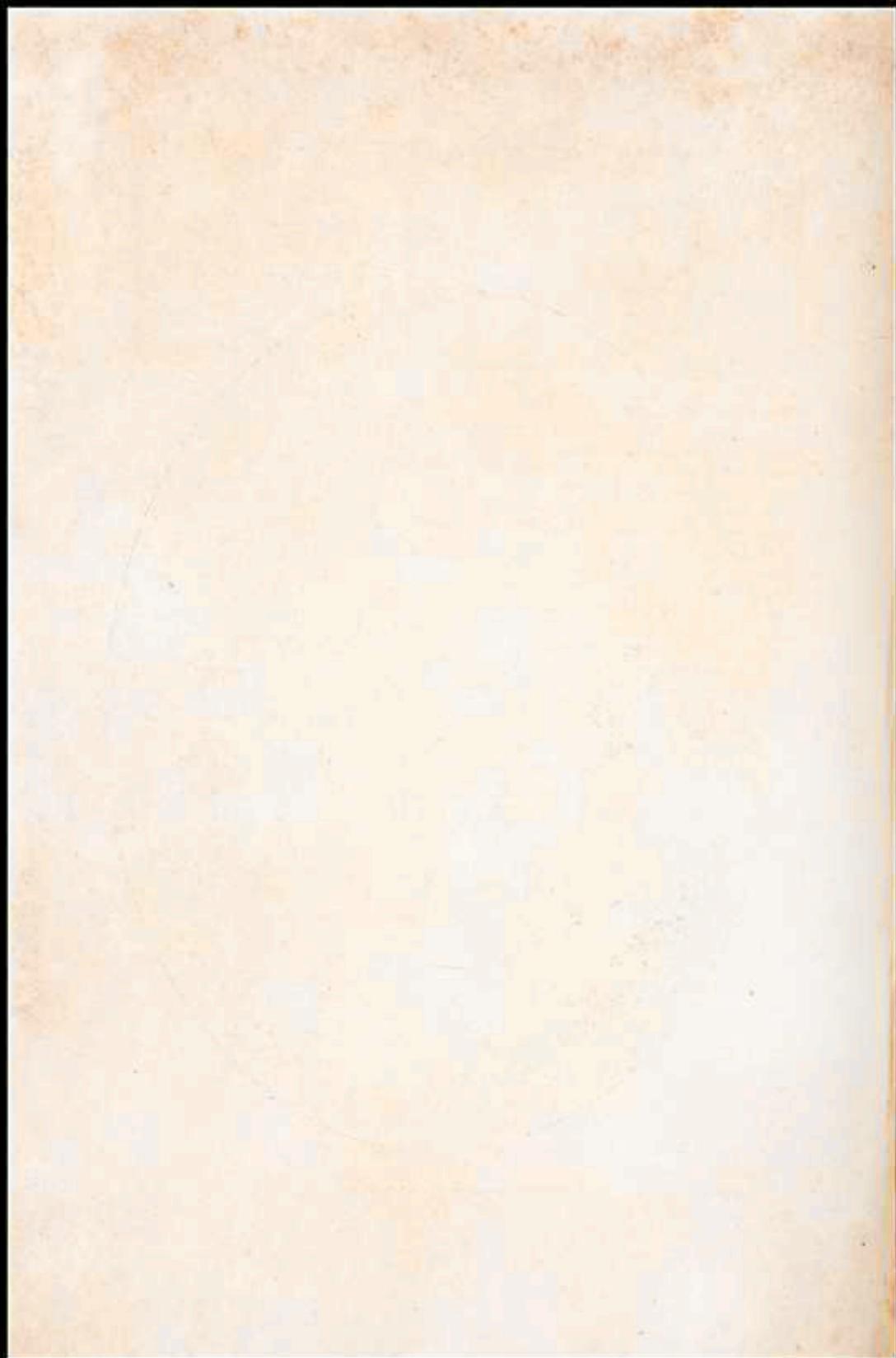
("Jornal do Brasil").



GALERIA DOS EDITADOS



RAUL POLILLO
autor de "Dansa do Fogo"





DEBATES E PESQUIZAS

RONALD DE CARVALHO

Ronald de Carvalho, que durante cerca de um anno, foi um dos directores desta Revista, acaba de ser convidado pelo governo do México para realizar conferencias nesse paiz.

O México, que já foi o victorioso na nossa Exposição do Centenario, presta deste modo uma honrosa homenagem a um dos mais vigorosos e brilhantes talentos da moderna geração brasileira.

A grande republica latina da America do Norte, com o mais fino tracto e a mais clara comprehensão, soube assim evitar o exotico desfile das nossas missões officiaes, que são apenas custosas exhibições da mediocridade da politica, da diplomacia e do jornalismo, e refugio dos anêmicos moços bonitos que não podem viajar a custa própria. Ronald irá ao México como legitimo representante da nossa mocidade culta e adeantada; será — sem as credenciaes do officialismo — o verdadeiro embaixador do Brasil novo e intelligente.

E' com grande prazer e orgulho que os seus amigos e admiradores da "Revista do Brasil" aqui registram a gratissima noticia.

ACADEMIA BRASILEIRA

DE LETRAS

Concurso sobre o melhor modo de divulgar o ensino primário no Brasil. — Premio de 10:000\$000 (dez contos de réis).

Art. 1.º — Fica aberta, até 30 de Junho de 1923, a inscripção dos concorrentes ao premio acima.

Art. 2.º — As obras apresentadas serão monographicas sobre o melhor modo de divulgar o ensino primário no Brasil.

NOTA — Fica bem entendido que não se trata de livros didácticos sobre qualquer dos ramos do ensino primário e, sim, de exposiçõ de meios adequados para que o referido ensino se possa diffundir o mais rapida e efficazmente possivel.

Art. 3.º — As monographias deverão ser entregues á Academia, em três exemplares idênticos, impressos ou dactylographados, acompanhados de carta do seu autor, declarando que é candidato ao premio.

Art. 4.º — As monographias pôdem ser de qualquer época, deste anno ou de annos anteriores, e os seus autores de qualquer nacionalidade, contanto que as escrevam em portuguez.

Art. 5.º — Os autores podem imprimir ou dactylographar as suas monographias com seus proprios nomes ou pseudonymos. Neste ultimo caso, o concorrente provará a autoria da obra, para poder receber a importancia do premio.

Art. 6.º — Na primeira sessão depois de encerrada a inscripção o presidente da Academia designará tres académicos especialmente incumbidos de dar parecer sobre as monographias apresentadas. Esse parecer será votado em plenário.

Art. 7.º — A entrega do premio será feita em sessão solemne, que fór designada pela directoria.

Art. 8.º — Este edital será publicado no "Diário Official", na "Revista da Academia" e nos jornaes de maior circulação.

Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1922.

(o) — *J. M. Goulart de Andrade*,
1.º Secretario

SUBMARINO "VERSUS" DREADNOUGHT

A principal difficuldade do problema da defesa naval do Brasil existe nas limitações impostas pelo lado financeiro da questão, o que exige o melhor aproveitamento possível dos recursos em mão, de modo que a distribuição da verba disponível para material fluetuante (de combate e auxiliar), bases de operações, ponto de apoio, arsenaes e escolas seja feita a garantir, senão a defesa completa e segura de todos os pontos da nossa vasta costa, pelo menos a maior e melhor esquadra de combate da America do Sul.

Infelizmente, tal é a divergencia entre os technicos a respeito do typo de navio mais conveniente á defesa do paiz, isto apesar dos exemplos historicos de mais de um século, que vemos constantemente officiaes de incontestável mérito tomarem o partido de certa arma com a exclusão quasi completa de todas as outras, umas vezes contrariando ensinamentos de historia naval e outras vezes procurando applicar ás nossas condições casos especiaes,

sem as alterações exigidas pela mudança de panorama.

Quando em maio de 1914 o almirante sir Percy Scott condemnou o navio do typo *dreadnought* a desapparecimento certo sob a ameaça do submarino, que elle previa dos maiores movimentos estratégicos e golpes tácticos, poucos antecipavam que em alguns mezes o mundo seria theatro de uma guerra de mais de quatro annos.

No mundo naval, em geral, a impressão deixada pelas asserções de tão illustre almirante foi semelhante á causada pelo apparecimento do torpedo de lança, primeiro, e do pequeno torpedeiro armado com torpedos Whitehead, de quarenta annos atrás; então, como agora, o couraçado era, para muitos, um typo de navio em liquidação.

Hoje, como ha quarenta annos atrás, os adeptos do navio de combate tratam de encontrar novos meios de defesa contra o torpedo, e, todos os elementos considerados, não nos parece que a ameaça actual seja muito maior do que a do torpedo de lança ou pequeno torpedeiro.

Nenhuma guerra passada apresentou e certamente nenhuma outra combinação de belligerantes apresentará, no futuro, condições mais favoraveis ao emprego do submarino e ao uso das minas, respectivamente como armas de ataque e defesa, do que a grande guerra.

Durante quatro annos a Inglaterra manteve um serviço continuo de patrulhamento e levou a cabo todas as operações militares em que o apoio da esquadra é necessário; a influencia dos submarinos allemães sobre as operações de guerra foi insignificante ou mesmo nulla, e, entretanto, as proximidades entre as bases de operações inimigas, as condições muitas vezes extraordinariamente favoraveis de tempo, as noites longas dos invernos representavam condições que não se encontrarão reunidas em qualquer outra combinação.

Conhecidas estas condições e conhecidas em linhas geraes as proezas dos submarinos, já é tempo para avaliarmos do valor desse navio como arma de ataque.

Para isso devemos analysar:

1.º — Se as condições em que se deram os ataques, com ou sem successo,

apresentaram variantes que se devem repetir necessariamente em operações futuras ou são antes perfeitamente evitáveis;

2.º — Se o campo de operações, bem como as condições estratégicas ou táticas dos belligerantes, deixam prever em guerras futuras um aproveitamento mais favorável ou desfavorável do submarino;

3.º — Não precisamos historiar os casos de ataques bem sucedidos de submarinos contra navios de guerra para que o leitor se lembre que todos apresentaram característicos favoráveis não encontráveis, provavelmente, em operações futuros belligerantes, deixam prever em guerras vindouras o uso de navios propositalmente suspeitos, estacionados nas proximidades dos submarinos, com o fim de attrair os cruzadores inimigos para a zona em que devem ser destruídos.

Não será em todas as guerras que um dos belligerantes será obrigado a manter serviço continuo de patrulhas e escolta, navegando vagarosamente na mesma zona, durante dias, em um mar em que o serviço de espionagem era relativamente fácil, de modo que submarinos, pairando em pontos convenientemente escolhidos, podiam esperar a presa e a occasião mais favorável para o ataque. Todos os casos em que os ataques de submarinos foram bem succedidos estão comprehendidos aqui.

Por outro lado, a acção de Heligolandia nos últimos dias de agosto de 1914, o encontro naval de Doger Bank, no dia 24 de janeiro de 1915, e a batalha naval da Jutlandia, no dia 31 de maio de 1916, apresentam exemplos typicos das possibilidades dos submarinos em verdadeiros combates navaes. Em todos elles foi notada a presença de submarinos em grande numero, e no encontro de Heligolandia, vasto campo de minas impunha grandes restrições ás manobras dos navios maiores, facilitando o ataque dos submarinos. Nesses tres combates tomaram parte muitos navios de linha, e entre elles, alguns cruzadores de combate. Durante muito tempo, estiveram esses navios embaralhados em combate terrível de artilheria, e, em alguns minutos, navios como o *Queen Mary* foram destruídos pelo canhão, mas ha certeza de que nos dois primeiros encontros nenhum navio foi destruído por

submarino. E' verdade que, na segunda phase do combate da Jutlandia, quando a esquadra allemã fugia perseguida pelos cruzadores rápidos e *destroyers* inglezes, diversos navios foram destruídos por torpedo, mas ha todos os motivos para accitar como positivamente certo que nenhum desses torpedos foi lançado por submarino.

Os factos dizem-nos que, somente em condições especiaes e contra navios no serviço de patrulha, o submarino é uma arma terrível, tornando muito difficil, mesmo quasi impossivel, o bloqueio continuo e proximo de qualquer porto militar.

No ataque contra navios em operações militares, quando navegando com velocidade elevada, e durante combates navaes, elle é quasi sempre inoffensivo nas condições actuaes, não apresentando a ameaça de que tanto falavam, antes da guerra, alguns adeptos.

No ataque contra portos militares, no intuito de atacar navios ali abrigados, os submarinos alcançaram resultados que estão longe da asserção de sir. Percy Scott, de que "nenhum navio estaria seguro mesmo nas bases de operação", e os casos de successo representam excepções de percentagem diminuta.

As operações conhecidas apenas representam uma percentagem minima das operações realmente empreendidas, as innumeradas tentativas frustadas, representando esforço colossal, que não appareceu, mas que deve ser considerado, se quizermos conhecer realmente o verdadeiro valor do submarino.

Como dissemos anteriormente, as condições da grande guerra foram absolutamente idéas para o emprego do submarino, desde que é impossivel encontrar melhor campo de operações para esses navios do que o mar do Norte, e não existia, para a Allemanha, melhor solução do que o emprego máximo do submarino como arma offensiva, procurando obter o equilibrio material, pela destruição de algumas unidades da esquadra ingleza, principalmente quando estas unidades, devido ao bloqueio da Allemanha, estavam facilmente sujeitas aos ataques dos submarinos, ataques tanto mais fáceis quanto a pouca distancia das bases de operações punha de lado a questão do raio de acção.

Assim, a ultima guerra apresentou, no que diz respeito ás operações dos submarinos, condições favoraveis maximas que devem ser consideradas e pesadas convenientemente quando se tratar de uma analyse geral.

No que acabamos de expor vimos o quanto o submarino foi incapaz de garantir a um belligerante, mesmo nas condições especiaes da Allemanha, senão o dominio do mar, pelos menos certa liberdade de movimentos.

Quando passarmos das poucas milhas da costa allemã do mar do Norte para os milhares de milhas da nossa costa, veremos que sômente quem ainda não olhou para os innumerados pontos da costa do Brasil requerendo defesa, sômente quem ainda não calculou o numero de submarinos e o exame de minas necessarias á defesa efficiente dos nossos pontos estratégicos, sômente quem ainda não pensou que submarinos e campos de minas têm atrás de si uma aparelhagem colossal, poderá pensar ser mais economico defender o Brasil de ataque extremo com esses elementos que com a construcção dos navios de combate necessários a dar ao nosso paiz o primeiro logar como potencia naval sul-americana, logar que lhe compete de direito.

Quando dizemos navios de combate não nos referimos sômente ao *dreadnought*, mas a todos os outros typos de navios necessários a permittir a execução do programma strategico em vista. Todos os elementos navaes são absolutamente necessários á execução desse programma, e, assim como seria absurdo querer garantir a integridade do Brasil com algumas dezenas de submarinos e outras dezenas de milhares de minas, não seria possível pensar em cumprir um programma naval apenas com navios do typto *dreadnought* ou de qualquer typto.

Para as nações ricas, o programma naval é estabelecido de accordo com a politica naval e o paiz convidado a fazê-lo; para nós, pensamos ser melhor estabelecer uma defesa razoavel e distribuil-a pelos navios capazes de nos garantirem a paz e o socego diplomáticos que representam a razão de ser do armamento no

caso de uma nação absolutamente pacifica como é o Brasil.

Nas condições actuaes, pensamos poder gastar 10 milhões de libras a serem pagas em dois ou tres annos, com o cambio provavelmente acima de 112, isto é, réis 200.000:000\$000. Com esta quantia o Brasil poderia mandar construir immediatamente:

Um couraçado de 33.000 toneladas com oito canhões de 16 pollegadas;

Dez *destroyers* de 1.300 toneladas;

Dois *destroyers-leaders* de 2.500 toneladas;

Dez submarinos de 900 | 1.200 toneladas;

40 caça-submarinos a motor, com velocidade de 42 *knots*;

40 hydroplanos;

6 navios para o serviço de minagem.

Todos os elementos necessários a guerra de superficie, submarina e aerea estão representados nesse programma que, adicionados ás unidades que possuimos, virão garantir o poder naval exigido pela nossa posição de primeira nação da America do Sul.

EDMUNDO RODRIGUES PEREIRA
engenheiro naval.

("O Pais")

A PROPOSITO DA RELATIVIDADE

Tentemos referir, tão simplesmente quanto possível, um dos novos pontos da theoria de Einstein. A sciencia visa dar ao homem uma correcta percepção do Universo. Procura auxiliá-lo a ver claramente o mundo em que vive.

Para isto é indispensável uma idéa perfeita da dimensão das coisas.

Para o homem primitivo a medida de distancia entre dois pontos era provavelmente o esforço physico: sua fadiga. Cansava-se mais para ir á margem do rio, que á orla da floresta? Concluía então que a distancia da caverna ao rio era maior que á floresta.

Vemos facilmente quão inadequada era tal unidade de medida.

Necessitando medir a terra o homem deu mais um passo — o uso de uma uni-



dade official. Esta medida pôde ter sido o pé do rei, e, mais tarde, uma vara igual em comprimento á usada pelo rei.

Quando o primeiro homem verificou que tal vara cabia dez vezes no comprimento de seu campo, e dez vezes no campo vizinho, concluiu que os dois campos eram eguaes.

Este methodo deu origem a um postulado: duas coisas eguaes a uma terceira são eguaes entre si.

Tal postulado é, naturalmente, o resultado da experiencia.

E' uma "verdade evidente", a que os géometras chamam axioma. Este axioma é a base da geometria desenvolvida por Euclides e seus successores, com a qual temos medido as coisas desde o principio da sciencia.

Com o tempo e a necessidade de medidas mais acuradas, a vara de madeira foi substituída pela barra de platina iridiada, preservada em Paris, denominada metro estalão.

Não obstante, continuávamos medindo com a geometria de Euclides. Assim mediamos ainda as coisas na terra e fóra da terra. Então — surgiu Einstein. Isto em 1905.

Os cientistas estavam nessa época aturdidos com a famosa experiencia de Michelson-Morley. De accordo com as leis physicas essa experiencia deveria ter mostrado uma certa coisa. Comtudo, obstinadamente, persistiu em mogtrar uma outra coisa. A sciencia estava perdendo a cabeça, arrancando os cabellos.

Einstein encarou a questão e descobriu o busillis. O engano estava na medição. As medidas applicadas eram, naturalmente, as de Euclides. Einstein comprehendeu que ellas não estavam adequadas ao caso; não eram sufficientemente precisas.

E assim o disse.

Imagine o leitor se um cidadão se dirigisse ao homem primitivo e lhe dissesse: "Oh bobo, seu systema de medir as distancias pela fadiga é uma grande tolice."

Pois Einstein fez coisa semelhante. Dirigiu-se ao homem moderno, tomou-lhe a mão carinhosamente e disse: "Oh Flor da Sciencia de Todas as Edades! Esse sys-

tema de medir todas as coisas com a geometria de Euclides é improficuo. Sua unidade métrica é inadequada. Serve apenas para medir as coisas na terra. Torna-se porém absurda quando V., no espaço, tenta medir o Universo".

Certamente pediram-lhe o *porque*.

"Porque", respondeu elle, "sua geometria, passando para o espaço, não conta o tempo. Uma régua, por exemplo, occupa espaço e tempo. Quando deixa de existir, isto é, quando cessa de occupar tempo, deixa de occupar espaço. Mas enquanto existe occupa espaço e tempo".

"Mas", disseram outros, "até hoje temos medido tudo, e bem, com as nossas medidas".

"Porque", veiu a resposta lógica, "Vs. têm medido coisas na terra. A geometria de Euclides falha quando tenta medir no espaço e no minusculo mundo do átomo. Para isso é indispensável uma medida que contenha em si espaço e tempo".

E Einstein lembrou-se então de applicar ao caso uma medida que medisse tempo e espaço.

A geometria de Euclides concernia apenas ás tres dimensões — comprimento, largura e altura

Na de Einstein (como na de Sophus Rie e outros géometras), ocorre uma, quarta dimensão — o tempo.

E o problema de Michelson-Morley, o escandalo da sciencia, com a applicação da medida magica de Einstein, medida que em si contem espaço e tempo, foi resolvido.

Einstein passou então a computar a orbita de Mercúrio.

A respeito deste planeta havia outro escandalo scientifico.

Segundo todos os cálculos, (com a geometria Euclidiana, é claro), sua orbita devia ser tal e tal.

Não obstante, insistia elle em percorrer uma orbita que não era precisamente tal e tal.

Einstein re-calculou qual deveria ser a orbita, usando a nova medida.

E assim verificou que a orbita de Mercúrio devia ser — justamente o que é.

Einstein obteve com isto a sua segunda victoria.

Tentou então uma prophecia. "Se essa



medida é correcta", disse elle, "a luz, ao passar por um corpo em campo de gravitação, curva-se ao approximar-se desse corpo".

Dois annos mais tarde, um eclipse do sol deu aos astrônomos ensejo de verificarem se Einstein tinha razão. E, na verdade, observaram que a luz das estrelas curvou-se ao passar pelo sol em eclipse.

A theoria de Einstein foi mais uma vez victoriosa.

OSWALDO SERPA.

("A. B. C.")

ASPECTOS MINEIROS

A natureza fez o homem caçador e nômade, mas a civilização, embora outorgando-lhe em suas cartas fundamentaes illimitada faculdade "eundi et transeudi", circumscreveu-lhe o "habijtat" em acanhados limites. A organização social apresenta em seu conjuncto o aspecto de um mosaico, onde cada um de nós figura de singelo ladrilho, comprimido entre os demais ladrilhos.

Vão longe os tempos de nomadismo e da verdadeira liberdade, a outra, que não vem em cartas constitucionaes. Livres não serão ainda aquelles que a profissão força a errar, porque, premidos uns pelas exigencias do itinerário, que é mister perfazer em peiroados fataes, enleados outros pelas voltas constrictoras de um regulamento inexorável, como que levam comsigo, onde quer que vagueiem, a sua escravidão. Viajam enjaulados, como as fêras dum circo, sem a quietação dalma, a indolência feliz de nossos pre-avós selvagens, que, onde entendessem, acampavam, sem preocupações pelo dia de amanhã. Involuntários anachoretas, somos os sentenciados da immobildade. Por isso é que, quando nossos olhos contemplativos seguem no azul o vôo duma ave, tripudia dentro em nós, em ancia insofrida, o desejo de devorar o espaço a vôo solto e de também singrar na altura, pa-«a longe, ainda mais longe.

Tal aneio recalcado é que empresta maior encanto ás narrativas de viagens.

Nossa imaginação vae no sulco aberto pelas palavras do autor, acompanha-o

em seu percurso; move-nos a mesma emoção, possuem-nos os mesmos temores e deslumbramentos, de tal arte, que, ao cabo da viagem, é como se também houvéssemos jornadaado um pouquinho, nas terras cujo relato o livro deu.

Não preciso ir, como Julio Verne, ao cabo do mundo, para fruir sensações identicas. Mesmo proximo a nós ha maravilhas que encantem o espirito.

Em suas excursões pelo estado de Minas, publicadas nos dois volumes das "Memorias Chorographicas", mais uma vez o sr. Alvaro da Silveira nos convence dessa verdade. Se apreciamos o alpinismo europeu, Monte Branco acima, a atolar-nos na neve, o autor faz-nos sentir que pode haver prazer na ascenção ao nosso Itatiaya e Pico da Bandeira. Lá esteve e levou-nos também. A subida é difficil, principalmente nas Agulhas Negras. Palpita-nos o coração lances arriscados a vencer o "Boqueirão do Inferno", equilibrando-nos em pequenas arestas sobre o abysmo; e ao attingir, alliviados, o cimo, sentimo-nos desoppressos e possuidores da volúpia de sobrepairar na altura, sobraçando um largo trato de mundo. Já essas vertiginosas sensações não nos proporcionam o Pico da Bandeira, mais accessivel, que, recentemente, desthronando o Itatiaya, foi sagrado rei das altitudes, no Brasil. A prioridade dessa deaícoberta, reivindicada para si o illustrado scientista, autor destas "Memorias".

O sr. Alvaro da Silveira é amavel companheiro de viagem. Em sua proximidade, não se conhece a monotonia. Se ha pouco demandavamos a altura, eis-nos agora, inversamente, a mergulhar nas entranhas da terra. Estamos nas grutas do Maquinê, do Bahu' e na Lapinha. Empunhando archotes, que abrem nas trévas rasgões de luz, contemplamos o interior fantastico. São salões que se succedem, corredores que se bifurcam. Aqui, um renque de columnatas alvacentas de calcareo, dá-nos a illusão de estarmos num palacio de fadas. A voz reboa estranhamente, como se um deus invisivel nos respondesse do bojo negro da terra, cuja profundidade, em certo ponto, sonda alguma alcançou, e onde o gaz carbonico, como na celebre gruta de Nápoles, ira-

possibilita a descida. E ahi nas trevas, sombra digna da majestade millennaria delias, o narrador evoca o sábio I,und. I,und, que começou a desvendar os arcanos de nossas grutas calcareas, e que exportou para a Dinamarca preciosas reliquias de nosso passado. Com referencia a certo salão que attingimos, diz o autor.

"Neste lugar é que se diz ter Lund encontrado muitas das ossadas que a gruta guardava como reliquias preciosas do passado e que hoje, em vez de estarem enriquecendo as colleções de nossos museus, ministrando informações sobre a historia do nosso paiz, figuram em mostrários scientificos de Copenhague. . ."

"I,und, porém, não retirou, evidentemente, tudo o que ficou conservado nas grutas sob a forma fóssil e muita coisa interessante haverá nellas que ainda poderia constituir objecto de admiração de scientists e visitantes de museus, bastando para isso que houvesse quem intentasse continuar os trabalhos do saio dinamarquez".

Como o proprio I,und o affirmara, as suas explorações nas cavernas representavam apenas o inicio de um trabalho que ciê esperava tosse continuado por algum brasileiro que tivesse amor ao estudo e vontade de contribuir para o conhecimento tão util e curioso dos representantes da fauna existente, ha séculos passados, na região das grutas do rio das Velhas. Infelizmente, não appareceu esse continuador da obra de I,und, e nem ao menos quem tenha mostrado uma vocação, mesmo pequena, para reunir dados sobre a espeleologia do nosso paiz, que, neste ponto de vista, tanta novidade naturalmente ainda encerra".

E' de entristecer. . .

Mas, desse ambiente prehistorico, em cuja sombra estão como emboscadas as grandes bestas ante-diluvianas, sahimos agora para outro scenario.

E' uma caçada de onças. Parte um grupo de caçadores no enalço do cangussu' que lhes ronda a barraca. Projectando um grande salto entre duas arestas de rocha, o cangussú escapa-lhes.

Agora o viajante despreoccupado cedeu logar ao homem pratico. Não do pratico ronceiro, consoante a má significação commum do termo, mas do que devassa as

possibilidades da natureza com a penetrante visão do homem da sciencia. Fala-nos sobre o manná mineiro, o gypse mineiro, o manganez e outras produções mineiras. Discute agora o problema zebú, o da abundancia de aguas em correlação com a existencia das matas. Esteja ou não seu modo de pensar em accôrdo com as verdades acceitas, o autor lança sua opinião pessoal, baseada em observação pessoal, no tapete da discussão. Se está errada, discutam-na e refutem-na, com observações melhores. Se não o fizerem elle se aterá de preferencia áquillo que observou.

Sua imaginação é viva; por isso ás vezes de um thema commum, seu espirito fa7 brotar um arrojio de hypothese.

Assim, da observação comezinha, feita em curtas zonas, como na serra do Cipó e na bacia do rio Doce, de que, depois de roçada e queimada uma capoeira ou uma mata virgem, nascem espontaneamente a mamoeira ("Ricinus communis") e o mamoeiro ("Carica papaya"), elle observa que, para que tal succeda, é mister que a semente tenha existido na terra desde uma época anterior á formação dessas capoeiras e matas. Desde quantos annos? Uma capoeira leva de 15 a 25 annos a refazer-se, portanto, certas sementes ficaram na terra, sem germinar, todo esse tempo. E o caso da mata virgem? Aqui esses números são centuplicados. Ouçamos o autor:

"Tendo em vista as dimensões do tronco, Martins calculou em 4.100 annos a idade de uma arvore gigantesca do valle do Amazonas.

"Alguns baobabs da Senegambia teriam, em 1749, segundo cálculos nessa data feitos por Adamson, 6.000 annos de idade".

"Tomando por base também o tronco de certas arvores — jequitibás e perobas, por exemplo, existentes e abundantes nas florestas virgens do rio Doce, não se errará muito calculando a sua idade pelo menos em 3.000 annos; e, como essas arvores viveram, quando novas, em meio dos mamoaes que as precederam, pôde-se calcular também em 3.000 annos o tempo decorrido desde a extincção da "Carica paraya" até o presente".

"Ficaram, pois as sementes do mamoei-



ro conservadas na terra durante todo esse longo período, até que a derrubada, restabelecendo as condições de meio necessárias á vida da planta, permittiram que ellas germinassem e iniciassem o novo cyclo vegetativo."

"Esse exemplo da semente da "Carica Papaya" vem provar ainda uma vez o facto já conhecido de poder um germen conservar as suas propriedades vitales perfeitamente durante millennios.

Uma pequena semente retirada de dentro de uma múmia egypcia pelo professor Wobroth e cuja idade foi avaliada em 4.000 annos, germinou perfeitamente, produzindo flores % actualmente desconhecidas.

Sementes de trigo encontradas em sarcophagos de 2.000 annos, também têm germinado muito bem, uma vez collocadas em condições a isso favoraveis."

Conclue pondo em paralelo a semente e o radium, como reservatórios de inextinguivel energia:

"O radium pôde produzir indefinidamente, sem perda apparente, força, calor, e luz; a semente cae em entorpecimento durante tempo até aqui illimitado, sem perder a faculdade, de, quando despertada, cumprir a missão que lhe incumbe, isto é, de continuar a vida que ella recebera de seus antepassados.

"Radium e semente desempenham, bem se vê, papeis bem semelhantes — esta, uma fonte perenne da vida vegetal; aquelle um reservatório inesgotável de força e talvez mesmo de vida."

O thema agora varia. Entretem-nos com figuras e historias tradicionaes. Aqui um curandeiro José, entendido em garrafadas que o povo sagra santo e baptisa de São José, o qual, para esquivar-se á canonisação a "muque", se vê obrigado a arrumar a trouxa e sumir. Depois a historia sinistra do coronel Ambrosio, que fazia grande empenho em que fossem o mais animados possivel os folguedos no dia do casamento de sua pupilla Diana. Mas ao viajarem com os noivos para o povoado, em demanda da igreja, o coronel subitamente empallidece na sella. Vacilla-

lhe o corpo. Correm a amparal-o, mas dahi a instantes está morto. E, como respeito posthumo ao desejo do finado, adiam o luto para o dia immediato. Naquelle realisa-se o casamento e a festa. E, conviva sinistra das estranhas bodas, a tudo fazem o cadaver "assistir" sentado numa cadeira, livido e hirto, como formalizado para uma grande foelnnidade.

Terminadas as festas, transforma-se subitamente o salão do baile em cambra mortuaria, e só então borbota o pranto dos olhos de todos.

O outro episodio doloroso, na serra do Espinhaço, envolto no sudário branco da "corrubiana".

Demos a palavra ao autor, para referir-nos a scena dantesca:

"Em cima da Serra das Bandeirinhas só ha um morador, o sr. Antonio Martins, cuja casa, situada a 1.436 metros de altitude, abrigou-me durante 4 dias, em que permaneci na parte alta da montanha.

O clima frio da serra, é o mais saudavel possivel, apesar dos nevoeiros densos que commumente ahi existem.

Chama-se "corrubiána" essa cerração que ás vezes vem inesperadamente e constitue para os proprios moradores locais ura verdadeiro supplicio.

Referiu-me o sr. Antonio Martins vários factos que bem mostravam a razão de serem temidos esses dias de "corrubiána".

Certa vez, ha 8 annos, sahiram de sua casa, com destino ao João Rosa, morador na base léste da serra, Raymunda e 3 filhos pequenos.

Raymunda era conhecedora de todos os recantos da serra e, por isso, ahi andava desassombadamente.

O ceu estava limpo e o dia bellissimo.

Depois de caminhar talvez apenas meia légua, o nevoeiro envolveu a serra, rapidamente, com o seu manto plúmbeo e húmido. O horizonte reduzira-se a um circulo estreito, de alguns poucos metros de diâmetro.

Como orientar-se em um meio dessa especie?

A bússola do caminheiro são os pontos de referencia que elle descobre aqui e



alli; e portanto, desaparecidos estes está elle desnorteadado.

Raymunda, em uma das muitas encruzilhadas do caminho tomou um trilho que conduziu á beira de um despenhadeiro. Desviara-se do caminho, mas era simples voltar á origem da errada.

Caminhara bastante e ainda não havia encontrado o ponto desejado do trilho perdido. Caminhara mais meia hora, mais uma hora, e, apesar disso, ora encontrava um precipício que a ameaçava, ora um monte íngreme que a detinha, ora o campo que parecia illimitado e sem um único marco que lhe indicasse seguir ella o rumo desejado.

A noite se approximava ameaçadoramente e a desventurada caminheira continuava a tactear na semi-escuridão da corrubiana feroz.

As crianças, de tenra idade que eram, trôpegas e com fome, quasi já não supportavam acompanhalla na desesperada contra um inimigo que os martyrisava desapiedadamente.

Percebeu bem depressa que não podia mais, naquelle dia, resistir ao cerco que lhe era dado pela cerração. Supportaria ahí uma noite incommoda, mas no dia seguinte chegaria ao ponto desejado, além da serra. Amanhecera. O dia, como na vespera, era o mesmo algoz que nenhuma esperança de alimento lhe dava. Sahiu todavia, com os filhos em procura de um trilho que os conduzisse fóra daquelle sitio maldito, onde a fome o cansaço torturavam os entes por ella idolatrados. Os insuccessos, porém, se succediam e logo a convenciam de que eram inúteis novas tentativas para livrar-se daquella barbara prisão.

Chegava novamente a noite. Ficaria para o dia seguinte a sua libertação.

Nesse terceiro dia de tortura, porém, o filho menor de 4 annos de idade, succumbiu de inanição.

A mãe desventurada, cambaleante embora, tomou nos braços o querido cadaver e assim fez investidas infructíferas para safar-se daquella cruel situação.

No quarto dia, viu, transida de horror, a filha de 6 annos morrer de fome.

Não podia carregar os dois cadaveres, pois cada vez mais fraco era o seu corpo já quasi exausto.

Desenvolvendo um esforço sobrehumano, cavou, a custo, sob uma lapa, a sepultura que abrigaria para sempre as duas innocentes victimas da cerração.

E a pobre mãe, talvez para salvar a única filha que lhe restava, teve ainda força para abandonar os dois queridos cadaveres e seguir desvairada e sem rumo, á procura de uma esperança naquelle oceano de dôr e desespero.

Dessa suprema investida, sahiram effim victoriosas mãe e filha, pois que no quinto dia de fome e de martyrio, chegaram esqueleticas e semi-mortas á Vargem das Areias, onde encontraram abrigo e alimento".

Volvamos outras paginas. Aqui se trata de inscrições indígenas. Além descrevem-se costumes dos botucudos e purys. Vêm um glossário "pojixta", usos, crençes e lendas locais: a arara de ouro, a lagoa encantada, o caboclo dagua, o ovo das candeias, dansas de um "terno" de congado a tirar cantigas, uma encomendação de defunto a poder de matraca, berra-boi e réco-réco, orchestra infernal, como observa o autor, mais própria a remetter ao Diabo a alma encomendada.

Pelo exposto vê-se que tivemos razão ao affirmar que não possui o autor o defeito da monotonia.

Poder-se-á mesmo estranhar, que matéria tão varia esteja compendiada numa obra única.

Mas comprehende-se que viajar não é apenas vêr relevos topographicos. Inseparável do scenario é seu actor, o homem e ambos se completam.

Assim, como é visto o solo por fóra e por dentro, será mister também conhecer-se o homem externa e internamente, com o seu physico, as suas maleitas, a suas superstições e costume.

Outra razão ha também, e muito pobre; é que, observando como são escasos os dados que possuímos sobre o que é nosso, julgou o autor de seu dever registrar o que viu e ouviu, quer em relação ás terras que andou, como a seus habitadores, tornando assim o seu trabalho um repositório de informações conscienciosas sobre coisas mineiras.

Este livro é, por conseguinte, um depoimento — depoimento honesto e critterioso, accrescentamos, ao qual áá rele-



vo notável a qualidade do autor, que é membro da Academia M. de Letras e engenheiro chefe da Comissão Geographica e Geologica do Estado de Minas.

Tres Pontas, 1922.

GODOFREDO RANGEL.

("O Estado de S. Paulo")

SATURNO

Um lance d'olhos sobre mundos que estão muito acima do nosso pelo peso da sua massa physica, por consequência da sua atmospheria, por que esta participa sempre da natureza daquella, dará ao leitor a importancia de tal assumpto e affirmar-o-á na convicção de que a obra divina não podia cifrar-se á terra.

As suas propriedades são somenos, se attentarmos para as de outros astros que executam as suas respectivas parabolos nos mesmos espaços infinitos, na mesma esphera, a cujas leis todos obedecem, sem discrepância de um só. O fim da creação é a unidade. Da porção fragmentaria esparsa nos espaços sem fim, se pôde deduzir, perfeitamente, uma phase da evolução planetaria, em que todos esses globos que constituem hoje individualidades distinctas, eram a mesma massa amorpha, aparentemente irreduzível, jazendo numa especie de stagnação cósmica, sem ordem, nem disciplina nos seus órgãos vitaes.

A acção do tempo, systematisada em movimentos precisos e tendentes a um fim especifico, é que lhes foi estruturando a massa e reduzindo-a, para que cada fragmento determinado por forças estranhas ao aparelho geral cosmico, se fosse também affeiçãoando a um objectivo geral.

O que se deu com o amalgama fluido, diffundido no espaço, é o que se dá com todo o aggregado, em equilibrio instável. O proprio peso se encarrega de destruir-lhes o equilibrio ficticio e normalisar-lhes a acção individual, pela determinação das orbitas.

Qualquer que seja o aggregado, attingido certo volume, por força que ha de soffrer uma perda mollecular, correspon-

dente ao accrescimo de substancias, occasionado pelo proprio movimento.

A acção do tempo emerge da necessidade mesma de combinações imprevistas, mas necessarias á fragmentação cósmica, solutamente fóra do seu alcance, sejam que se individualisa em grupos infinitos, uns attingidos pelo teloscopio, outros, abquaes forem os progressos da Astronomia.

A obra divina não tem fim, qualquer que seja o ponto de vista em que nos colloquemos.

Ao dar-se a fragmentação no nosso systema planetario, os corpos que dali se originaram, foram differentemente quinhoados, quer no seu volume, quer nas suas orbitas, quer, finalmente, na natureza do fluido que devia constituir-lhes a crosta.

O systema de Saturno, que é o planeta que vae servir ao nosso thema, á distancia de 364.551.600 léguas do centro commum dos orbes planetarios, arrasta, em uma revolução de 30 annos, seu globo magestoso, que excede o nosso de 734 vezes, seus anneis immensos, cujo diâmetro não mede menos de 71.000 léguas e todo um mundo de satellites que abraça no espaço uma extensão circular de mais de 2.600 biliões de léguas quadradas. As estações de Saturno são mais accentuadas que as da Terra e duram cada uma 7 annos e 4 mezes; vêem-se durante longos invernos manchas esbranquiçadas apparecer nos seus poios, como na Terra e em Marte. Seu movimento de rotação se effectua com rapidez prodigiosa, por que a duração de seu dia, assaz semelhante a do dia de Júpiter, não excede de 10h.16m. Esta rapidez produz em seus poios um achatamento considerável (um decimo).

A diversidade que se nota entre as cores das regiões polares e as das regiões equatorias, a magnificência do espectáculo da creação em Saturno, e os caprichos da natureza entre os mysteriosos anneis devem ser para os seus habitantes de um esplendor inequalavel.

Pelo que se pôde observar em Saturno e em Júpiter, no qual se acham reunidas as condições mais favoráveis a existencia, respondem, que baste, quanto o dominio da vida está longe de ser limi-



tado ao pequeno mundo que nos deu o dia.

Os factos revelados pela Astronomia, relativamente a esses dous planetas, põem-nos em condições de estabelecer uma liquer, contanto que acceitemos a regra de que não ha um ponto no espaço que 'ião seja habitado. Os astros não surgem, á tóa, do turbilhão material que envolve os corpos de natureza imponderável á nossa investigação. As capacidades fluidas são meras proporções entre contingentes. O que é fluido para aquella capacidade, torna-se perfeitamente solido para outra, até chegarmos a um ambiente em que se torne impossivel qualquer hypothese razoavel.

A razão pôde ir muito além das considerações suggeridas pelos sentidos. A sua competencia excede de muito ao determinismo em que redundam as experiencias scientificas. Não se limita a extrahir dados do que nos offerece a natureza, nas suas variedades somaticas ou nas suas categorias abstractas, quando estas, apenas, exprimem o valor de induções suscitadas pelo character de cada phenomeno natural.

O que se vê na Terra, ha de por força, se ver, em ponto grande, nos planetas ou astros mais adiantados, e era ponto menor nos também de menores proporções.

O fluido que constitue um é o que constitue o outro. O que os distingue é a sua qualidade, a porcentagem da matéria que acaso revelem. Não ha mais do que essa differenciação. Fluido leve, corpo susceptivel de phenomenos que não se coadunam com o que, porventura, já se ache attingido por elementos perturbadores e hostis.

Km Saturno, como em Júpiter, a vida é mais livre, mais fácil, menos erichada de difficuldades. A nutrição menos custosa; a constituição organica menos exigente; moral mais levantado e intransigente, em relação ás leis que governam os seus respectivos povos. Não ha filial-os a contingências precarias e irreductiveis, nem opprimil-os por sentimentos que não os que se originam de uma indole delicada e incapaz de procedimentos fóra da moral superior que governa todos os mundos que não desceram aos baixos instin-

ctos depredadores, ao commercio das paixões que nos aviltam.

A' medida que se vão condensando as camadas subteis dos astros e que elles vão transformando o movimento em matéria, o character muda, decae. A' medida, porém, que as camadas se desgastam e subtilisam, os sentimentos se apuram, se unificam e congraçam para o mesmo objectivo social.

Mas o que quero é mostrar como a belleza dos phenomenos naturaes se multiplica; como os nossos olhos se deliciasam com o espectáculo dessas diversas naturas mais bem aquinhoadas, mais próximas de effectos, sujeitas a influencias sob a égide já de princípios menos rigidos.

Os panoramas em Saturno, fascinam; são indescriveis. Os anneis que recebem toda a especie de refracção, torna a sua atmosphaera brilhante e colorida, de modo que as suas noites excedem em claridade os dias da Terra.

Estes são também muito mais claros e brilhantes não só pela natureza do ambiente como ainda pela intensidade do fulgor dos seus anneis.

O caracteç das gentes participa daquelle esplendor e grandezza, e a vida, sendo igual á nossa, pelas artes, pelas sciencias, pelas diversões, pelo modo, em summa, de proceder nas suas relações sociaes, vê tudo por tanta maneira augmentado, que se transforma em um quasi paraíso.

Não sei que difficuldade possa haver em se crer na possibilidade de uma existência mais feliz nesses astros, em tudo superiores á Terra. Uma vez que se tenha uma noção exacta da crosta tem-se do ambiente.

Estudadas, a seu turno, as suas condições; verificado o grão ou a sua composição atmospherica, não é difficil concluir da respectiva organização dos' seres que os povoam.

Pelo estado physiologico, seremos naturalmente, conduzidos ao grão de aperfeiçoamento mental, e, portanto, social. O instincto de sociabilidade exige certos meios que concorrem, em tudo, para a nossa vida. Estes são, em geral, o que é o planeta. Onde ha crostas impermeáveis, rudes, de difficil penetração, as lutas são mais intensas, os soffrimentos



maiores, as idéas mais rudimentares, a arte menos perfeita. Porque ha de haver pintores, architectos, esculptores, poetas, médicos, engenheiros, advogados, na Terra, e não nos centros planetarios, mais adiantados? Não comprehendo por que essa relutancia, esse escrupulo em se deduzir a habitabilidade dos mundos, diante do que occorre entre nós? E, quando se a admitta, por que não admittir também todos os seus consecutarios, as consequências, em summa, dessa condição inherente a todos os astros, qualquer que seja a sua categoria? Actualmente, não ha quem a ponha em duvida. Se o meio physico, portanto, é um factor essencial no desenvolvimento intellectual e moral dos povos, claro é que os habitantes de Saturno devem possuir uma intelligencia primorosa, um saber profundo, artes, sciencias, diversões, etc., de um caracter consentâneo com aquelle desenvolvimento.

E' uma inépcia sem nome accreditar que taes factos só se possam dar na Terra.

Que é a Terra diante dessas formidáveis massas de matéria, em que a porcentagem de espirito está na razão directa do seu movimento, do conteúdo que lhes transmite o impulso, e lhes traça a trajectória?

Ora, como não ha de ser mais desenvolvido que a nossa, uma intelligencia desabrochada, ao calor de astros, perfeitamente equilibrados nas suas estações, com céos tão lindos, com tão maravilhoso contingente de cores, a affluirem de todas as partes, ao influxo de primaveras que não são propriamente as nossas e que se desatam em flores, inteiramente desconhecidas á nossa natureza?

O' a leveza, a profusão radiosa, e incontrastavel dos painéis de Saturno! Que graça, que donaire, que perfeição nas mulheres que embellezam aquellas regiões embalsamadas e santas! Que lindos idyllios, que sonhos, que enlevos diante do seu scenario esplendoroso, transformando-se, a cada instante, em nuanças brilhantes, que a tudo transmittem a caprichosa variedade dos seus thesouros, mysteriosamente occultos nos seus anneis...

Luis Murat.

("Jornal do Brasil").

CAMBIO FIXOI

Chega-me ás mãos um folheto do sr. Luiz Piza, de S. Paulo, intitulado *Fixação do cambio* e publicado em 1921. São dois discursos pronunciados no Senado paulista sobre o magno problema do nosso papel e do seu urgente resgate.

E' uma voz autorizada, de lavrador e financista, a condemnar, com o duplo veredicto da doutrina e da experiencia, a lamentavel situação do nosso meio circulante.

Começa o seu primeiro discurso com estas palavras absolutamente verdadeiras: "Sr. presidente, qualquer esforço que a actividade nacional procure desenvolver no sentido de ampliar a sua riqueza, qualquer energia que se addicione ao trabalho de S. Paulo, augmentando a sua larga contribuição á vida material do Brasil, toda a intelligencia e vigor dos bons governos, bem inspirados e animados de estímulos patrióticos na boa direcção dos negocios públicos, tudo ha de desfazer-se ante a resistencia inerte do papel-moeda, que, constituindo o meio envolvente da nossa produção e do nosso consumo, não exercita as funções da moeda no que tem de salutar, efficiente e propulsor. Se nós produzimos muito para exportar largamente, o preço da nossa produção se deprime e avilta, em confronto com o seu custo já pago; dada uma grande safra e consequente necessidade de maior importação, o preço do consumo avulta em confronto com o valor venal da exportação: o papel-moeda, inerte e ao mesmo tempo rigido, quando apparelhamos a produção, tem elasticidade viperina quando exportamos ou importamos, para collocarnos em posição desfavorável deante dos consumidores e produtores estranhos." E paginas adiante: "Vê pois v. ex., sr. presidente, que eu sou por uma intensa colaboração da União e dos Estados no commercio do café. Não posso, porém, confiar no êxito prolongado e seguro de qualquer esforço antes que tenhamos moeda sã — a moeda universal, a moeda de ouro, que todos os povos deixam de considerar como simples mercadoria, para julgar o valorimetro de todas as utilidades do mundo." E mostra a impossibilidade do lavrador exportar directamente seus

productos forçado a vendel-os em Santos aos que dispõem da moeda de ouro. E conclue: "Com isso perdemos a possibilidade do maior lucro sobre a nossa produção, lucro que, em média, excede ao duplo do seu preço em Santos. Não pretendo que o fazendeiro vá vender o seu café na Europa ou nos Estados Unidos, mas quero que os nossos governos, de cégos e surdos, tornem possível que os lucros commerciaes do café se homologuem ao capital nacional brasileiro. O vinho europeu, valendo no Brasil 4\$000 a garrafa, dá á Europa 3\$500, deixando o Brasil 800 rs.; que o café, consumido em todo o mundo ao preço de 6\$000 o kilogramma, deixe ao paiz que o produziu 3\$000 apenas. Com isto seríamos, São Paulo e Brasil, as terras mais ricas do mundo!"

Como remediar o mal? O sr. Luiz Piza responde sem hesitar pedindo: 1.º, redução da paridade legal entre o ouro amoeado e o papel nacional de curso forçado, de 27 dinheiros esterlinos por mil réis a 10 dinheiros, guardada a mesma relação assim representada com as outras moedas de ouro estrangeiras e o metal em barra; 2.º, criação de uma caixa de emissão e resgate do numerário — repartição anonyma, destinada a receber em deposito, sem limitação alguma, o ouro, emitindo em troca, moeda-papel, de cunho e curso legal e a resgatar esse numerário com o ouro depositado, ao portador e á vista. Outras medidas apresentadas são méras providencias para effectivar a realização do resgate; impostos em ouro, empréstimo interno em ouro e prohibição de emissões futuras, de que falaremos depois.

O plano do sr. Euiç Piza é, mais ou menos, o que pretende executar o sr. Sampaio Vidal. Apenas o sr. Piza alarga fantasticamente o prazo da emissão para *cem annos*. Quer dizer: pelo plano do sr. Piza iríamos ter cambio ao par, moeda ouro definitiva no Brasil, lá para o outro centenário!

E argumenta assim: "O resgate breve do papel, quasi momentâneo, seria um desastre, como o foi na Italia. Todos os negocios do paiz se estagnariam, para dar a este sómente a troca do papel por ouro. Seria uma grêve universal e a misé-

ria consecutiva e o desastre e o desgano e o retrocesso." Pura fantasia. A Inglaterra e a Rússia o fizeram rapidamente sem que o mundo viesse a baixo; ao contrario, com resultados admiraveis. Mas o sr. Piza prosegue: "O resgate demorado, mas á taxa de 27, seria uma bonificação indevida a um papel longamente depreciado. A necessidade, porém, do resgate é tão urgente que, a deixar de fazel-o, seria melhor que o fizéssemos a 27 desde que se dêsse um largo prazo para a sua execução. S. Paulo mesmo que trabalha e perde todos os dias sommas enormes, poderia arcar sozinho com a responsabilidade decorrente, se a União pudesse garantir que o não perturbaria com outras emissões. O resgate, como o propo-nho, custará, no fim de cem annos, cerca de £ 100.000.000; ao cambio de 27 seria de £ 170.000.000."

Não discutamos a quebra do padrão. Nenhuma importancia tem. Se vamos criar nova moeda ouro, podemos fazel-o ao nosso arbitrio; mas se desde 1849, nosso padrão é 27 dinheiros por mil réis, nada se oppõe a mantel-o doravante.

O sr. Luiz Piza espanta-se com o resgate rápido e feito a 27. Esse processo traz realmente perturbações, consignadas por Courcelle Seneuil: "Assim, na Inglaterra todos os contractos de credito haviam sido alterados, de 1797 a 1814, ás expensas dos credores e lucro dos devedores; de 1814 a 1821, ao contrario esses mesmos contractos foram alterados com prejuizo dos devedores e lucro dos credores. O arrendatario a longo prazo, o devedor de uma renda constituída antes de 1797 pagaram até 1821 menos do que deviam; o arrendatario e o devedor da renda cujos compromissos remontavam a 1813 ou 1814, pagaram até expirarem seus contratos mais do que deviam. Quanto ao Estado, particularmente, a divida contraída sob o regimen do papel-moeda avultou em proporções consideráveis ao serem remotados os pagamentos em espécies, ao par das notas do banco de Inglaterra."

Entre nós o inconveniente seria muito maior dada a depreciação gravissima da nossa moeda. O máximo da depreciação ingleza, em 1814, foi de 25 l. 2 sh. e 6 d. por 100 libras, pouco mais de 25 %, ao passo que a nossa é de 400 %. Se o



Estado fosse liquidar ao par sua dívida interna, contraída com o cambio abaixo de 16, teria avultadíssimo prejuízo. Os arrendamentos e alugueis a longo prazo iriam, continuando a mesma estipulação dos contractos, redundar em gravame insupportavel para os arrendatarios. Estes, feita a conversão, teriam de pagar, cerca de *quatro vezes mais*, arrendamentos e alugueis. Por isso, quando em 1839, a Rússia resolveu a conversão rapida, tomou como base o valor rublo nesse anno. Um rublo de prata equivale a *tres e meio* de papel; era, pois, uma depreciação quasi igual á nossa. O governo russo decretou que a substituição das notas se faria sempre, até completar-se o resgate do papel, nessa proporção. Evidentemente os títulos de dívida interna soffreram a mesma equiparação. "Assim, diz-nos o autor citado, a Rússia, depois de ter padecido as vicissitudes commerciaes e as crises occasionadas pela depressão do papel-moeda, escapou á crise possível com o reencetamento dos pagamentos em especie."

Como medida adicional facilimo seria decretar uma revisão geral dos contratos com as deduções indicadas pelo cambio do dia em que foram assignados. Igual redução nas tabellas de vencimentos. Os receios do sr. Luiz Piza não têm base. Como affirmei na minha carta ao sr. presidente da Republica, o resgate deve ser operação rapida. Pretender uma substituição paulatina e gradual é inteiramente absurdo. Os lastros se sumiriam em pouco tempo e voltaríamos ao curso forçado, sem duvida possível.

Para terminar chamo a attenção dos illudidos com a magica da quebra do padrão, para a primeira medida reclamada e defendida pelo sr. Piza: redução da paridade legal entre o ouro amoadado e o *papel nacional de curso forçado*, de 27 dinheiros esterlinos por mil réis a 10 dinheiros. . . ! ! !

Leia bem o leitor. Não se trata de uma quebra de padrão para instituir-se moeda ouro. Isto é sempre possível e natural; as vezes, util. Assim, poderíamos, ao fazer a conversão, estipular que o nosso mil réis (de base ouro), não corresponderia doravante a 27 dinheiros, mas a 12 ou a 10. Não é isso porém o que deseja o sr. Piza; elle quer a equiparação legal do nosso actual papel, do papel depreciado, que em 1921 valia, mais ou menos, 10 dinheiros por mil réis. Mas nem isso é quebra de padrão, nem ha vantagem nisso. Só ha vantagem da fixação do *cambio para a conversão*. Esta seria, agora, a da medida actual. Quanto ao cambio internacional esse independe da vontade do governo, mormente pelo prazo de um século conforme se deduz das asserções do sr. Piza.

O sr. Piza é inimigo acérrimo das emissões de curso forçado, mas o seu projecto, mormente com aquelles effeitos commercias e auxilios á produção nacional, acabaria num desabalado ensinamento. Estaremos longe delle?

José Oiticica.

("Correio da Manhã").



AS CARICATURAS DO MEZ

A SUCESSÃO PRESIDENCIAL



Jéca — Essa corrida é muito engraçada...
Eu sirvo de juiz mas... só nos papê!...

(D. QUIXOTE)

«Ribeirão Preto apresentou a candidatura Altino Arantes para a próxima presidência do Estado».



[Jiça — Bem bão! Este sóbe premero p'ra cahi antes dos outros..

CD. QUIXOTE)

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

E LONDRES

**Papel, materiaes para
construcção, aço e
ferro, anilinas e
outros productos chimicos.**

m w B E s a e



DIABETICOS

y / W. ————)) ———— ® preciso combater a perda
XI ———— de assucar. tonificar o or-
ganismo. regularisar as funcções dos órgãos internos
essenaaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção
digestivo pelo uso da

GLYCOSURINA



herolco medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO . SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Us2-se de 3 a 6 colheres V t ^
tíe chá por dia em a g u a ^ ^ s ^ ^

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá

São as mais recommendaveis
para a lavoura, segundo expe-
riencia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil. : : : :

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

**Correias - Óleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.**

CLING SURFACE massa sem rival para con-
servação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisa-
do para encanamentos de agua, etc.

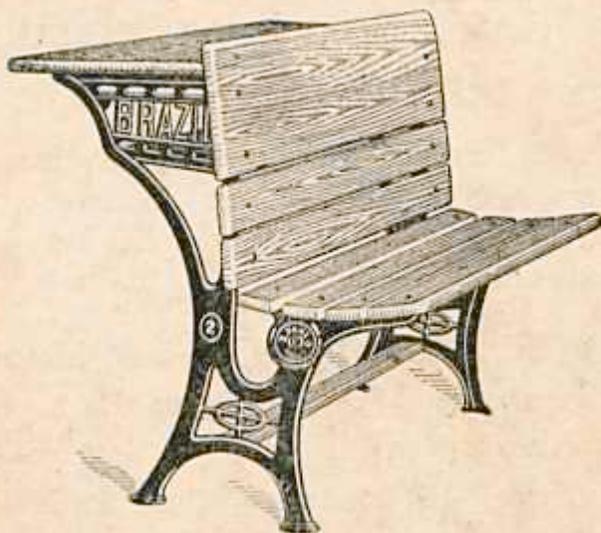
PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO



Moveis Escolares I



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas: Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á

FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES

"EDUARDO WALLER"

— DE —

J, Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

SÃO PAULO

i ::